

(organizadores)
Luciano Klein Filho
Marcus V. Monteiro
Rogério Silva
(do Centro de Documentação Espírita do Ceará)

Mensagens de
Além-Túmulo

Série de reportagens históricas
sobre Chico Xavier em 1935

AGRADECIMENTOS:

Ada Bennett
Ana Maria Iório Dias
Ary Bezerra Leite
Célio Alan Menezes
Divaldinho Matos
Eduardo Carvalho Monteiro
Gian Cario Chino
Kelma Matos
Maria do Carmo C. Soares
Paulo Marques do Vale
Samuel Nunes Magalhães
Wilson Cantai

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	15
O PRIMEIRO LIVRO E A MISSÃO.....	15
PALAVRAS MINHAS	17
O "INSTRUMENTO" MANOEL QUINTÃO.....	17
"REFORMADOR" PASSA A PUBLICAR POESIAS	18
A OPINIÃO DE HUMBERTO DE CAMPOS AQUI E ALÉM.....	19
MENSAGENS DE ALÉM-TÚMULO.....	20
O PORQUÊ DA OBRA	23
O REPÓRTER.....	27
O MÉDIUM CHICO XAVIER	29
UM POETA DO OUTRO MUNDO	31
CAPÍTULO I	
Ampla reportagem em torno do modesto caixeiro que transmite ao público as crônicas póstumas de Humberto de Campos.....	33
O Mesmo Rumo do Caçador de Esmeraldas	34
Simpatia	34
Dois Desconhecidos	35
A Missão.....	35
Um Pretexto	35
Coisas do Capeta.....	36
O Impossível	37
Anedotas e Mistérios	37
O Assunto Mata-borrão	38
Espiritismo e Animismo	38
A Chave do Enigma.....	40
Magnetismo Mau-olhado	40
CAPÍTULO II	
Frente a frente com Francisco Cândido Xavier, o homem que afirma receber as crônicas de Humberto de Campos	41
O Imprevisto	42
Lápis e Objetiva à Mostra	43
"Um Caso que Fica sem Solução"	43
O Confidente Humilde da Morte	43
As Confidencias	44
CAPÍTULO III	
Humberto de Campos entrevista Judas Iscariotes	

no Outro Mundo?! Uma crônica do autor dos "Párias" que o médium de Pedro Leopoldo diz ter recebido em 15 de abril	47
Jesus ou Barrabás?	48
Dentro da Noite	49
Carmen Cinira! Carmen Cinira!	49
Humberto	50
Judas Iscariotes	51
No Rumo do Impressionante	54

CAPÍTULO IV

Revelando a estranha vida de um Médium	55
A Estranha História de Um Médium.....	55
Preces de Menino, na Solidão.....	56
"Lembranças que não Eram da Minha Vida"	56
Reze!	57
Minha Cabeça não é Minha!	57
"Não Foi Você quem Escreveu Isto"	57
Alucinações	57
"Ai Vem o Médico, Mas não Adianta"	58
Perasso, o Feiticeiro	58
Doutrinando o Espírita.....	58
Espíritas.....	59
Nunca Viu Fantasma.....	59
Onde Aparece o Nome Ilustre dos Brissac	60

CAPÍTULO V

Inicia-se a fase mais decisiva da reportagem, em plena sessão espírita.....	63
Frases em Inglês	63
Um Sacerdote Falecido no Rio, Em 1902	64
Proposta de um Desconfiado	65
Os Presentes	65
"Nossa Corrente é Forte"	65
Espíritos e Rapadura	66
Proletário	66
Gente em Pé, Sentada, Montada	66
As Calças Remendadas	66
Na Sala das Sessões	67

CAPÍTULO VI

Versos de Cruz e Sousa, Quental e Auta de Sousa, psicografados na sessão de 24 de Abril	69
Fatalidade	71
As Fronteiras de Cinza e Esquecimento.....	71
Sombras Errantes e Abandonadas	72
A Derradeira Mensagem	73

CAPÍTULO VII

Prossegue a reportagem de *O Globo* em torno do médium de Pedro Leopoldo⁷⁵

Outras Dúvidas	75
A Resposta Vem do Outro Mundo	76
As Barbas Brancas	77
Freud, etc	77
Seria Muito Tolo!.....	77
Assombrações no Outro Mundo.....	78

CAPÍTULO VIII

Outra crônica de Humberto de Campos	79
Na Mansão dos Mortos	79
O "F"	83

CAPÍTULO IX

Chico Xavier está assombrado... com os vivos!	85
Agora Sim	85
A Inundação	86
A Primeira Novidade.....	86
No Balcão.....	86
O Homem e o Espírito.....	87

CAPÍTULO X

"Meu Brasil querido", ainda escreve Casemiro de Abreu	89
O Estranho Noturno	91
Como Num Transe	91
Mecanicamente	91
Entre Este e o Outro Mundo	92
Auditivo	92
Fenômeno Dentro de Outro Fenômeno?	92
Música e Sonho Consciente	92
Os Espíritos e a Pátria	93
Espíritos que Parecem Vivos.....	93
O Noturno, o Sono e o Sonho	93

CAPÍTULO XI

Emmanuel.....	95
Com odr. Cristiano Otoni	96
Fui seu Examinador	96
A Mensagem em Inglês.....	97
O Erro a uma Pergunta	98
A Resposta	98
A Mensagem em Italiano	98

CAPÍTULO XII

O repórter de <i>O Globo</i> consegue a primeira entrevista no País das Sombras!	101
O Jornalista e o Mistério.....	102

A Intenção	102
Precipitam-se os Acontecimentos	102
A Dificuldade.....	103
A Amável Possibilidade.....	103
A Porta Abre-se.....	104
A Pergunta.....	104
A Resposta	104
CAPÍTULO XIII	
Um minuto emocionante da reportagem de <i>O Globo</i> em Pedro Leopoldo.....	107
Um Monstro e um Susto	108
A "Linha Negra"	108
Outras Visitas	109
A Presciência do Professor Tão Júnior.....	109
O Aura	110
Uma Batida à Porta	110
CAPÍTULO XIV	
Dois médicos procuram pôr à prova o médium de Pedro Leopoldo	111
Mais um Teste.....	111
Pois, Não!	112
Pouco mais de Hora e Meia.....	112
A Consulta sobre o Diabetes.....	112
A Resposta do Além	113
Uma Observação	113
Uma Série de Perguntas para Hoje.....	114
CAPÍTULO XV	
Como em Delphos, a voz dos Oráculos alvoroça Pedro Leopoldo	115
O Oráculo	115
A Romaria Espiritual	116
A Ronda das Indagações.....	116
Até um Boato	116
Outra Entrevista?	116
Uma Série de Perguntas.....	117
CAPÍTULO XVI	
Chico Xavier psicografa, diante do repórter, a resposta a uma nova pergunta	119
A Queixa de Aquiles	120
Ponha as Perguntas Aqui.....	120
Iniciam-se os Trabalhos.....	121
Versos	122
Virtuosismo.....	122
"A Vossa Ciência não Conhece o Homem Integral"	122

Bezerra de Menezes?	123
CAPÍTULO XVII	
O humilde caixeiro de Pedro Leopoldo de novo escreve para este mundo a palavra de sabedoria do "País das sombras invisíveis"	125
Relembrando	125
Entrevista.....	126
A Vida é, para a Alma, O Eterno Presente	126
Onde Reencontramos um Pouco de Krishnamurti	126
Os Monstros de Outras Eras e os Instintos de Hoje	128
O Sonho e sua Ascendência Fisiológica.....	128
Bilac e Augusto dos Anjos.....	128
A Sensação da Morte.....	128
CAPÍTULO XVIII	
Grande sensação produzida por uma estranha mensagem	131
A Estranha Mensagem.....	131
Uma Observação	132
"Aqui Está a nossa Grande Mensagem"	132
Ainda o Artigo "The"	132
Os Versos	134
Uma Consulta Mental	135
CAPÍTULO XIX	
Emmanuel leva-nos a uma audaciosa excursão para lá dos limites da matéria!.....	137
O Corpo Espiritual.....	137
A Vida Corporal, Expressão da Morte	138
Inacessível aos Processos de Indagação Científica	138
Respondendo a Objeções	139
Darwin e as Gêmulas	139
Hipótese a Afastar.....	139
Através dos Escaninhos do Universo Orgânico.....	140
O Santuário da Memória.....	140
O Prodigioso Alquimista.....	140
Alma e Corpo.....	141
A Evolução Infinita.....	141
CAPÍTULO XX	
Chico Xavier responde a três delicadas perguntas de um estudioso em assuntos financeiros.....	143
A Economia Dirigida é um Erro? Etc.....	143
Não é Apenas o Ouro a Alma da Emissão.....	144
Uma Questão de Política Administrativa	145
A Economia Dirigida não é um Erro.....	145
Oliveira Martins	146
"A Síntese é a Alma da Verdade"	146

CAPÍTULO XXI

Homens de ciência e curiosos em grande romaria	
a Pedro Leopoldo!	149
Perguntas	149
A Alma do Cristal	150
Na Esperança de que Humberto Venha.....	152

CAPÍTULO XXII

Se o bem vem de Deus, de onde provém o mal?	153
Inicia-se o "Transe"	153
A Orientação das Gêmulas na Formação dos Embriões.....	154
De onde Provém o Mal?.....	154
A Hora da Morte	155
A Mensagem Inacabada.....	155

CAPÍTULO XXIII

A ciência dos Espíritos é a nossa ciência	157
O Envelope Lacrado	157
As Invocações e o Perigo da Auto-sugestão	158
"Não Conheço esse Idioma"	158
A Ciência Deles é a Nossa.....	159
O Único "Fantasma" Dentro do Universo	159
Humberto, Ainda desta Vez, não Compareceu.....	160
Tentemos o Inglês.....	160

CAPÍTULO XXIV

"Não se pode negar. Estamos diante de um fenômeno lídimo, visto, presenciado"	161
O Observador Tenaz	162
"É um Fenômeno Lídimo"	162
"Não há Possibilidade de Elaboração Individual" 162	
Quanto Menos se Creia, Mais Sensacional é o Caso	163
Um Esclarecimento sobre Perasso	163

CAPÍTULO XXV

O Adeus comovente de Humberto de Campos ao médium humilde de Pedro Leopoldo.....	165
Silêncio e Espera	166
A Última Mensagem de Humberto	166
"Trago-lhe o Meu Adeus Sem Prometer Voltar Breve"	167
"A Moeda Eterna"	169

CAPÍTULO XXVI

Berthelot, o frio pesquisador da matéria, fala-nos agora do filamento imponderável que une o visível ao invisível, o finito ao infinito!	171
Algumas Viagens Perdidas	172
Berthelot Fala-nos sobre a Sobrevivência do Ser Consciente	172

"... E como Qualquer Homem, Também Morri"	173
Intoxicação de Materialismo.....	173
O Filamento Imponderável que Une o Finito ao Infinito.....	173
E Foi por isso que a Minha Filosofia Foi Amarga	174
Hesitações que Valem Como Princípios	
Fundamentais da Crença.....	174
Um Materialista em Busca da Fé.....	174
Agi Mal... Agi Bem	• 174
A Defesa das Consciências Contra o Absurdo Dogmático	175
E a Ciência e a Religião se Reunirão em Deus	175
E a Perspectiva Imensa que se Abre com A Morte	175
O Embrião Promissor da Química Espiritual e	
da Renovação	176
Como Sempre, no Rumo das Verdades Eternas	176
A Ciência nos Aproximará de Deus	176
CAPÍTULO XXVII	
As últimas revelações de Chico Xavier	177
Poesias de Antero de Quental e Augusto dos Anjos	178
LLVROS PSICOGRAFADOS POR FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER	181
CRONOLOGIA DA VIDA DE CHICO XAVIER.....	193

A NUMERAÇÃO DAS PÁGINAS CORRESPONDE AO VOLUME IMPRESSO, NÃO A ESTE LIVRO DIGITAL.

AS FOTOS FORAM RETIRADAS PARA DIMINUIR O TAMANHO EM BITS

INTRODUÇÃO

O PRIMEIRO LIVRO E A MISSÃO

O ano de 2002 foi significativo para os espíritas por motivo de duas datas: 30 de junho, quando cumprindo sua missão na Terra com todos os louvores em meio à alegria do penta no futebol brasileiro, desencarna Chico Xavier, o médium que mais vivenciou os princípios doutrinários espíritas conforme a obra da Codificação Kardequiana; e, pouco noticiado pela imprensa espírita, os 70 anos da edição da obra *Parnaso de Além-Túmulo*, lançada em 6 de julho de 1932 e que povoou as manchetes da imprensa de então no Brasil. Um jovem caixeiro de armazém, semi-analfabeto, seria o instrumento mediúnico do *best-seller* que trazia poesias de vates desencarnados nos seus mais puros e distintos estilos? Era demais para os cétricos de plantão.

Hoje sabemos que o "Parnaso" e toda a preparação daquele modesto caixeiro estava inserida num primoroso planejamento espiritual que visava a fortalecer as raízes da Doutrina Espírita no Brasil e no mundo, bem como foi o marco da grande missão iniciada por este mensageiro da luz: Francisco Cândido Xavier.

Em 1935, ano em que foram produzidas e editadas as reportagens no Jornal "O Globo", recuperadas e trazidas a público com comentários por este *Mensagens de Além-Túmulo*, Chico Xavier só havia editado mais um livro, *Cartas de Uma Morta*, de autora espiritual desconhecida do grande público, mãe desencarnada do médium. O Brasil vivia, portanto, ainda sob o impacto do "Parnaso", obra que se constituiria num marco para os praticantes do Espiritismo e apresentaria ao país o grande missionário e líder espírita, conquanto Chico Xavier nunca tivesse se colocado como tal. A grandeza de seu Espírito, a humildade refletida em sua maneira singela de viver e de tratar as pessoas, a nobreza de seu caráter, as virtudes reconhecidas até mesmo por profítes de outras religiões e o respeito adquirido de todos os segmentos da sociedade brasileira iria se sedimentar ao longo dos anos como reflexo da conduta e dos exemplos de um homem reconhecidamente superior.

Por esse motivo achamos importante introduzir esta preciosa obra, lembrando um pouco das circunstâncias em que nasceu o *Parnaso de Além-Túmulo* e a mediunidade psicográfica de Chico Xavier.

Apesar de sua vivência mediúnica ter-se iniciado aos cinco anos de idade, Chico considera sua iniciação mediúnica a noite de 8 de julho de

1927, uma sexta-feira, no Centro Espírita "Luiz Gonzaga", em Pedro Leopoldo/MG, quando a médium Dona Carmen Pena Perácio avisou que um espírito amigo me recomendava tomar o lápis junto ao papel que se achava sobre a mesa, a fim de tentar a psicografia por meu intermédio. Obedeci ao conselho recebido e, de imediato, um amigo espiritual escreveu dezessete páginas, usando a minha mão, com grande surpresa de minha parte, conquanto registrasse fenômenos mediúnicos em minha experiência pessoal desde a infância. Essa primeira mensagem psicográfica que recebi era um apelo ao cumprimento de nossos deveres espíritas, perante Jesus, e veio assinada simplesmente por "um amigo espiritual".

Como seria previsível numa missão do porte da de Chico Xavier, o ambiente e as pessoas que deveriam orientá-lo estavam encaixadas em seu caminho, e D. Carmen Perácio era uma dessas pessoas, talvez a mais importante, e que lhe preveniu de sua missão junto aos livros, como conta Chico: *A única pessoa, entre os irmãos encarnados, que me avisou sobre isso foi nossa irmã D. Carmen, a médium abnegada que me orientou os passos iniciais na Doutrina Espírita. Lembro-me que na noite de 18 de janeiro de 1929, numa sexta-feira, findas todas as atividades da sessão evangélica, ela me disse ter visto um quadro espiritual, mentalizado por um espírito benfeitor de nossa casa. Afirmou nossa irmã que vira muitos livros em torno de mim, trazidos por irmãos desencarnados. Eu não tinha qualquer pensamento a respeito do assunto e não tendo ouvido bem a palavra "livros", protestei alegando que não merecia, de modo nenhum que os espíritos superiores me trouxessem "lírios". Julguei que ela se referisse a essas flores. Os presentes riram-se fraternalmente, diante de minha surpresa, e ela explicou que se tratava de "livros". O incidente de minha incompreensão marcou o aviso, a tal ponto, que D. Ornélia Gomes de Paula, nossa companheira de ideal espírita anotou a data do aviso de D. Carmen e me deu essa nota, por escrito...*

Quanto ao Benfeitor, soube-se posteriormente tratar-se de Emmanuel, que em 1931 se apresentaria ao médium falando-lhe de sua tarefa junto aos livros mediúnicos.

PALAVRAS MINHAS

Ninguém melhor do que o próprio Chico para reviver aqueles momentos, conforme relata no prefácio do "Parnaso": *Nunca pude aprender senão alguns rudimentos de aritmética, história e vernáculo, como são as lições das escolas primárias. É verdade que, em casa, sempre estudei o que pude, mas meu pai era completamente avesso às minhas vocações às letras, e muitas vezes tive o desprazer de ver meus livros e revistas queimados.* Chico não conta nesse prefácio, mas tinha o costume de recortar poesias, prosas e gravuras de quadros famosos que eram publicados nas revistas da época, como *Fon-Fon, Tank, Cigarra* e outras e os

colar em um desgastado livro-caixa da mercearia em que trabalhava, conforme o estudo apresentado em tese universitária intitulada "Chico Xavier em Comunicação", desenvolvimento pela professora da PUC-SP Magali Fernandes, em 2001, que teve o grande mérito de resgatar essa preciosidade de muitas décadas depois das mãos de um amigo de juventude de Chico em Pedro Leopoldo.

Continua Chico em "Palavras Minhas": *Julgo do meu dever declarar que nunca evoquei quem quer que fosse; essas produções chegaram-me sempre espontaneamente sem que eu ou meus companheiros de trabalho as provocássemos e jamais se pronunciou, em particular, o nome de qualquer dos comunicantes, em nossas preces. Passavam-se, às vezes, mais de dez dias sem que se produzisse escrito algum, e dia houve em que se receberam mais de três produções literárias de uma só vez. Grande parte delas foi escrita fora das reuniões e tenho tido ocasião de observar que, quanto menor o número de assistentes, melhor o resultado obtido.*

Muitas vezes, ao recebermos uma dessas páginas, era necessário recorrermos a dicionários, para sabermos os respectivos sinônimos das palavras empregadas, porque tanto eu como meus companheiros as desconhecíamos em nossa ignorância...

Estas palavras repletas de ingenuidade de um jovem que palmilhava os primeiros passos do serviço mediúnic revelam quão autênticas eram aquelas comunicações que viriam ser o divisor de águas da missão evangélica espírita na Pátria do Cruzeiro.

○ "INSTRUMENTO" MANOEL QUINTÃO

Hesitante, Chico Xavier, após ter acumulado muitas poesias psicografadas, sem ter grande noção do tesouro que lhe foi colocado às mãos pelos *espíritos*, decidiu enviá-las a Manoel Quintão, da Federação Espírita Brasileira. Artigo do confrade Marechal Michelena, do Rio Grande do Sul, relata o entusiasmo da primeira reação de Quintão: Em 1931, enquanto ultimávamos o Curso do Instituto Geográfico Militar, desfrutávamos a preciosa amizade de Manoel Quintão, vice-presidente da FEB. Um dia após o almoço conjunto, fomos à sala daquela Instituição onde ele atendia o receituário homeopático a seu cargo e que secretariávamos. Na correspondência, sobre a mesa, um enorme envelope recheado, despertando-nos a curiosidade. Aberto, verificou-se se tratar de um jovem de 21 anos de idade. Dizia ele: "Sr. Quintão, tenho deficiente instrução primária, o que não me impede de perpetrar alguns versos de pé quebrado. Sucede, porém, que, há alguns anos, mas especialmente agora, ao termo de sessões mediúnicas de cura de um parente próximo, venho recebendo vasta coletânea de versos cuja autoria não é minha, mesmo porque, em suas assinaturas, figuram nomes de consa-

grados poetas brasileiros e portugueses já mortos. Sabendo-o filólogo e também poeta, venho pedir-lhe valioso testemunho seu, em relação à eventual fidelidade dos vários estilos daqueles autores. Isso porque, repito, os versos, em absoluto, não são meus e uma vez que nenhum esforço mental me exigiram, salvo quanto à simples grafia intuitiva e semi-mecânica".

Quintão, pela primeira vez, no Rio, leu para nós aquelas jóias poéticas de um Augusto dos Anjos, um Casimiro, um Guerra Junqueiro, um Castro Alves... Entusiasmado, saiu pelas salas contíguas a deliciar, com aquelas primícias, os companheiros presentes. Responde para o Chico: "Mande tudo o que tiver aí! São legítimos os estilos dos versos. Quero-os para a primeira edição do Parnaso de Além-Túmulo que, se Deus quiser, sairá muito breve!"

"REFORMADOR" PASSA A PUBLICAR AS POESIAS

Desde então a revista Reformador, da FEB, passa a noticiar a vida de Chico Xavier e a reproduzir as psicografias em suas páginas, principalmente na coluna de Quintão, denominada "Casos e Coisas".

O número de 16 de abril de 1932 traz a auspiciosa informação de que a obra estava no prelo e judiciosos comentários de Quintão: De fato, nada menos suscetível de imitação que o estilo do homem, o que faz correta a frase — O estilo é o homem.

Admitimos que, com tempo, paciência e aptidões especiais, possa alguém se apossar da técnica de um grande escritor, a ponto de iludir os menos argutos, conhecedores do mister.

De um, mas não de muitos escritores, entenda-se, e isto na prosa, porque, no verso, a empresa se torna quase, se não de todo, insuperável.

(...)Assim, para inquinarmos de fraudunas as poesias que ora nos oferece o médium polígrafo Xavier, haveríamos de o supor, antes de tudo, um tolo, deslocado do seu tempo e do seu meio, e depois de tudo um faiscador de não menos velhos patrimônios literários.

Mineração passadista, ao demais inútil, porque nem admite proventos pecuniários, de vez que ele tudo cedeu e concedeu a benefício da Federação com vistas à propaganda.

E Xavier é jovem, é mesmo muito jovem e pobre de bens materiais...

Apesar de anunciado seu lançamento para junho de 1932, a aguardada obra vem à lume em 6 de julho desse ano com 156 páginas e prefácio de Manoel Quintão ao preço de 5\$000 a brochura e 7\$000 o volume encadernado. As edições que se seguiram ganharam novas produções que passaram a ter 56 poetas e 259 produções literárias.

Ao final de 2002, informação colhida junto a FEB nos dá conta que o "Parnaso" encontra-se em 16ª Edição, totalizando 88 milharões de exemplares. Nesse ano, em comemoração ao septuagésimo aniversário de lan-

çamento, a FEB lançou uma Edição Comemorativa em homenagem ao Autor Mediúnico Chico Xavier com 462 páginas e, a data programada — 6 de julho — quase vem a coincidir com o desencarne do médium a 30 de junho de 2002.

A OPINIÃO DE HUMBERTO DE CAMPOS AQUI E ALÉM

Eu faltaria ao dever que me é imposto pela consciência, se não confessasse que, fazendo versos pela pena do Sr. Francisco Cândido Xavier, os poetas de que ele é intérprete apresentam as mesmas características de inspiração e expressão que os identificavam neste planeta. Os temas abordados são os que os preocupavam nesta vida. O gosto é o mesmo e o verso obedece, ordinariamente, à mesma pauta musical. Frouxo e ingênuo em Casimiro, largo e sonoro em Castro Alves, sarcástico e variado em Junqueiro, fúnebre e grave em Antero, filosófico e profundo em Augusto dos Anjos... Assim manifestou-se um admirado Humberto de Campos, do alto de sua Cadeira de Presidente da Academia Brasileira de Letras, em sua crônica de 10 de julho de 1932 no Diário Carioca, intitulada "Poetas do Outro Mundo". Como não poderia deixar de acontecer, sua crítica favorável e de referendo à obra provocou grande impacto sobre o público.

O Presidente da Academia não deixou o assunto esfriar, por ter lhe causado as mais vivas impressões e, dois dias depois, retorna ao tema na crônica "Como cantam os mortos" para afirmar: O Parnaso de Além-Túmulo, do Sr. Francisco Cândido Xavier, cujos objetivos examinei em artigo anterior, merece trato mais grave e demorado. E depois de detalhar suas análises de poetas e seus estilos, muitos dos quais conviveu pessoalmente, conclui: O Parnaso de Além-Túmulo merece, como se vê, a atenção dos estudiosos, que poderão dizer o que há nele, de sobrenatural ou de mistificação.

Quis o destino, que dois anos depois Humberto de Campos viesse a desencarnar, antes de completar 50 anos, e a segunda edição do "Parnaso" em 1935, saísse com um prefácio seu do Plano Espiritual sob título "De pé, os mortos!": *Pede-me você uma palavra para o intróito do Parnaso de Além-Túmulo que aparecerá brevemente em nova edição.*

A tarefa é difícil. Nas minhas atuais condições de vida, tenho de destoar da opinião que já expendi nas contingências da carne.

Os vivos do Além e os vivos da Terra não podem enxergar as coisas através de prismas idênticos, imagine se o aparelho visual do homem fosse acomodado, segundo a potencialidade dos raios X: as cidades estariam povoadas de esqueletos, os campos se apresentariam como desertos, o mundo constituiria um conjunto de aspectos inverossímeis e inesperados.

Cada esfera da vida está subordinada a certo determinismo, no domínio do conhecimento e da sensação.

(...) Parnaso de Além-Túmulo sairá de novo, com a mensagem harmoniosa dos poetas que amaram e sofreram. Carmen Cinira aí está com os sonhos desfeitos, de mulher e de menina, Casimiro com a sua sensibilidade infantil, Junqueira com a sua ironia, Antero com a sua rima austera e dolorosa.

Todos aí estão, dentro de suas características.

Os mortos falam e a Humanidade está ansiosa, aguardando a sua palavra.

(...) — *De pé, os mortos!... exclama-se, porque os vivos da Terra se perdem nos abismos tenebrosos.(...)*

Humberto de Campos iniciou aí uma profícua parceria com o médium Chico Xavier que resultou em doze livros publicados pela FEB.

MENSAGENS DE ALÉM DE TÚMULO

Discorremos sobre os setenta anos de *Parnaso de Além-Túmulo* e nada melhor que fechar o ano de 2002 com esta obra de resgate histórico importantíssimo mostrando uma fase da biografia do médium Francisco Cândido Xavier pouco conhecida, mas muitíssimo importante para a preservação da memória do espiritismo, porque Chico Xavier não foi apenas um tarefeiro bem-sucedido, foi o grande líder espírita mundial do século XX e início do XXI, o orientador e inspirador de centenas de Instituições espíritas e transmissor pela psicografia de quase 500 obras disseminadoras de cultura, paz e consolo.

As editoras USE e Madras Espírita sentem-se, portanto, jubilosas de poder oferecer aos públicos espírita e não-espírita esta importante obra sobre Chico Xavier e ter a oportunidade de divulgar o trabalho do Centro de Documentação Histórica do Ceará que, cumprindo com louvor as finalidades pelas quais foi criado, já publicou outras valiosas obras de resgate histórico sobre Bezerra de Menezes, Vianna de Carvalho, vultos Espíritas Cearenses e acrescenta agora à bibliografia espírita este *Mensagens de Além-Túmulo*, Série de Reportagens Históricas sobre Chico Xavier em 1935.

Eduardo Carvalho Monteiro
Coordenador da Madras Espírita

O PORQUÊ DA OBRA

Chico Xavier partiu. Deixou atrás de si um rastro luminoso, via-láctea de estrelas em fulgurações encantadoras. Epílogo de uma vida serena e límpida, resultado das projeções mentais, dos pensamentos de gratidão de milhares de almas beneficiárias do seu amor. Agora, no âmago de todos nós, uma pergunta inelutável: quando aparecerá outro Chico Xavier?

Espíritas, pregamos e temos conhecimento da transcendência do ser, da imortalidade da alma. Sabemos que ele regressou, preexcelso e triunfante, às regiões felizes da Espiritualidade e recebeu, efusivamente, numa das mais belas recepções da História do Cristianismo, aplausos e abraços de outros que, a exemplo dele, vivenciaram na Terra, em sua totalidade, a grandiloqüente mensagem do Amor.

Mas, Chico partiu! É impossível não sentir saudade. Saudade sua, saudade, também, daqueles que, por seu intermédio, nos legaram lições de sabedoria: os romances de Emmanuel, as crônicas do Irmão X, os relatos impressionantes de André Luiz, as poesias dos grandes vates, a mensagem natalina de Maria Dolores... Como não sentir saudade? Alguém, no entanto, objetará que outros médiuns nos passarão — como, aliás, já nos transmitem — elucidações desses missionários do Plano Maior. Sim! sabemos que é perfeitamente possível. Mas, e o perfume impregnado nas mensagens de Chico? Este era peculiar de sua alma, era único, exclusivo, inimitável...

Nosso empenho em publicar um volume — modesto, embora — sobre o Apóstolo de Pedro Leopoldo representa singelo tributo da família espírita da terra de Bezerra de Menezes, que, ao lado de Chico, são, indubitavelmente, as maiores expressões da História do Espiritismo no Brasil.

Este livro é um dos primeiros a serem lançados, depois do recente desenlace de Chico. Porém, esta não foi a causa determinante de sua editoração. Vínhamos, já fazia algum tempo, coletando informações para ilustrar o riquíssimo documentário que ora divulgamos. Não se trata de uma biografia — esclarecemos —, e condições não teríamos de produzi-la. Muitas penas, credenciadas, já escreveram sobre Chico Xavier, que sempre foi, no meio espírita, o cerne de múltiplas atenções. Trata-se, isto sim, do resgate de um tesouro extraído das páginas amarelecidas de velhos jornais, que a poeira do tempo encobria havia 67 anos.

Ao professor Ary Bezerra Leite, nosso confrade e amigo, devemos a descoberta desse tesouro. Como aconteceu? Durante um trabalho de pesquisa relacionado com a história do jornal *O Povo* — o mais antigo em circulação no Ceará —, ele deparou-se com uma série de reportagens sobre Chico Xavier, que o vespertino local transcrevera do periódico *O Globo*, do Rio de Janeiro, no ano de 1935. É, seguramente, a primeira reportagem de âmbito nacional, inserida nas páginas de um órgão laico, a respeito do fenômeno Chico Xavier. Ele, na época, maravilhava o Brasil com o

recente lançamento da coletânea *Parnaso de Além-Túmulo*. Gentilmente, Ary nos repassou este tesouro há quatro anos.

As reportagens de *O Globo* e de *O Povo* são documentos de incalculável valor histórico. Descrevem detalhes, nuances da vida de um humilde caixeiro de uma cidadezinha do interior das Minas Gerais, médium de 25 anos, e nos falam também do cotidiano e da vida social de quantos o rodeavam. Ademais, o documentário, reproduzido integralmente (alguns biógrafos de Chico fizeram alusão a essas reportagens tendo, um ou outro, reeditado fragmentos das mesmas), traz informações desconhecidas sobre Chico Xavier, bem como algumas peças literárias inéditas e outras originais, sem retoques, que, mais tarde, seriam intercaladas em livros.

Para a consecução deste trabalho montamos uma equipe, sintonizada com a idéia, composta dos amigos Marcus Venícius Monteiro e Rogério Silva, do Centro de Documentação Espírita do Ceará. O grupo realizou pesquisa em diversos livros, atualizou a ortografia, organizou os capítulos e as notas de rodapé. No intuito de enriquecermos a obra, conseguimos fotografias da época, inclusive algumas nunca publicadas, obtidas dos arquivos do jornal *O Globo*.

Chico Xavier nunca esteve entre nós, cearenses, fisicamente. Muitos, porém, foram os cearenses, encarnados e desencarnados, que o visitaram em Pedro Leopoldo e em Uberaba/MG.

Inolvidável Chico, pela atenção, pelo carinho, pelo amor que devotaste aos teus irmãos do Nordeste, recebe nosso eterno preito de gratidão e a nossa homenagem, por intermédio deste pequeno, mas denodado esforço.

A muitas pessoas devemos agradecer o prestimoso concurso, para que este livro viesse a lume. Além do professor Ary, anteriormente citado, e dos demais amigos mencionados noutra parte desta obra, lembramos o venerando espírito Demócrito Rocha. Fundador de *O Povo* e seu diretor na década de 1930, mesmo não sendo espírita, viabilizou a publicação, quase diária, das reportagens. Não poderia proceder de outra forma, um dos pioneiros na divulgação do Esperanto em nosso Estado. Somos gratos, também, ao dr. Roberto Marinho, (ainda entre nós), diretor e redator-chefe do jornal *O Globo*, que, na época das entrevistas, investiu no seu repórter Clementino de Alencar — o verdadeiro autor deste livro — para que a reportagem pudesse ser realizada. Por fim, somos gratos, muito especialmente, ao estimado irmão Wilson Cantai, que num desprendimento franciscano (dos dois franciscos) colaborou de forma inestimável com a equipe, conseguindo, no Rio de Janeiro/RJ, reproduções de *O Globo* e das fotos inéditas que ilustram este trabalho. A todos, nossa eterna gratidão.

Luciano Klein Filho

O REPÓRTER

Clementino de Alencar, jornalista de *O Globo*, que, em 1935, realizou cobertura especial sobre o fenômeno Chico Xavier, em Pedro Leopoldo/MG.

Ele é um daqueles profissionais que se prendem totalmente ao fato, objeto de sua reportagem. É um jornalista investigativo, observador constante de todos os detalhes. Nada do que ocorre ao seu redor deixa de ser objeto de suas investigações — grafa tudo com leveza de detalhes, em linguagem simples, mesmo ao retratar diálogos em que predominam os regionalismos.

Sua descrição dos fatos é perfeita.

Transporta o leitor para o local de suas observações.

E não se deixa prender apenas no alvo central focado.

Todas as cenas, todos os detalhes são registrados com fidelidade e graça. É como se de sua pena fluíssem na rapidez da taquigrafia, aliada às modernas técnicas jornalísticas de gravação em voz e vídeo. Não esquecendo os fatos históricos que o antecederam, comparando-os com outros semelhantes, se existirem.

E qual se estivesse a clicar no botão de sua memória e recolher com fidelidade os fatos em ocorrência.

Muitas vezes, traça um perfil psicológico de seu entrevistado, colocando-o no contexto de suas atividades e como que prevendo um futuro Para seus atos em elaboração.

Seu primeiro contato com o médium de Pedro Leopoldo é prova disso tudo!

Observa o homem, tal qual o vê, não esquecendo de penetrar-lhe o mtrirno de sua alma e retratar tudo isso ao leitor com um raro poder de síntese.

Todos os detalhes da vida do médium são enfocados: seus mais secretos pensamentos são provocados a vir à tona para registro do repórter — nada se perde, tudo é registrado e passado ao leitor com fidelidade e isenção.

Clementino foi, em sua época, o repórter que conseguiu reunir em um único instrumento de trabalho, sua pena, as mais modernas — ao seu tempo futuras — técnicas de comunicação jornalística, funcionando a mesma, apenas, como uma impressora dos dados e registros de sua prodigiosa memória a serviço da informação.

Vale a pena ser lido!

Marcus V. Monteiro

O MÉDIUM CHICO XAVIER

O convite de Luciano Klein Filho para compartilharmos o enlevo das *Mensagens de Além-Túmulo* foi para nós muito significativo. Nunca escondemos nosso carinho por Chico Xavier. E, com Marcus Venícius Monteiro, confrade que se nos apresentou como o exímio lapidário da obra, possível nos foi sentir o esplendor das páginas que agora vêm a lume, enquanto participamos, com nossos modestos comentários, sobre o que já lemos a respeito do virtuoso e querido médium.

Ledores privilegiados das *Mensagens de Além-Túmulo*, nós, admiradores irrefutáveis de Chico Xavier, nos quedamos encantados com a riqueza descritiva concernente ao moço de Pedro Leopoldo. Claramente se evidencia o comportamento desse augusto seareiro e nos alcança o lampejo de suas faculdades mediúnicas. Não podemos conceber outro Chico, senão ele próprio.

Sim, Francisco Cândido Xavier é sempre o mesmo, alma "genuinamente cândida", ora a mediunidade ora o médium, duas chamadas que se confundem, trazendo-nos a luz viva do Cristianismo para o Ocidente. Por meio da leitura, vemos o ancestral dos mais sublimes, que estacionou nas paragens da Terra e ficará para a posteridade! Não sem méritos. Àqueles 'dos, no tempo das reportagens de 1935, ainda não se podia imaginar a grandiosidade que se resguardava latente em Chico Xavier. Mas, de modo indubitável, não se tratava de um neófito. Essa ilação nos ocorre de imediato, quando lemos "Palavras Minhas", na introdução ao *Parnaso de Além-Túmulo*, livro que assinala o ingresso do moço mineiro no campo da literatura mediúnica.

Indagamos, por vezes, depois de tudo o que lemos: por que a estrela que viria a iluminar o mundo fora nascer ali, na pequena Pedro Leopoldo, encarnada nas vestes de um pobre "mulato" brasileiro?

Mistérios dessa natureza, só os meandros da reencarnação podem nos responder e explicar. Mas, desde logo, encontramos no médium, escondido na sua simplicidade, divina partícula de ouro, que o torna *sui generis*.

Durante a realização do trabalho, permanecemos, por todo o tempo, com a figura do médium na cabeça. Estivemos, realmente, às voltas com Chico Xavier, mesmo após o seu desenlace. Sonhamos com ele — um sonho translúcido! —, e não deixamos de consultá-lo sobre as reportagens de 1935, que fizera Clementino de Alencar. Com aquele jeitinho doce, tão característico, assim nos retorquiu: Ah! Mas isso já faz tanto tempo...

Talvez soubesse, mesmo em sonho, da iniciativa nossa de coletarmos notícias que lhe diziam respeito, e, como todo bom cristão, desejava fugir de si mesmo. Queria esquivar-se da própria individualidade, o que é natural.

Irmão iluminado e maior, sua presença inconfundível perdura entre nós e nos bate à porta, instante a instante, e nos dita as cartas do Mestre, por meio das centenas de livros psicografados. Não só isso: o mensageiro está bem vestido; a túnica alvíssima resplende luz; do sorriso efluem a esperança e a doçura do Amor incorpóreo, Amor este que desfrutamos e que nos traz alento na vida.

Agora, regressa à Casa do Pai, porque o mensageiro fiel, perseverante, já nos entregou as cartas. Todos receberam a missiva divina, e o mediunheiro está feliz, rejuvenescido, como aquele rapaz de outrora, altivo e sorridente, da gleba pedro-leopoldense.

Tudo em Chico é muito espontâneo: a simplicidade da vida, a naturalidade com que surgem as comunicações mediúnicas. Bom que nos espelhemos em Chico Xavier para sabermos viver. Por intermédio de seus olhos podemos descortinar um mundo novo: mundo de paz, de fraternidade e de amor entre as criaturas.

Rogério Silva

UM POETA DO OUTRO MUNDO¹

Francisco Cândido Xavier é ainda muito jovem. Vive em Pedro Leopoldo, no interior de Minas, como exemplar caixeiro de mercearia.

Dizem os repórteres que ele lê por cima, com alguma dificuldade, mas, eu lhe dou mesmo, de bom grado, a ciência das quatro operações.

Durante o dia, Xavier é um empregado como os outros, vende bacalhau e sabão, açúcar e vinagre. Goza como todo e qualquer mortal de relativa importância no seu ambiente. Distribui com a freguesia, em troca miúdo, as grosserias que recebe por atacado do patrão.²

A noite, entretanto, o caixeiro de Pedro Leopoldo troca de nome e de figura. Chama-se médium e faz prodígios.

Recebe, no seu modesto quarto de solteiro, a visita ilustre dos mais eminentes vultos do Além-Túmulo. Fagundes Varela, Antero de Quental, Guerra Junqueiro e vários outros grandes poetas daqui e d'além-mar vêm revelar-se ao mundo material pela sua mão de humilde trabalhador.

Agora o fenômeno cresce e se propaga com o ingresso do querido Humberto de Campos na singular academia do caixeiro de Pedro Leopoldo.

Não creio que Humberto o tenha conhecido em vida. O mais certo e tê-lo procurado por informações de terceiros. Do Fagundes Varela, Por exemplo.

O melhor é que vamos gozar, em breve, novas crônicas do mestre e possivelmente a conclusão das "Memórias Inacabadas"...

Depois de tudo isso, eu me quedo a pensar na honestidade esplêndida deste moço, caixa espiritual de uma dezena de miliardarias do talento, que poderia viver, se quisesse, um minuto sensacional, minuto de cartaz, de glória inédita para um simples caixeiro de mercearia.

Felizmente Xavier nunca fez versos. Não conhece a ambição da fama, o delírio da ascensão, a atração do domínio intelectual.

Se assim não fora, passaria uma rasteira hábil nos seus vates e jamais avultaria aos nossos olhos como um simples poeta do outro mundo.

Martins d'Alvarez³

¹ Transcrito da coluna "Mundanismo", jornal O Povo – 8 de maio, 1935.

² Trata-se de impressão pessoal do articulista sobre o ofício de caixeiro, conquanto o patrão de Chico Xavier, si'. José Felizardo, era também seu padrinho, não sendo de nosso conhecimento que o mesmo o maltratasse.

³ José Martins d'Alvarez, poeta, prosador e jornalista cearense, viveu a maior parte de sua vida no Rio de Janeiro. Escreveu livros de poemas e de ficção consagrados pelo aplauso do público e da crítica. Foi articulista do jornal *O Povo*, assinando, juntamente com Filgueiras Lima, a coluna "Mundanismo". Não sendo espírita, demonstrou, no artigo que transcrevemos à guisa de introdução, sua simpatia pelo médium de Pedro Leopoldo.

Capítulo I

AMPLA REPORTAGEM EM TORNO DO MODESTO CAIXEIRO QUE TRANSMITE AO PÚBLICO AS CRÔNICAS PÓSTUMAS DE HUMBERTO DE CAMPOS

*De trem para o outro mundo — Visões do século XVII —
Pedro Leopoldo, a Cidade-menina — Um jantar no Hotel Diniz
— Espiritismo e Animismo — O "O Estilo é o Homem"
— No portal do mistério*

Dado o interesse que entre os nossos leitores têm despertado as reportagens de O Globo, transcritas por este jornal, contendo as chamadas "mensagens de além-túmulo", obtidas por intermédio do jovem Francisco Cândido Xavier, de Pedro Leopoldo, resolvemos fazer, de hoje em diante, a publicação sistematizada daquelas interessantes reportagens, a começar da primeira, que foi encimada com os seguintes comentários do grande vespertino carioca:⁴

Iniciamos, hoje, a publicação da reportagem que o nosso redator Clementino de Alencar realizou em Pedro Leopoldo, pequena cidade da linha Norte de Minas, em torno de Francisco Cândido Xavier, a quem puseram em evidência, ultimamente, as mensagens que, segundo publicações feitas nesta capital, teriam sido enviadas, de Além-Túmulo, pelo espírito de Humberto de Campos e psicografadas por aquele humilde caixeiro de venda, na distante localidade sertaneja. Estará em tudo a verdade? Será um caso autêntico de mediunidade ou um simples fenômeno metafísico? Ou será tudo mistificação? São perguntas que ocorrem inevitavelmente. Mas, antes de querermos chegar a uma conclusão, vejamos o que nos conta aquele nosso companheiro. Escritas no local e em plena fase de observação e indagações, as reportagens estão datadas de Pedro Leopoldo.

⁴. Jornal *O Povo* — Terça-feira, 25 de junho de 1935.

N.E.: Por \e tratar de transcrição fiel do texto original, as palavras aparecem grafadas na forma vigente na época, em alguns casos diferente da atual.

O MESMO RUMO DO CAÇADOR DE ESMERALDAS

Pedro Leopoldo, 13 — Deixando Belo Horizonte ao sul, o trem lança-se, como as evocações do viajante, no rumo fascinante das bandeiras seiscentistas.

Rio da Mata, Capitão Eduardo Vespasiano, Rio das Velhas... Depois, a Santa Luzia, de Borba Gato, com seus velhos casarões de rótulas e a igreja monumental e branca assinalando, de longe, o cimo estratégico da colina onde o desbravador lendário teve o seu "pião" — o seu PC.

O rio — outrora tão caudaloso que por ele desceram, em grandes barcos, as máquinas do Morro Velho — está hoje mais raso e suas águas mansas, não raro, adelgaçam-se em córregos, entre extensos bancos avermelhados.

De Santa Luzia, onde ainda se bebe, na bica dos bandeirantes, a água radioativa de Camelos, o trem faz ligeira curva, rumo ao noroeste, para as bandas do Sumidouro, onde residiu por um ano Fernão Dias Paes Leme e onde o Caçador de Esmeraldas, enérgico e inflexível, sacrificou o filho rebelado entre as incertezas e as esperanças da bandeira.

Depois, o chefe do trem nos bate no ombro.

— Pedro Leopoldo!⁵

Chegamos. Vertiginosamente, nossos olhos e pensamentos deixaram já, para trás, as dobras do planalto agreste e o sertão mirífico do século XVII.

SIMPATIA

Pequena, mas animada e bonita, Pedro Leopoldo é uma cidade criança, no meio daquelas regiões desvirginadas há mais de três séculos.

As minas que ela possuía não podiam interessar aos desbravadores seiscentistas — quedas d'água.

Mas essa riqueza atraiu o homem da era da máquina.

Assim, Pedro Leopoldo nasceu, há menos de meio século, com o primeiro jorro d'água que suas cascatas lançaram através de uma turbina.

A fábrica, então instalada com meia dúzia de teares, hoje tem mais de duzentos.

Veio-lhe o nome definitivo do engenheiro da Central que construiu a estação ferroviária dali. E para o forasteiro que a percorra, em toda a extensão, a cidadezinha apresenta duas constantes: o ruído da cachoeira e a simpática comunicabilidade de seus habitantes.

⁵ *Situada apenas a 40 quilômetros da capital mineira, a história da cidade de Pedro Leopoldo tem seu início na década de 1670 do século XVII, com a chegada de um grupo de bandeirantes chefiado por Matias Cardoso na região de Sumidouro, em 13 de março de 1673. Daí deu-se início a um povoado que, no século XX, se transformaria na cidade de Pedro Leopoldo. Em 1923, a lei estadual nº 843 criou o município em 7 de setembro e em 27 de janeiro do ano seguinte era instalado, solenemente, o município, que, na ocasião, compreendia a área que ia de Prudente de Moraes, Capim Branco, Sumidouro, dr. Lund até Vera Cruz, com uma área total de 587 km quadrados, banhada pelos rios: Ribeirão da Mata, Ribeirão das Neves e Ribeirão do Urubu.*

DOIS DESCONHECIDOS

Desembarcamos, repórter e fotógrafo, numa tarde de domingo, cheia de sol e de céu azul como uma tarde carioca.

Há na plataforma alguma aglomeração e sentimo-nos observados com curiosidade, como os dois únicos estranhos, no meio de toda aquela gente. Além de nós, desembarcam apenas duas mocinhas, logo cercadas de abraços amigos. O repórter e o fotógrafo não têm recepção. Dois desconhecidos...

— ... que nem são ilustres — observa o fotógrafo.

E nem trazem bagagem, circunstância que nos deixa um tanto embaraçados mas não tarda que, ante a insistência de dois garotos, tenhamos de escolher um dos dois hotéis do lugar. Escolhemos o Diniz e depois veríamos que a escolha fora felicíssima.

D. Mariquinhas Viana, de velha e distinta família mineira, é a dona do hotel. Recebe os dois novos hóspedes com um belo sorriso e sem nenhuma pergunta. Mostra-nos o quarto e manda pôr a mesa sem procurar saber nem do nosso nome nem de onde viemos, nem para onde vamos.

Mais tarde alguém nos explicaria:

— Aqui, não se faz questão de nomes e títulos: o que importa é a conduta. O procedimento é a melhor apresentação.

Hospitalidade amável e sábia.

A MISSÃO

O repórter sente-se bem dentro daquele anonimato. Ele traz à cidadezinha sertaneja uma espécie de missão secreta: constatar a existência, ali, de um caboclinho bisonho que é ao mesmo tempo um médium sensacional; e surpreender, no seu ambiente e nos seus tranSES, sem alarde e poses para a publicidade, esse fenômeno que, segundo se conta aí no Rio, vive a receber mensagens e versos de escritores, poetas e filósofos que já se foram para o outro mundo.

UM PRETEXTO

Quando ainda no trem, um viajante que seguia para Corinto e conhecedor de Pedro Leopoldo e sua gente nos dera algumas informações sobre o lugar.

A certa altura, quase à chegada, ouvíramos do informante:

— O coletor federal daí é o dr. Maurício de Azevedo. Mas, no momento, ele está no Rio, com a família.

Finda a primeira e ligeira refeição que nos serviram logo após o desembarque, fomos dar uma volta pelas poucas ruas que formam Pedro Leopoldo. Detalhe curioso: as casas não têm número. Explicação colhida mais tarde: tudo ali se conhece. Ninguém ignora onde fica a casa de fulano ou de beltrano.

Durante o passeio, percebemos que a curiosidade local continuava a nos seguir, discretamente. Passar despercebido ali era impossível.

Então, à noite, à hora do jantar, diante da mesa larga, farta e concorrida do Hotel Diniz, o repórter perguntou a um dos presentes:

— Poderá o senhor informar-me onde fica a residência do Sr. Maurício de Azevedo?

A informação veio amável, com esta observação:

— Mas o Sr. Maurício, no momento, não está aqui. Anda viajando.

— Teremos então de esperá-lo — diz o repórter resignadamente para o fotógrafo.

COISAS DO CAPETA...

Isso tudo foi ontem: e hoje, segunda-feira, pudemos andar pelas ruas mais livres da curiosidade dos olhares. Já ninguém se preocupa muito com aqueles dois estranhos "que vieram à procura do coletor e estão à espera de que ele volte".

Enquanto isso, fomos entabulando as nossas palestras, no hotel, na estação, no Bar do Ponto, na venda e nas ruas.

Por meio da "conversa fiada", conseguimos sempre chegar ao assunto visado. E, por fim, a uma conclusão: Francisco Cândido Xavier, moço pobre e trabalhador, caixeiro da venda de "seu" José Felizardo, é, no momento, o grande "caso" de Pedro Leopoldo, discutido e comentado não só aqui, como em todas as localidades vizinhas. Quase ninguém o conhece pelo nome acima. Chamam-no simplesmente Chico Xavier. Alguns crêem nele, outros não. Os crentes consideram-no o "maior médium de Minas". Os que não crêem acham que ele é um grande misticador, ou ambas as coisas. Mas todos o comentam e discutem com mais ou menos calor, quando seu nome aparece na palestra.

Uma senhora de alguma leitura nos confessa risonha:

— Eu já fui assistir a algumas sessões. O Chico Xavier é extraordinário. Venha-lhe a capacidade dos espíritos, de Deus ou do Diabo, seja lá de onde for, o caso é que ele grafa páginas admiráveis. Uma convicção, entretanto, eu tenho: ele, pessoalmente, normalmente, não é capaz de escrever aquelas coisas bonitas, algumas até reveladoras de erudição, em tantos estilos diversos. E penso assim, porque, fora das sessões, na sua vida quotidiana de trabalhador e pobre, ele é um simplório e, quanto à instrução, pouco mais de um ignorante: Admiro-o, apenas como médium porque, nesses seus momentos, ele realiza algo de extraordinário. Algo de sobrenatural se passa, então.

De uma senhora idosa, ouvimos:

— Quanto ao médium e suas mensagens, etc., fico neutra. Que poderia eu dizer disso tudo? Este mundo é tão cheio de mistérios... Quanto ao Chico Xavier, pessoalmente, digo-lhe que acho o rapaz esquisito, muito esquisito. Quem sabe lá se as tais mensagens não vêm mesmo?...

Uma mocinha beata dá também seu parecer:

— Tolo é quem julga o Chico Xavier um simplório e um ignorante. Nada disso!... Pois, ainda outro dia, ele fez discursos na festa operária e falou muito bem... Eu acho que ele não passa de um simulador, um tapeador, para parecer bobo e atrasado...

Alguém a interrompe:

— Ora, fazer discursos no Brasil é sinal de burrice!...

Mas a mocinha insiste:

— Só pode ser ele quem escreve essas mensagens. Todas. Ou, se não é ele, isso são coisas do Capeta...

O IMPOSSÍVEL

O negociante Belisário defende porém o rapaz:

— Não, no Chico não há má-fé nem mistificação. Se houvesse, eu seria dos primeiros a desmascará-lo, porque não sou dos que gostam de embustes. Conheço o rapaz desde pequeno, sei da instrução que ele teve, até ao 4^a ano do grupo escolar daqui, curso primário. O rapaz nunca viveu longe de Pedro Leopoldo. Esteve apenas, há tempo, uns três meses em Belo Horizonte.⁶ Vive aqui agarrado ao balcão do José Felizardo, trabalhando o dia todo. De onde ia ele tirar instrução para escrever "crônicas de Humberto de Campos" e "comentários de Rui Barbosa à Constituição de 1934"?

ANEDOTAS E MISTÉRIOS

Na volta, encontramos a sala e a varanda do hotel bastante animadas.

Chegaram advogados, magistrados e testemunhas para a sessão de júri que principia amanhã.

Ao começo do jantar, contam-se casos e anedotas da região. Em toda parte há sempre uma vítima preferida para protagonista de narrativas desse gênero.

Ali, no momento, essa vítima é Fulaninha, uma moça dada como muito ignorante, mas saliente e metida a falar difícil.

"Um dia — contam — Fulaninha foi à casa de uma amiga:

— Bom dia, D. Quininha, vim aqui lhe aplicar uma visita e introduzir outra na sua sobrinha."

Ou então:

"Fulaninha, depois do casamento — coisa que também deu anedota — comprou um leitão para engordar. Como, porém, o animal lhe desse muito trabalho e despesa, perdeu a paciência e mandou-o de presente a uma amiga,

⁶ Segundo BARBOSA, Elias. *"No mundo de Chico Xavier"* 2- ed. Araras: IDE, 1975, pags. 44-48, em janeiro de 1933, Chico Xavier passou três meses em Belo Horizonte a convite do poeta e escritor dr. José Álvaro Santos, com o objetivo de conseguir um emprego melhor na capital mineira. O escritor instalou-se no Rio de Janeiro, frustrando a expectativa de emprego em Belo Horizonte. Porém, antes de retornar a Pedro Leopoldo surgiram propostas financeiras e mesmo de trabalho, sob a condição de renunciar ao Espiritismo e dizer que o *Parnaso de Além-Túmulo* era de sua autoria e não dos espíritos, ao que o médium, efetivamente, recusou.

com este recado: — Envio-te o leitãozinho que cobiçaste, porque eu não posso, no momento, frequentar porcos."

O ASSUNTO MATA-BORRÃO

A história do casamento de Fulaninha, infelizmente, não pudemos ouvi-la porque surgiu, de repente, o assunto Chico Xavier. É o assunto mata-borrão, absorve todas as palavras da roda.

O juiz de Comarca, dr. Dario Lins, figura um tanto solene de magistrado, pertencente à mesma estirpe ilustre do ministro Edmundo Lins, conhece o caso e não recusa uma opinião:

— A velha frase "O estilo é o homem" sempre me pareceu cheia de verdade. O estilo é realmente inconfundível. Eu tenho tido, em mãos, alguns trabalhos desse rapaz Chico Xavier. Dado o meu hábito de estudo e observação, tenho lido com muita atenção essas páginas atribuídas a escritores mortos e ditas psicografadas pelo referido médium, após o falecimento de tais literatos. E, cumpre-me confessar: em muitas dessas produções julguei encontrar o estilo dos escritores mortos, embora tenham tido eles estilos muito diferentes entre si. E é exatamente isso que dá a que pensar: não creio que uma pessoa de pouca instrução possa assim imitar tão bem estilos tão diversos. A conclusão é que ele, Chico Xavier, em tudo isso, não passa de um aparelho transmissor, um instrumento.

E o juiz conclui com certa ironia:

— Resta saber se ele é um instrumento de mortos ou de vivos...

ESPIRITISMO E ANIMISMO

Está na mesa também o promotor da Comarca, Sr. Washington Floriano, espírito cheio de vivacidade e sutileza. Admite que, no mundo, se verifiquem fatos sobrenaturais. Não discute o caso do médium de Pedro Leopoldo. Lembra apenas a questão já formulada, dentro da doutrina do "Espiritismo e animismo". Parece-lhe que o rapaz deve ser mais bem estudado pelos entendidos, a fim de que se verifique se ele é um caso de "Espiritismo", isto é, de recepção de idéias de espíritos desencarnados; ou de "animismo", isto é, se tudo o que ele escreve não passa de um fenômeno ocorrido dentro do seu próprio espírito, devendo-se então atribuir os estilos e tiradas eruditas a um formidável poder de assimilação de leituras diversas.

Desconhecíamos essa acepção da palavra animismo com que, até então, designávamos a tendência dos selvagens de darem uma alma a todos os fenômenos naturais e a teoria que reconhece um princípio espiritual em todos os atos vitais.

(Retirada a figura)

Fac-símile do Jornal O GLOBO, ed. De 2 de maio 1935

A CHAVE DO ENIGMA...

Há uma ligeira pausa na palestra. Então, um jovem advogado de Belo Horizonte, que vinha atacando em silêncio o pato assado, ergue a cabeça e faz uma observação maliciosa:

— O interessante é que mais de uma pessoa têm vindo de lugares distantes, algumas até do Rio de Janeiro, por causa do Chico Xavier. Mas estará mesmo em Pedro Leopoldo a chave do enigma?...

A observação provoca sorrisos. E a palestra prossegue no mesmo rumo.

MAGNETISMO MAU-OLHADO

A mesa do Hotel Diniz é farta, variada e saborosa.

Carne de porco, cabrito, boi, pato, galinha, lingüiça, arroz, feijão, angu, mandioca, batata, legumes, combinações e caprichos de cozinha sertaneja, tudo posto de uma vez só diante dos convivas.

D. Mariquinha assiste, atenciosa e risonha, aos seus hóspedes. E, quando o fundo das travessas aparece, ela ordena para o garoto que serve a mesa:

— Antônio, conserta o prato e vai buscar mais.

Os "consertos" do prato são repetidos... E, como o jantar é demorado, a palestra é também comprida.

Quando chegamos à sobremesa — doces de três espécies — a conversa chegara ao magnetismo pessoal e ao mau-olhado.

O Zeca, da família Viana, rapaz alto e magro, de barba à Nazareno, conta um caso passado ali, ao lado, na varanda do hotel:

— Foi um homem que vem dos lados de Sete Lagoas. Falamos de passarinhos e eu quis mostrar-lhe os nossos canários, na varanda. Quando chegamos perto das gaiolas, o homem baixou os olhos.

— Por que não olha? — perguntei.

— Se eu puser os olhos no passarinho, ele morre.

— Ora, isso é superstição.

— Quer que eu faça uma demonstração?

Aceitei, mas primeiro escondi os canários.

Depois, pus diante do homem a gaiola de um "bico de lacre". Pois, dito e feito, ele olhou e o passarinho morreu. Morto o "bico de lacre", ao fim da história do Zeca, os "casos de mau-olhado" ameaçam ainda de morte meia dúzia de pessoas conhecidas dos moradores.

A sobremesa acabou sem necessidade de "consertos" nas compeiteiras.

O Antoninho traz o café. Acendem-se os cigarros. E a conversa chega aos casos de assombração...

Capítulo II

FRENTE A FRENTE COM FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER, o HOMEM QUE AFIRMA RECEBER AS CRÔNICAS DE HUMBERTO DE CAMPOS

**História da meia-noite — Plágios de Fantasmas —
"Esse Chico Xavier é um caso bem interessante" —
O homem confidente da morte**

Pedro Leopoldo, 23 de abril (Do enviado especial de *O Globo*, Clementino de Alencar)⁷ — As histórias de fantasmas narradas por várias bocas, ao fim do jantar de ontem, nos deixaram uma impressão que, confessamo-lo, nos perturbou um pouco o sono...

Principalmente esta, contada com muita arte, por um dos presentes:

"Um proprietário dos arredores de Sabará recebeu, certo dia, a visita de um seu amigo e compadre vindo de Belo Horizonte, e, como de hábito, ofereceu-lhe pousada. O quarto reservado ao visitante dava para uma dessas amplas varandas típicas das fazendas do interior e era dessa separado por larga porta envidraçada.

O hóspede e amigo recolheu-se ao seu aposento por volta de 23 horas e, como a noite estivesse fria, fechou à chave a porta e deitou-se. Estendido na cama, pôs-se, então, a ler jornais, que trouxera da capital. Silêncio. De repente, porém, ouviu ele um toc-toc lento de passos na varanda.

— Aí vem o diabo do compadre — pensou — encurtar-me as horas de sono com suas conversas que não acabam mais.

E, rápido, soprou a chama da lamparina, fingindo que já dormia. Mas, do escuro, ficou à espreita. Quem vinha não era o compadre. Era um sujeito alto, espadaúdo, de suíças e expressão severa. Com a maior sem-cerimônia, empurrou a porta e entrou. Apesar de estar o quarto às escuras, começou a dar, no seu interior, passadas tranqüilas de um lado para outro. E, os polegares enfiados na cava do colete, tamborilava com os dedos no peito, produzindo um som cavo:

— Tun-tun-tun... tun-tun-tun...

Depois, percebendo ali uma presença, parou junto à cama e inclinou-se para examinar com o olhar o homem que dormia...

Foi só. Fez, depois, meia-volta e saiu, com a mesma naturalidade e o mesmo toc-toc lento, pela varanda a fora, desaparecendo no silêncio e na noite.

⁷ *Jornal O Povo* — 26 de junho de 1935

O hóspede então ergueu-se e correu à porta. Esta continuava fechada. Impressionado com a estranha visita, quase não dormiu e, no outro dia, comunicou o fato ao compadre. Este levou-o ao salão da fazenda e, mostrando-lhe retratos pendurados pelas paredes, perguntou se o misterioso visitante era um dos retratados.

— É este! — apontou afinal o hóspede.

— Está certo — considerou o compadre. Esse é meu irmão e morreu há anos. Outras pessoas daqui já o viram naquele quarto. Julguei que fosse sugestão. Mas não. Você, que ontem o viu, chegou de longe; não conhecia a lenda e não podia estar sugestionado".

Como se vê, a versão é a mesma que serviu ao *The Tapestryed Chamber* de Walter Scott. Apenas o fantasma mudou de sexo e continete. Mesmo assim, torna-se evidente que a aparição decalcada nos trouxe sobressaltos ao sono. E foi com alívio que demos com os olhos ao dia, esta manhã...

"Implorar! Implorar! Só a Deus!"

São as crianças que cantam na varanda. A alma do morro chegou até Pedro Leopoldo.

O IMPREVISTO

— "Bom dia. Dormiu bem?"

Café. Rua.

À frente do cinema ouvimos uma frase mais longa de cumprimento. Voltamo-nos.

Diante de nós está uma figura idosa, simples e simpática. O professor Tão Júnior. É rápido no prender-nos para a palestra. Filho de Sete Lagoas, já lecionou até no Rio. Gosta de Pedro Leopoldo. Fala com entusiasmo da simplicidade e pureza dos costumes locais e dos fatores que dão à cidade riqueza e vida própria.

Depois, faz uma pausa e olha-nos com curiosidade.

Valemo-nos do pretexto:

— Estamos à espera do coletor.

Já voltou. Chegou à noite passada — açode o professor com um sorriso de boa notícia.

E apressa-se a mostrar-nos, com o dedo, a casa, que ali se avista, onde mora o sr. Maurício Azevedo e a da coletoria ao lado.

— Vá lá agora, que ele já deve estar na coletoria.

Colhidos assim de imprevisto, resolvemos seguir o conselho do professor. Mas o sr. Maurício estava dormindo. Que voltássemos depois do meio-dia.

LÁPIS E OBJETIVA X MOSTRA

À tarde, pois, encontramos-nos com o coletor federal.

Na véspera, tínhamos sido informados de que as sessões espíritas se realizavam aqui às quartas e sextas-feiras.

Hoje é terça. Amanhã há sessão. Estamos em cima da hora.

Por isso, quando nos vimos diante do sr. Maurício, resolvemos pôr, de vez, à mostra, a objetiva e o lápis da reportagem.

Depois, tudo se desenrolou rapidamente.

"UM CASO QUE FICA SEM SOLUÇÃO"

O sr. Maurício atende, amavelmente, o repórter, que lhe pede informações sobre o famoso médium de Pedro Leopoldo.

A certa altura, diz-nos:

— Eu, francamente, não me interesso por assuntos espíritas nem ponho muita crença a respeito. Mas, esse Chico Xavier é um caso bem interessante. Fica-se assim como quem nem acredita nem nega. Deixa-se o assunto na esfera das coisas vagas, das coisas que não podemos compreender. Esse rapaz, pelo menos para mim, é um caso que fica sem solução.

Oferece-nos um cigarro e acrescenta:

— Mas os senhores julguem por si. Vou convidar o homem a vir aqui, agora mesmo.

Um garoto parte correndo, com o convite.

O CONFIDENTE HUMILDE DA MORTE

O coletor debruça-se sobre os papéis que enchem sua mesa.

Passam-se alguns minutos de silêncio e espera.

Depois, timidamente, uma cabeça, quase risonha, quase assustada, surge à porta.

— Pronto, doutor...

— Entre, Chico Xavier.

Ele atende. Está agora à nossa frente, encostado à parede, evidentemente embaraçado diante daquela cara estranha e daqueles olhos curiosos.

Não traz chapéu nem gravata e todo o seu traje é um atestado de pobreza. É moreno, de um moreno carregado, e tem cabelos muito negros, compridos, crespos. Baixo, compleição forte. Caboclo. Mas no físico, não

na expressão. Esta é de estranha humildade e doçura. Com o sorriso leve que mostra agora, seu rosto tem até um ar de ingenuidade. Lá longe, na cidade grande, diriam dele:

— "Um bobo!"

Seu embaraço se acentua quando lhe pomos o olhar no casaco surrado, na camisa aberta, nas calças de brim remendadas, nos sapatos cambaios.

Com a mesma timidez da entrada, ele observa-nos:

— Desculpem ter eu vindo nestes trajes. Estava trabalhando. A vida tem que ser assim. Trabalhar...

O coletor fala em "jornalistas". Preferíamos que a apresentação não fosse tão pronta. Mas a palavra está dita.

Justificamos nossa presença ali: as mensagens divulgadas no Rio.

Na confusão em que está, seu sorriso e suas frases se desdobram com intermitências bruscas, reticências sem malícia:

— Ah! Sim... Foi um senhor do Rio... Mas eu sou um pobre rapaz do mato... Não convém tanta notícia... Por favor, deixem-me assim mesmo, na obscuridade...

Observamo-lhe que a notícia, o assunto já está lançado no Rio. As mensagens estão sendo muito comentadas e discutidas. Os esclarecimentos e impressões que viemos colher não lhe farão mal.

— Mas eu tenho receio... Os jornais falam, depois toda gente por aí se põe a discutir, não me deixam mais tranqüilo no meu canto...

Além disso, depois, quererão decerto que eu faça coisas que não poderei fazer... o impossível...

Por um momento, meditamos sobre essas palavras. Chico Xavier é bom psicólogo, também... Fama de faculdades extraordinárias?... Multidões à porta... Romarias de doentes e desesperados... Solicitação de prodígios... Corpos em busca da cura, almas em busca de consolo... A humanidade ainda não pode prescindir dos deuses, dos magos e dos milagres...

E até no mistério da morte ela vai procurar socorro e consolação para a vida...

AS CONFIDENCIAS

A audiência, ali da sala da coletoria, é rápida. Chico Xavier é o único caixeiro da venda de "seu" Zé Felizardo, e "seu" Zé está doente. O balcão ficou abandonado. Chico Xavier tem que voltar já para lá; mas ali estará à nossa disposição, ou mais tarde, em sua casa, às 20 horas, quando deixa o trabalho.

Indagamos, antes de ir-se ele, se tem já mensagens ulteriores às publicadas no Rio, isto é, recebidas depois de 28 de março último.

Ele diz que tem mensagens, versos, etc., ainda inéditos, de antes e depois da data citada.

Fala com um tom de sinceridade que impressiona.

— Se o senhor esperar aqui, eu lhe mandarei já todas essas mensagens e versos para o senhor ler.

E foi-se, apressadamente, para o balcão pobre da venda sertaneja.

Pouco depois recebíamos, numa pasta de papelão, uma série de produções, crônicas, versos e produções outras enviadas de Além-Túmulo, segundo a declaração escrita ao pé, por Augusto dos Anjos, Auta de Sousa, Carmen Cinira, Antônio Nobre, Emílio de Menezes,

Casimiro Cunha, João de Deus, Antero de Quental, Guerra Junqueiro, Hermes Fontes, Humberto de Campos, Bilac, Luiz Guimarães, Léon Denis, J. P. d'Oliveira Martins, Bittencourt Sampaio, Júlio Diniz, Eça de Queiroz, Tereza d'Ávila, Camilo Castelo Branco, Marta de Deus e um Emmanuel, guia do médium.

A vista daquelas páginas alvoroça-nos um pouco.

Voltamos ao hotel.

E com uma estranha sensação de mistério e de milagre, o repórter se entrega à leitura daquelas confidências comovidas da morte.

(Retirada a figura)

Chico Xavier quando jovem
Foto publicada em 1935 no Jornal O Globo
(cortezia de Wilson Cantal)

Capítulo III

HUMBERTO DE CAMPOS ENTREVISTA
JUDAS ISCARIOTES NO OUTRO MUNDO?!
UMA CRÔNICA DO AUTOR DOS
"PÁRIAS" QUE O MÉDIUM DE PEDRO
LEOPOLDO DIZ TER RECEBIDO
EM 15 DE ABRIL

**Um punhado de versos recolhidos do arquivo de Chico Xavier
— Bilac, Augusto dos Anjos, Carmen Cinira — Uma súplica da cigarra morta — No rumo do impressionante**

Pedro Leopoldo, 23 — (Do enviado especial de O Globo, Clementino de Alencar)⁸ — Recolhido ao seu quarto de hotel, logo após ao primeiro encontro com Chico Xavier, na Coletoria, o repórter entrega-se, na tranqüilidade da tarde, à leitura daquele verdadeiro arquivo de mensagens de Além-Túmulo que o médium lhe deixara em mãos.

Nossos olhos correm, a um tempo, curiosos e ansiosos, sobre aquelas páginas incríveis que o caixeiro bisonho e humilde afirma ter recebido em

⁸ Jornal *O Povo* — 27 de junho de 1935

transe do mundo das sombras invisíveis que ficam para lá dos limites das nossas percepções normais.

Prosadores e poetas, com cujo espírito julgávamos ter perdido definitivamente todo o contato que não fosse o das obras que nos deixaram, ali de novo, e imprevisivelmente, nos falam numa linguagem que — mesmo sem perder, em muitos, as peculiaridades de estilo inconfundíveis — traz um reflexo de estranhas claridades e um mágico sabor de purificação.

São os vates familiares à nossa alma e ao nosso coração que voltam — verdade? ilusão? — ao alcance da nossa sensibilidade para de novo, alvoroçarem, como dantes, na fase inesquecida de suas manifestações terrenas o mundo arcano de nossas emoções.

Bilac, Emílio, Hermes Fontes, Cruz e Sousa, Antônio Nobre, Quental, Carmen Cinira, Augusto dos Anjos e outros muitos, ali novamente cantam e sonham, sofrem e esperam, na expressão daquelas páginas ditas psicografadas depois de sua morte.

Devemos crer nesse Parnaso do Além?

Esqueçamos, por ora, as dúvidas. Fique para mais tarde a análise.

Agora, deixemos cair, por momentos, sobre essas páginas, o olhar encantado da ilusão.

JESUS OU BARRABÁS?

Aqui, damos com o nome de Bilac, ao pé de um soneto. O fecho parece-nos um pouco fraco, mas, no conjunto, encontramos ainda ritmo solene do cantor da "Tarde".

"Jesus ou Barrabás" é o título que encima os versos:⁹

Sobre a frente da turba há um sussurro abafado.
A multidão inteira, ansiosa, se congrega,
Surda à lição do amor, implacável e cega.
— "Crucificai-o" — exclama. Um lamento lhe chega

⁹. Aqui, como nas outras produções literárias, há pequenas divergências, comparadas às publicações posteriores dos textos mediúnicos. No soneto de Bilac, na matéria de Clementina de Alencar, está ausente o quarto verso do primeiro quarteto, ao passo que no Parnaso de Além-Túmulo, 14^o ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994. p.396., em vez de "frente", no primeiro verso do alexandrino, encontramos "frente". Os poemas de Augusto dos Anjos e Carmen Cinira (desta última poetisa, sob o título "Era uma vez..."), contidos no "Parnaso" op. cit., páginas 116-118 e 177-179, respectivamente, são notadamente fragmentos da poética do autor do "Eu" ed'a Cigarra Cantadeira. Já o texto de Humberto de Campos, contido no livro Crônicas de Além-Túmulo, 4- ed. Rio de Janeiro: FEB, 1944, p.39-44., apresenta pouca alteração, salvo com relação à mudança da toponímia Jordão para Ceará na publicação da FEB.

Da terra que soluça e do céu desprezado
— "Jesus ou Barrabás?" — pergunta, inquire o brado
Da justiça sem Deus que trêmula se entrega.
— "Jesus!... Jesus!... Jesus!..." — e a resposta perpassa
Como um sopro cruel do aquilão da desgraça
Sem que o Anjo da paz amaldiçoe ou gema.
E debaixo do apodo, e ensangüentada a face,
Toma da cruz da dor, para que a dor ficasse
Como a glória da vida e a vitória suprema.

DENTRO DA NOITE

Depois, Augusto dos Anjos, sempre atormentado, complexo, profundo:

Noite. À Terra volvo. E, lúcido, entro
Em relação com o mundo onde concentro
Meu espírito na queixa atordoadora
Da prisioneira da perpétua grade
— A misérrima e pobre humanidade
Aterroradoramente sofredora.

Ausulto a dor humana que, hórrida, sinto
Da alma quebrando o cárcere do instinto
Buscando, ávida, a luz. Por mais que sonde,
Mais o enigma do mundo se lhe aviva;
Em diferenciação definitiva
Mais a luz desejada se lhe esconde.

E o quadro mesológico tremendo
De tudo o que ficou no abismo horrendo
Da tenebrosa noite dos gemidos;
São os uivos dos instintos jamais fartos,
As dores espasmódicas dos partos
E a desgraça dos úteros falidos.

Queixa-se, depois, o poeta morto da tortura de hiperestesia que o faz ainda sentir a emanção "do ácido sulfídrico das tumbas" e o "Tóxico e o veneno" dos "infortúnios da Terra".

CARMEN CINIRA! CARMEN CINIRA!

Ao fim desse drama de sensações tremendas que Augusto dos Anjos nos traça, chegamos, com alívio, ao estro delicado de Carmen Cinira:

Carmen Cinira! Carmen Cinira!
Que é da minha cigarra cantadeira/
Embalde te procuro.

Por que cantaste assim a vida inteira,
Cigarra distraída do futuro?

Perturbada,
Aturdida,
Busco a mim mesma aqui nesta outra vida...

Sente, então, a poetisa que outra existência se revela, após a Terra. E, dirigindo-se ao Senhor:

Eu te agrad'eço a paz que já me deste,
Mas, eis que ainda te imploro, comovida,
Porque me sinto em fraca segurança:
Deixa que eu guarde ainda nesta vida
Meu escrínio de estrelas da esperança.

HUMBERTO...

E os olhos da ilusão continuam sofregamente a correr sobre aquelas páginas de confiança e de mistério...

Outros poetas passam, outros tormentos e outras redenções. Depois, os versos cessam, e a prosa esparrama-se sobre a folha branca.

Humberto...

Nosso olhar desprende-se do papel, um momento, e alonga-se, pela janela a fora, por sobre o casario, até ao dorso da colina distante por onde descem, à tarde, os carreiros de Matosinhos.

Humberto de Campos...

Nas suas "Memórias inacabadas", ele nos diz, falando pelas lembranças da sua adolescência:

"Eu tinha dezesseis anos, e desde os oito, ou os nove, a morte, e as cousas de além da morte, constituíam a minha constante preocupação".

E mais adiante:

"O que me afligia e atordoava não era, todavia, o pavor do Inferno católico, o castigo na outra vida, a privação possível da bem-aventurança assegurada aos que tivessem fé. Os meus tormentos neste mundo já eram tantos que pouco me preocupavam os do outro. O que me perturbava e desorientava era o conhecimento, de que eu tomara, da situação miserável do homem na Terra e no Universo. Eu tinha crescido na certeza de que o Homem era o Rei das cousas criadas, e de que tudo girava, no mundo, em torno dele. E eis que, lendo os mestres, conversando os espíritos culminantes do meu século, verificava que os mais esclarecidos, os mais fortes, eram em relação aos fenômenos da Vida e da Morte, tão ignorantes quanto eu! De que tinham servido, então, os milênios rolados desde a origem das cousas

para o abismo dos Tempos? Que tinham feito filósofos e cientistas, homens de pesquisas e homens de meditação, que eu, chegando tão tarde no Planeta, lançava, ainda, e de balde, o grito surdo do meu espírito, pedindo a todos os ventos uma voz enérgica e segura que me desvendasse a Verdade?"

O ciclo de sua vida terrena encerrou-se, não faz muito. A morte já lhe fez a sua revelação. E agora, aqui o temos de novo a falar-nos do seio dos mistérios sombrios que lhe inquietavam as cismas daqueles anos distantes. Nossos olhos recolhem-se, caem outra vez sobre o papel e lêem:

JUDAS ISCARIOTES

(Comunicação mediúnica, recebida em Pedro Leopoldo, no dia 19 de Abril de 1935)

Silêncio augusto cai sobre a Cidade Santa. A antiga capital da Judéia parece dormir o seu sono de muitos séculos. Além, descansa Getsêmani onde o Divino Mestre chorou numa longa noite de agonia, acolá, está o Gólgota sagrado e em cada coisa silenciosa há um traço da Paixão que as épocas guardarão para sempre. E em meio de todo o cenário, como um veio cristalino de lágrimas, passa o Jordão¹⁰ silencioso, como se as suas águas mudas, buscando o Mar Morto, quisessem esconder das coisas tumultuosas dos homens os segredos insondáveis do Nazareno.

Foi assim, numa dessas noites que vi Jerusalém, vivendo a sua eternidade de maldições.

Os espíritos podem vibrar em contato direto com a história e buscando uma relação íntima com a cidade dos profetas, procurava observar o passado vivo dos Lugares Santos. Parece que as mãos iconoclastas de Tito por ali passaram como executoras de um decreto irrevogável e por toda a parte ainda persiste um sopro de destruição e desgraça. Legiões de duendes, embuçados nas suas vestimentas antigas, percorrem as ruínas sagradas e no meio das fatalidades que pesam sobre empório morto dos judeus, não ouvem os homens os gemidos da humanidade invisível.

Nas margens caladas do Jordão, não longe talvez do lugar sagrado, onde o Precursor batizou Jesus Cristo, divisei um homem sentado sobre uma pedra. De sua expressão fisionômica irradiava-se uma simpatia cativante.

Sabe quem é este? — murmurou alguém aos meus ouvidos — Este é Judas.

— Judas?!

— Sim. Os espíritos apreciam, às vezes, não obstante o progresso que já alcançaram, volver atrás, visitando os sítios onde se engrandeceram ou prevaricaram, sentindo-se momentaneamente transportados aos tempos idos. Então mergulham o pensamento no passado, regressando ao presente, disposto ao heroísmo necessário do futuro. Judas costuma vir à Terra nos dias em que se comemora a Paixão de Nosso Senhor, meditando nos seus atos de antanho...

¹⁰ Vide nota anterior

Aquela figura de homem magnetizava-me. Eu não estou ainda livre da curiosidade do repórter, mas entre as minhas maldades de pecador e a perfeição de Judas existia um abismo. O meu atrevimento, porém, e a santa humildade do seu coração ligaram-se para que eu o atravessasse, procurando ouvi-lo:

— O senhor é, de fato, o ex-filho de Iscariotes? — perguntei.

— Sim, sou Judas, respondeu aquele homem triste, enxugando uma lágrima nas dobras de sua longa túnica.

Como o Jeremias, das Lamentações, contemplo, às vezes, esta Jerusalém arruinada, meditando nos juízos dos homens transitórios...

— É uma verdade tudo quanto reza o Novo Testamento com respeito à sua personalidade na tragédia da condenação de Jesus?

— Em parte... Os escribas que redigiram os evangelhos não atenderam às circunstâncias e às tricas políticas que acima dos meus atos predominaram na nefanda crucificação. Pôncio Pilatos e o tetrarca da Galiléa, além dos seus interesses individuais na questão, tinham ainda a seu cargo salvaguardar os interesses do Estado romano, empenhado em satisfazer as aspirações religiosas dos anciãos judeus. Sempre a mesma história. O Sinednm desejava o reino do céu pelejando por Jeovah, a ferro e fogo; Roma queria o reino da Terra. Jesus estava entre essas forças antagonistas, com a sua pureza imaculada. Ora, eu era um dos apaixonados pelas idéias socialistas do Mestre, porém o meu excessivo zelo pela doutrina me fez sacrificar o seu fundador. Acima dos corações, eu via a política, única arma com a qual poderia triunfar e Jesus não obteria nenhuma vitória com o Seu desprendimento das riquezas. Com as Suas teorias nunca poderia conquistar as rédeas do poder já que, no Seu manto de pobre, se sentia possuído de um santo horror à propriedade. Planejei então uma revolta surda como se projeta hoje em dia na Terra a queda de um chefe de Estado. O Mestre passaria a um plano secundário e eu arranjaria colaboradores para uma obra vasta e enérgica como a que fez mais tarde Constantino Primeiro, o Grande, depois de vencer Maxêncio às portas de Roma, o que aliás apenas serviu para desvirtuar o Cristianismo. Entregando, pois, o Mestre a Caifás, não julguei que as coisas atingissem um fim tão lamentável e, ralado de remorsos, presumi que o suicídio era a única maneira de me redimir aos seus olhos.

— E chegou a salvar-se pelo arrependimento?

— Não. Não consegui. O remorso é uma força preliminar para os trabalhos reparadores. Depois da minha morte trágica, submergi-me em séculos de sofrimento expiatório da minha falta. Sofri horrores nas perseguições infligidas em Roma aos adeptos da doutrina de Jesus e as minhas provas culminaram em uma fogueira inquisitorial, onde, imitando o Mestre, fui traído, vendido e usurpado. Vítima da felonía e da traição, deixei na Terra os derradeiros resquícios do meu crime, na Europa do século XV.

Desde esse dia, em que me entreguei por amor do Cristo a todos os tormentos e infâmias que me aviltavam, fechei o ciclo das minhas dolorosas reencarnações na Terra, sentindo na frente o ósculo de perdão da minha própria consciência...

— E está hoje meditando nos dias que se foram... — pensei com tristeza.

Sim... estou recapitulando os fatos como se passaram. E agora, irmanado com Ele que se acha no Seu Luminoso Reino das Alturas que ainda não é deste mundo, sinto nestas estradas o sinal de Seus divinos passos. Vejo-O ainda na cruz, entregando a Deus o Seu destino... Sinto a clamorosa injustiça dos companheiros que O abandonaram inteiramente e me vem uma recordação carinhosa das poucas mulheres que O ampararam no doloroso transe... Em todas as homenagens a Ele prestadas, eu sou sempre a figura repugnante do traidor... olho complacientemente os que me acusam sem refletir se podem atirar a primeira pedra... Sobre o meu nome pesa a maldição milenária, como sobre estes sítios cheios de miséria e de infortúnio. Pessoalmente, porém, estou saciado de justiça, porque já fui absolvido pela minha consciência, no tribunal dos suplícios redentores.

Quanto ao Divino Mestre, continuou Judas com os seus prantos, infinita é a Sua misericórdia e não só para comigo porque se recebi trinta moedas, vendendo-O aos seus algozes há muitos séculos, Ele está sendo, criminosamente, vendido no mundo a grosso e a retalho por todos os preços, em todos os padrões do ouro amoadado...

— E verdade — concluí — e os novos negociantes do Cristo não se enforcam depois de vendê-Lo.

Judas afastou-se, tomando a direção do Santo Sepulcro e eu, confundido nas sombras invisíveis para o mundo, vi que no céu brilhavam algumas estrelas sobre as nuvens pardacentas e tristes, enquanto o Jordão rolava na sua quietude com um lençol de águas mortas, procurando um mar morto. — Humberto de Campos".

NO RUMO DO IMPRESSIONANTE

A essa segue-se outra crônica, intitulada "Na mansão dos mortos", que enviaremos depois.

A noite já chegara. Fechamos a pasta. O fotógrafo apanhou a máquina: saímos, rumo à casa de Chico Xavier.

E ali, à luz fraca da sua residência pobre, ele fez a narrativa impressionante da sua vida e da iniciação espírita.

(Retirada a figura)

Chico Xavier em seu posto no balcão de "seu" Zé Felizardo.

Foto inédita publicada em 1935 no jornal *O Globo*.

(cortesia de Wilson Cantai)

REVELANDO A ESTRANHA VIDA DE UM MÉDIUM

**Preces de menino, na solidão — Reze! —
Não foi você quem escreveu isto — Alucinações —
Perasso, o Feiticeiro — Doutrinando o Espírito**

Pedro Leopoldo, 24 — (Do enviado especial de *O Globo*, Clementino de Alencar),¹¹ — Poucas horas nos separam do momento inicial da sessão anunciada para hoje, à noite, e à qual compareceremos.

Aliás, ao que soubemos de manhã, a reunião terá também a presença de elementos de destaque de Pedro Leopoldo, médicos, advogados, magistrados, funcionários, que já não escondem seu interesse e curiosidade pelo caso desse caixeirinho simplório e humilde que a versão mais generalizada e aceita na região dá como um confidente fiel de mortos ilustres.

Ao iniciarmos esta reportagem, quisemos fazê-lo como um simples observador anônimo e curioso que se lançasse sem "parti-pris", num campo de revelações sensacionais limitado, de um lado, pela desconfiança de alguns, e aberto, de outro, pela crença de muitos, para o infinito de todas as suposições que se espriam sob as brumas do sobrenatural.

Por isso mesmo adotamos o método de ir grafando observações e impressões à medida que as íamos colhendo, no correr das horas e das situações, para que nada perdessem elas em seu sabor original, nem ganhassem ou sofressem em sua intensidade, ante as surpresas ou decepções que, porventura, nos reservassem os fatos ulteriores.

A ESTRANHA HISTÓRIA DE UM MÉDIUM

Dentro desse método, vamos aqui expor, antes da sessão de logo à noite, o que nos contou Chico Xavier, ontem, em sua casa, ao lembrar, para a reportagem, os fatos, muitos deles bastante impressionantes, que o encaminharam para o Espiritismo e revelaram suas faculdades mediúnicas.

Algumas dessas passagens nos foram confirmadas por pessoas idôneas da localidade, entre as quais o negociante Armando Belisário e o pai de Chico Xavier, João Cândido, um dos raros vivos do grupo de operários com que foi inaugurada, há muitíssimos anos, a fábrica de tecidos daqui.

João Cândido e sua mulher, já falecida, criaram quinze filhos,¹² quase todos ainda vivos e alguns ainda de menor idade. Hoje, o velho operá-

¹¹ *Jornal O Povo* — 28 de junho de 1935

rio está aposentado e reside em Matosinhos, em companhia de alguns de seus descendentes. Os demais membros de sua família, exceto uma filha casada, moram em Pedro Leopoldo. São todos gente pobre, honesta e trabalhadora.

Agora, passemos à história de Chico Xavier, que grafaremos com todas as impressões colhidas, quando o ouvíamos, ontem à noite, e que ainda perduram em nós.

PRECES DE MENINO, NA SOLIDÃO

Quando menino, sua mãe, cuidando-lhe do corpo, embalava-lhe também a alma na fé católica em que vivera e morrera.

Assim, aos oito anos, Chico Xavier conhecia rezas e adorava santos. Grande era sua devoção, uma devoção de criança, nem sempre isenta de absurdos e de sustos. Atirar tostões ao mato, "para os santos", era um dos seus gestos mais comuns de menino devoto. Outro hábito seu era refugiar-se à sombra das árvores e ali dizer baixinho, na solidão, as preces que aprendera dos lábios maternos. O interessante era que tal ato não resultava de intenção sua. Entregava-se a ele como quem obedece a uma força inexplicável. E, às vezes quando rezava, no silêncio da mata, tinha a impressão de ouvir passos em redor, quebrando as folhas secas. Nada via, porém, nem se assustava. O que o assustava era algo de muito estranho que sentia dentro de si, na confusão de suas idéias tenras. E era esse secreto pavor que o levava à constância fervorosa daquelas preces.

Assim, na mata, tivera ele o seu primeiro templo e as suas primeiras revelações, à maneira da predestinada pucela de Domrémy.

"LEMBRANÇAS QUE NÃO ERAM DA MINHA VIDA"

Os anos da meninice passam. Então, ele começa a sentir com mais precisão, já sabe exprimir melhor aquele "algo de muito estranho" que havia dentro de si: tinha, às vezes, a impressão de que era outra pessoa muito diferente de si mesmo, que vivia em outros tempos, lembrava-se de coisas, fatos ocorridos com ele, mas que, por mais que tentasse, não conseguia localizar na sua vida.

— "Lembranças que não eram da minha existência atual..."

REZE!

Essa impressão o atormentava, esse mistério íntimo acusava-o. Corria à igreja.

O padre dizia-lhe:

¹² *Da união de João Cândido Xavier com Maria João de Deus, desencarnada em 29 de setembro de 1915, nasceram 9 filhos, dos quais Chico Xavier é o quinto rebento. Casado em segundas núpcias, em 1917, com Cidália Batista, o casal teve mais 6 filhos.*

Reza!
Ele rezava.

MINHA CABEÇA NÃO É MINHA!

Mas o tormento não cessava. Uma vez, aos 17 anos, acompanhou a famosa procissão de Matosinhos, e pedia à Virgem:

— Curai-me! Minha cabeça não parece minha.
E repetia as preces à sua mãe morta.

"NÃO FOI VOCÊ QUEM ESCREVEU ISTO"

Por esse tempo, freqüentava o grupo escolar de Pedro Leopoldo.

Uma tarde, sentado à beira do ribeirão que banha a cidade, veio a inspiração de uma pequena página descritiva: "O ribeirão, à tarde".

Composta a página, exibiu-a, no dia seguinte, à professora. Esta leu-a e observou-lhe:

— Isto é de você? Não; não foi você quem escreveu isto.

Fê-lo então sentar-se e disse-lhe:

— Bem; escreva-me mais uma página.

— Sobre o quê?

— O ribeirão, à tarde...

Ele empenhou-se na produção, mas — apesar do tema já lhe ter merecido bela descrição — nada mais de bonito pôde escrever.

ALUCINACÕES

Passou-se algum tempo. Fosse porque fosse, ele se sentiu mais aliviado.

Logo a seguir, porém, ocorreu algo de terrível.

Sua irmã, moça sadia, trabalhava na fábrica de tecidos.

Certa manhã, às 9 horas, exatamente, pôs-se ela a dar, em plena oficina, gritos medonhos.

Socorreram-na. Chamaram o médico. A moça, porém, escapou-se das mãos que a amparavam e correu para a rua como doida. Desceu até a ponte e quis atirar-se ao ribeirão, sendo agarrada a tempo, por vários operários.

"AÍ VEM O MÉDICO, MAS NÃO ADIANTA"

Depois de indicar-nos pessoas que poderiam dar testemunho do fato, Chico Xavier prossegue no relato de episódios impressionantes.

Agarrada a tempo, na ponte, a moça teve um desmaio e foi conduzida para casa. Voltou a si, pouco depois, mas com estranha expressão no olhar e renovando, de quando em quando, os gritos terríveis.

De novo o médico.

Então, em casa, ouviram, com assombro, que a moça dizia:

— Aí vem o médico. Vai dar uma injeção nela. Mas isso não valerá nada.

Dito e feito. Pouco depois de se retirar o médico, renovou-se a crise.

O médico é mais uma vez chamado e a moça, cessando com os gritos, torna a observar:

— Aí vem o médico. Outra injeção vão dar nela. Mas não adianta.

E o resultado foi o mesmo da outra vez.

PER ASSO, o FEITICEIRO¹³

Os parentes estão alarmados. Desistem do médico e chamam Perasso. Este era, naquele tempo, o feiticeiro da região. O pai da moça, João Cândido, foi procurá-lo. Nesse mesmo tempo, a enferma dizia, em casa, em tom irado:

— Vi o pai dela falando com o Perasso.

E quando o Perasso, atendendo ao chamado, pôs o pé na porta da casa, a moça, que adormecera por instantes, acordou gritando:

— Eh! Perasso, você vem aí! Mas não adianta nada! Comigo é peta!

DOUSTRINANDO O ESPÍRITO

Perasso não se perturba. Ele já conhece aqueles mistérios. E, enquanto ela reage:

— Ele começou a doutrinar o mau espírito que estava nela — diz-nos Chico Xavier.

As horas foram passando. E Perasso sempre "doutrinando" o espírito.

Então, a moça melhorou um pouco.

Na esperança de cura completa, os parentes afastaram-na do lugar. Levaram-na para pequena chácara de conhecidos, no Maquine.

O outro irmão, José Cândido, fazia-lhe companhia, ali. O tempo foi passando sem novidade. Um dia, porém, a moça, com uma laranja na mão, apanhou uma faca e partiu a fruta pelo meio.

— Queres a metade? — pergunta ela ao irmão.

Este aceitou.

Então ela atirou a fruta no chão e caiu em crise análoga à já descrita.

Nova cura foi então encetada, ainda por Perasso e de novo a moça ficou boa.

¹³ Trata-se, na verdade, de José Hermínio Perácio, espírita que realizava sessões mediúnicas em sua residência. A utilização do termo "feiticeiro" é inadequada. Reflete, muito provavelmente, a concepção da população local sobre alguém que mantivesse contato com os espíritos

ESPÍRITAS

Foi por essa época, e na expectativa de nova crise da moça, que José e Chico Xavier começaram a freqüentar algumas reuniões espíritas que se realizavam na região.

Assim, iniciados, acabaram realizando sessões em sua casa.

A irmã não teve mais crise. Casou.

Certa vez, numa das sessões, Chico Xavier caiu em transe. Sua mão traçou sobre o papel uma página referente aos Evangelhos.¹⁴

Sentiu nessa ocasião o cérebro entorpecido. Mais tarde, a impressão foi outra. Parecia-lhe que uma corrente elétrica lhe passava pela cabeça e esta lhe doía muito, não raro.

Só em 1931 começou a psicografar versos.

NUNCA Viu FANTASMA...

Quando Chico Xavier concluiu a narração desses fatos, fizemo-lhe algumas perguntas.

Numa terra onde tanto ouvíamos falar de fantasmas, pareceu-nos muito natural que indagássemos se eleja tivera oportunidade de ver algum daqueles fugitivos das sombras.

Não. Chico Xavier nunca viu nada. Assim, o médium é, na região, um dos poucos que ainda não viram fantasmas...

(Retirada a figura)

Chico Xavier ainda adolescente

ONDE APARECE O NOME ILUSTRE DOS BRISSAC

Indagamos, também, sobre seus sonhos.

Ele tem tido alguns bem interessantes e mais ou menos relativos àquelas lembranças a que ele nos fizera referências em sua narrativa, de fatos ocorridos em outros tempos, em eras remotas, "lembranças" que não eram da sua existência presente.

Pedimo-lhe a citação de algumas dessas lembranças e sonhos relacionados.

¹⁴ Conforme Luciano Napoleão da Costa e Silva (*Nosso Amigo Chico Xavier: 50 Anos de Mediunidade*. 3- ed. São Paulo: Nova Mensagem, 1977. pags. 41-42), no dia 8 de julho de 1927, na reunião pública ocorrida no recém-fundado Centro Espírita Luiz Gonzaga, D. Carmem Pena Perácio, esposa de José Hermínio Perácio, ouviu quando um amigo espiritual lhe disse para orientar aquele jovem, dando-lhe papel e lápis, a fim de experimentar a psicografia.

Transmitido o pedido, Chico logo se colocou em meditação, começando o lápis a correr sobre o papel, em grande velocidade. Ao término, a mensagem assinada por um amigo espiritual foi lida para os presentes: eram 17 páginas explicando trechos do Evangelho.

Então, à margem de história propriamente do médium, ouvimos duas outras curiosas narrativas. Numa delas aparece um famoso Circo Guerin, que, segundo a narração, deve ter existido na França, há uns dois séculos.

Na outra em que julgamos encontrar reminiscências dos tempos feudais, aparece o nome dos Brissac, a velha estirpe, que tantos marechais deu à França.¹⁵

(Retirada a figura)

Em julho de 1967 o jornal "O Espírita Mineiro" publicou entrevista com Antônio Barbosa Chaves, então com 76 anos, quase cego, saúde debilitada, que relatou a emoção que sentia por ter assistido à sessão de 8 de julho de 1927, em que Chico Xavier recebeu sua primeira mensagem psicografada.

Capítulo V

INICIA-SE A FASE MAIS DECISIVA DA REPORTAGEM, EM PLENA SESSÃO ESPÍRITA

*Ainda a narrativa de duas façanhas do médium — Barbas abaixo
— Uma casa cheia de vivos à espera dos mortos — Ponham de
lado as armas — Invocação — No pórtico
dos esquivos segredos.*

Pedro Leopoldo, 25 - (Do enviado especial de O Globo, Clementino de Alencar)¹⁶ — Foi por volta das 19h30 que deixamos, ontem, o hotel para assistirmos à sessão espírita na casa de José Xavier.

Durante o jantar, o mais concorrido que tivéramos aqui, as palestras só perseguiram um assunto: Chico Xavier.

¹⁵ Estas informações de Chico Xavier, alusivas a possíveis existências transatas, ao que nos parece, nunca foram divulgadas em nenhum livro.

¹⁶ Jornal *O Povo* — 1º - de julho de 1935.

Aliás, conforme anteriormente observamos, a sessão de ontem, com a presença da reportagem e personalidades locais, viera dar à data uma significação muito especial para a cidade. E ainda outro fato havia de assinalar essa quarta-feira bonita de Pedro Leopoldo: o Zeca, dos canários, pôs a barba abaixo.

FRASES EM INGLÊS

Foi durante esse concorrido jantar, uma hora antes da sessão, que pudemos colher, ainda, de bocas respeitáveis, notícias de dois episódios muito interessantes das atividades mediúnicas de Chico Xavier.

Um dos casos foi narrado assim:

O Sr. Rômulo Joviano, inspetor-chefe da Fazenda Experimental do Ministério da Agricultura, em Pedro Leopoldo,¹⁷ depois de ouvir o que se contava sobre os feitos do caixeiro de Zé Felizardo, teve a curiosidade de assistir a algumas sessões, embora sem manifestar crença alguma a respeito.

Numa dessas reuniões, o médium em transe grafou, ou melhor, psicografou algumas frases que os componentes da mesa não puderam decifrar: eram escritas em inglês.

O dr. Rômulo, naturalmente desconfiado, solicitou que a mensagem lhe fosse entregue para poder examiná-la melhor em casa.

Conhecedor do inglês, observou, então, que as frases continham alguns erros. Anotou-os e compareceu à sessão seguinte, disposto a interperlar o médium e os espíritos sobre tais erros.

Antes, porém, que pudesse fazê-lo, Emmanuel, o espírito guia do Chico Xavier, respondia, logo ao início do transe, as interpelações que não tinham sido ainda feitas, esclarecendo que os "erros observados pelo doutor Rômulo e sobre os quais pretendia fazer perguntas" resultavam da deficiência do aparelho, isto é, do médium; como este nada conhecesse do idioma inglês, a mensagem, transmitida por seu intermédio, podia ressentir-se dessa falha, fato esse aliás já previsto e explicado dentro da doutrina.

Um sacerdote falecido no Rio, em 1902

O outro episódio narrado foi este:

Um certo sr. F. G., que perdera a esposa, pouco tempo antes, compareceu à sessão realizada pelos irmãos Xavier, em 19 de novembro de 1934.

Abismado na mágoa imensa que lhe ficara pela perda sofrida, o referido cavalheiro fora ali na esperança, sem dúvida, de um pouco de consolação.

Feitas as primeiras preces, um espírito baixou e fez uma comunicação espontânea dirigida a F. G.

¹⁷ Rômulo Joviano, posteriormente, ofereceria um emprego ao Chico Xavier, na Inspetoria Regional do Serviço de Fomento da Produção Animal do Ministério da Agricultura, em Pedro Leopoldo.

A tua ex-companheira de amarguras, alegrias e lutas terrenas está recuperando as suas forças, sob as vistas de amigos devotados que buscaram suavizar seus derradeiros tormentos.

Exortava, a seguir, o citado cavalheiro a enfrentar seus combates morais com serenidade e fé.

Afinal, afirmou o espírito ter sido vigário em São Cristóvão e haver desencarnado no ano de 1902.

Investigações levadas a efeito pouco depois revelaram que, realmente, em de Março de 1902, segundo notícias encontradas em jornais da época, falecera, no Rio, o reverendo cônego Luís Antônio Escobar Araújo, vigário, da freguesia de São Cristóvão.

Assinalando sua passagem por aquele posto, existe, na sacristia da igreja de São Cristóvão, no Rio, embutido na parede, um quadrilátero de mármore com os seguintes dizeres:

"Justa homenagem da Irmandade do SS. Sacramento de S. Cristóvão ao seu Provedor Honorário e Perpétuo, o revmo. sr. Vigário Luís Antônio Escobar Araújo. — Sessão de 6 — 12 — 1904".

PROPOSTA DE UM DESCONFIADO

Deixamos o hotel em companhia do promotor da comarca, dr. Washington Floriano de Albuquerque. Esse magistrado, que reside em Santa Luzia, mas aqui se encontra por se achar funcionando o Tribunal do Júri local, quis, também, assistir à sessão.

Quando chegamos ao fim da rua Herbster, o sr. Andrade Pinto, engenheiro da Central do Brasil, reúne-se a nós, disposto também a comparecer à reunião.

Damos alguns passos mais pela rua deserta e o referido técnico lembra:

— Vamos propor que as páginas grafadas pelo médium sejam rubricadas por algumas das pessoas insuspeitas presentes à reunião?

Aceitamos a proposta e o mesmo engenheiro fica encarregado de apresentar a exigência dos descrentes, mas só quando os trabalhos já estiverem iniciados.

Pouco depois entrávamos na casa, já repleta, de Chico Xavier.

Chegara o momento decisivo.

OS PRESENTES

Os presentes reúnem-se, por enquanto, na sala da frente, ou melhor, na oficina do seleiro. Estão já ali o Prefeito do município de Pedro Leopoldo, sr. José de Azevedo Carvalho, médico distintíssimo e operador de grande fama; o juiz Dario Lins, o sr. Cristiano Otoni, outro médico também de nomeada na região; o sr. Maurício Azevedo, coletor federal; os advogados Jerônimo Figueira de Melo e Valfrido de Andrade Bernardes, o escrivão

Raimundo Gonçalves, os srs. Teodoro Viana, Caetano Carvalho, José Viana, Baltazar de Orneira Neves e várias outras pessoas, inclusive senhoritas da localidade.

Esse é o grupo que se poderia chamar de "curiosos", dos que ali foram levados pelo interesse que vem despertando o médium sensacional, pelo desejo de "ver" aquilo de que tanto se fala. Desse grupo ficam a participar o jornalista, o promotor e o engenheiro Andrade Pinto.

Quanto aos adeptos, aos espíritas propriamente ditos, sua afluência é também numerosa.

— A casa já está cheia de vivos — observa alguém. Faltam os mortos...

"NOSSA CORRENTE É FORTE"

José Cândido, o dono da casa, atende a todos, prazenteiramente, mas, talvez, com secreto temor de não poder acomodar tanta gente no exíguo recinto de sua residência pobre.

O promotor Washington Floriano, um pouco versado em assuntos espíritas, prevê o fracasso da sessão:

— É muita gente. Vão perturbar a concentração, prejudicar a "corrente".

José Cândido concorda até certo ponto; mas ainda confia:

— Felizmente, nossa corrente é forte.

ESPÍRITOS E RAPADURA

A propósito, um dos presentes observa que as faculdades mediúnicas de Chico Xavier são tão poderosas que o rapaz, às vezes, recebe espíritos mesmo durante suas horas normais, quando está só, lendo, meditando ou descansando.

— Geralmente, também, quando está comendo rapadura.

— Espíritos gulosos...

— Talvez não. É que ele, muitas vezes, lê ou medita comendo rapadura...

PROLETÁRIOO...

São 8h10.

Chico Xavier ainda não chegou.

José Cândido justifica a demora:

— O trabalho. Ele só pode sair quando fecha a venda. E a venda fecha às 8 horas.

Nós já tínhamos verificado isso.

GENTE EM PÉ, SENTADA, MONTADA

Chegam ainda outras pessoas. A sala já não dá. Alguns passam para a outra peça, reservada às sessões. Já faltam cadeiras. Na banquetta do seleiro há um arreo inacabado. Serve, porém. Um rapazinho montado. Assim, temos já ali gente em pé, sentada, acorada e montada.

AS CALÇAS REMENDADAS

Às 8h20, Chico Xavier chega, afinal, pedindo mil desculpas por ter feito a assistência esperar. É a mesma simplicidade de sempre, com o mesmo sorriso bom e ingênuo, as mesmas calças remendadas. O mesmo caixeirinho humilde de "seu" Zé Felizardo...

NA SALA DAS SESSÕES

Entretanto, dirige-se ele imediatamente para a sala das sessões.

Aí tomam também lugar os assistentes, alguns em pé, outros sentados. Não todos, porém. A sala não dá. Muitos ficam na oficina.

Acomodada a assistência da melhor maneira possível, o grupo que forma a "corrente", Chico Xavier, José Cândido, Fausto Joviano, Carosino Pena Xavier, Nelson Pena, senhorita Nanei Pena, toma lugar na pequena mesa colocada ao centro da peça e coberta com uma toalha branca.

José Cândido, que presidirá os trabalhos, de um dos extremos da mesa, dirige-se aos presentes: pede, encarecidamente, aos que estejam armados que se desfaçam de suas armas durante a sessão. As vezes, "descem" maus espíritos...

Ninguém estava armado.

José Cândido pede ainda a todos a maior calma e silêncio. Depois, convida o repórter a sentar-se no outro extremo da mesa.

O repórter aceita o convite.

José Cândido senta-se por sua vez, tendo Chico Xavier à direita. Um menino põe, ao centro da mesa, dois copos d'água e um bloco de papel diante do médium.

O presidente abre o livro de preces e faz sua invocação ao Senhor, à Virgem, ao patrono do "centro", Luiz Gonzaga, e aos Amigos do Espaço. Depois, em nome de Deus, estão abertos os trabalhos, como, de fato, abertos estão.

As cabeças inclinam-se sobre a mesa. Concentração. Prece. Silêncio.

Sente então o repórter que uma vaga emoção lhe aquece a fronte, afina-lhe os nervos, apalpa-lhe o coração.

Sobre a mirada fria e indagadora com que — na tentativa de abstração de si mesmo — vinha ele no encalço das horas e dos fatos, tremem, afinal e ligeiramente, suas pálpebras humanas.

O observador abstrato personaliza-se, humaniza-se no alvoroço de suas sensações.

Silêncio.

Agora, os homens ali se englobam, nivelam, confundem na mesma expectativa ansiosa.

Os olhares já se não cruzam, as palavras já se não buscam, curiosas, de boca em boca; os pensamentos se inclinam todos para o mesmo rumo, como as espigas da seara farta sob o vento.

A Vida lança no silêncio, sua ampla rede preceptora e queda-se, muda e atenta, diante da Morte.

Hoje, como há dois mil anos, como há três mil anos, como sempre.

E eu — poeira de migalha arrastada no turbilhão das incertezas eternas — escancaro os meus olhos de dúvida para o pórtico das sombras insondáveis e dos esquivos segredos.

(Retirada a figura)

Lembrança do Pai de Zico

Francisco Cândido Xavier tinha mais ou menos 25 anos de idade, quando um amigo lhe ofereceu um retrato a óleo, que a sua sobrinha Lúcia guarda com carinho.

Os traços são, na realidade, de um adolescente, despontando para a vida.

No quadro, há uma dedicatória singela, com a qual encimamos este registro: *Lembrança do pai de Zico*. Uma placa de metal guarda a gravação indelével.

Poucos se lembram, em Pedro Leopoldo, de quem teria sido Zico. Opinam alguns, no entanto, que se tratava de um moco de São Paulo que visitava, periodicamente, Chico Xavier, trazendo-lhe, numa dessas visitas, o retrato a óleo, oferta do próprio pai, a quem, por certo, falava sobre o médium. Daí a dedicatória: *Lembrança do pai de Zico*.

Onde andará esse jovem de ontem?

Quem retratou o Chico deixou, no quadro, o próprio nome: L. SEDLAK.

Fonte: *Jornal O Espírita Mineiro de julho de 1967*

Capítulo VII

VERSOS DE CRUZ E SOUSA, QUENTAL E AUTA DE SOUSA, PSÍCOGRAFADOS NA SESSÃO DE 24 DE ABRIL

**Quental e a fatalidade — As fronteiras de cinza e esquecimento —
"Sombras errando abandonadas" — Derradeira mensagem —
E um segredo — O Verbo "sofrer" aparece ainda nas estrofes
que trazem o nome do poeta dos "Broquéis", mas já agora ao
lado de "deslumbramento"
da alma livre**

Pedro Leopoldo, 26 — (Do enviado especial de *O Globo*, Clementino de Alencar)¹⁸ — Na sessão realizada na noite de 24, em casa de José Cândido, recebeu o médium, além de uma crônica atribuída a Humberto de Campos, três sonetos e uma rápida mensagem de Emmanuel.

Dessa parte restante da produção colhida na citada reunião é que nos ocuparemos hoje.

Os sonetos são três, assinados, respectivamente, Antero de Quental, Cruz e Sousa e Auta de Sousa, e foram grafados, todos, apenas em 10 minutos, pelo médium¹⁹

Conforme observação que já comunicamos, anteriormente, a letra varia em cada uma dessas peças poéticas, apresentando-se grande, redonda, nos versos de Quental; menor um pouco e ainda arredondada, no de Auta de Sousa; e, por fim, miúda, reta, nervosa, nos versos de Cruz e Sousa.

(Retirada a figura)

O médium de Pedro Leopoldo concentrado,
flagrado pela objetiva de *O Globo*. Foto publicada em 1935,
no jornal *O Globo*, (cortesia Wilson Cantai)

¹⁸ Jornal *O Povo* — .? de julho de 1935.

¹⁹ Estas peças literárias, reproduzidas abaixo pelo repórter, seriam, posteriormente, inseridas no *Parnaso de Além-Túmulo*, com ligeiras alterações. Foi o primeiro livro editado e lançado em julho de 1932. Era uma coletânea de 59 poemas assinados por 14 grandes poetas brasileiros já falecidos: Castro Alves, Casimiro de Abreu, Augusto dos Anjos, Guerra Junqueiro, entre outros

FATALIDADE

A primeira página grafada, na noite, pelo médium, foi o soneto de Antero de Quental, sob este título: "Fatalidade".

Em 1932, escrevendo sobre versos psicografados por Chico Xavier, Humberto de Campos, conforme assinalamos em reportagem anterior, dizia, referindo-se aos versos de Quental encontrados no *Parnaso de Além-Túmulo*:

"Antero de Quental continua triste e trágico no outro mundo, e disposto, parece, a suicidar-se de novo, para reaparecer neste."

Agora, temos aqui, diante dos olhos, novos versos do autor do *Cavaleiro e a Morte*. É o mesmo tom solene, profundo, do poeta luso.

Apenas parece que, ao fim de mais esses dois anos e pouco de vida do além, adoçou-se um tanto — é a expressão que nos ocorre — o pessimismo do poeta. Pelo menos, ele já vê, lá, no reino da Morte, "onde a grande certeza principia", o "fim de toda a amargura da descrença".

E senão vejamos o que ele nos diz nestes últimos versos, psicografados anteontem pelo médium de Pedro Leopoldo:

FATALIDADE

Crê-se na Morte o Nada e todavia,
A Morte é a própria Vida ativa e intensa,
Fim de toda a amargura da descrença,
Onde a grande certeza principia.

O meu erro no mundo da Agonia,
Foi crer demais na angústia e na doença
Da alma que luta e sofre, chora e pensa,
Nos labirintos da filosofia...

E no meio de todas as canseiras
Cheguei enfim às dores derradeiras
Que as tormentas de lágrima desatam!...

Nunca, na terra, a crença se realiza,
Porque em tudo no mundo o homem divisa
A figura das dúvidas que matam.

AS FRONTEIRAS DE CINZA E ESQUECIMENTO

Passemos ao soneto de Cruz e Sousa, encimado por este título: "Felizes os que têm Deus".

O verbo "sofrer" ainda aparece nesses versos que trazem ao pé o nome do poeta dos "Broquéis", mas já, agora, ao lado do "deslumbramento" da vida da alma livre, para além das "fronteiras de cinza e esquecimento".

E, para aqueles que tanto admiraram e admiram o grande torturado, são como um suave conforto à saudade esses versos em que julgamos ver o poeta "no bergantim sagrado da Esperança".

Vejamos o soneto de Cruz e Sousa:

FELIZES OS QUE TÊM DEUS

Entre esse mundo de apodrecimento
E a vida d'alma livre, d'alma pura,
Ainda se encontra a imensidade escura
Das fronteiras de cinza e esquecimento.

Só o pensador que sofre e anda à procura
Da verdade e da Luz no Sentimento,
Pode guardar esse deslumbramento
Da Fé, fonte de mística ventura.

Felizes os que têm Deus nessa batalha
Da miséria terrena que estraçalha
Todo o anseio de amor ou de bonança!...

Venturoso o que vai por entre as dores
Atravessando o oceano de amargores
No bergantim sagrado da Esperança.

SOMBRAS ERRANTES E ABANDONADAS

Agora, o terceiro soneto, o de Auta de Sousa.

É toda uma exortação de mocidade malograda à alma daqueles que, como no verso de Bilac, viveram sós, morreram puros.

"Almas de virgens" intitula-se o soneto:

ALMAS DE VIRGENS

Andam sombras errando abandonadas,
Ao pé das lousas e das covas frias,
Almas de pobres freiras derramadas,
Perambulando pelas sacristias.

Almas das que não foram desposadas,
Como bandos de rolas erradias,
Angélicas visões de bem-amadas,
Mortas na aurora rútila dos dias ...

Virgens mortas! Tristíssimas oblatas
De um sacrário de luz piedoso e santo,
Que sonhais entre os talamos celestes.

Entoai nos céus as tristes serenatas
Com as vossas roxas túnicas de pranto,
Cantando à luz do amor que não tivestes!...

A DERRADEIRA MENSAGE.VA

Restam apenas agora algumas ligeiras linhas. É a pequena mensagem de Emmanuel, grafada já quando a assistência, conforme dissemos, começava a agitar-se um pouco, na impaciência muito compreensível de ler as páginas já escritas.

Essa mensagem é uma rápida observação sobre aquele momento, como se vê pelo seu teor, que é o seguinte:

"Meus filhos: a fenomenologia espírita não objetiva a maravilhar os vossos olhos! O que me ocorre dizer é que deveis do observado guardar as vossas conclusões morais.

Os espíritos comunicantes não se acham aqui em vosso meio, pessoalmente, mas transmitiram as suas mensagens de um plano distante, fenômeno este que podereis avaliar como vossas ondas hertzianas, segundo a lei análoga da qual me sinto na necessidade de utilizar nesses trabalhos. Não é simples, porém, com a misericórdia divina, me conservei aqui, auxiliando o médium, para que não fossem de efeito contraproducente as vibrações das mentes que aqui se encontram na sua diversidade de opiniões e pensamentos.

Deus vos guie".

Eis aí expostos os resultados, a produção psicográfica da sessão de anteontem.

A seguir, exporemos as opiniões e impressões que colhemos da assistência, ao fim da reunião.

E depois... Ah! Isto ainda é segredo. Calemos, por enquanto.

(Retirada a figura)

Manoel Justiniano Quintão, ao lado de sua esposa, Alzira Evangelista Capucci Quintão, foi quem leu os primeiros versos psicografados por Chico e publicou-os pela FEB na obra *Parnaso de Além-Túmulo*.

Capítulo VII

PROSSEGUE A REPORTAGEM DE *O GLOBO* EM TORNO DO MÉDIUM DE PEDRO LEOPOLDO

Olhos de médico, dúvidas de Juiz — Uma resposta do Outro Mundo — Espíritos, barbas brancas e Kardec — e Freud...

Pedro Leopoldo, 26 — (Do enviado especial de *O Globo*, Clementino de Alencar)²⁰ — Não nos foi difícil colher algumas impressões entre as pessoas de mais destaque presentes à sessão de anteontem à noite. A comunicabilidade se estabelecia, naturalmente, sobre as várias páginas psicografadas.

As opiniões, porém, assumem variadas nuanças desde a negação pronta dos materialistas até à crença dos que admitem o sobrenatural.

O sr. José de Carvalho, por exemplo, prefeito e médico, de quem aqui se contam feitos realmente notáveis como cirurgião, vê os trabalhos do médium com o olhar franco, direto, da sua ciência positiva. Não crê na comunicação com os mortos. A sua observação, como médico, entretanto, é esta: durante aquele período em que, no julgar dos espíritas, se dá a "comunicação", não se achava o rapaz em seu estado normal; alguma coisa fora do comum — êxtase? alucinação? — fosse o que fosse havia no seu todo, capaz de preocupar o médico.

OUTRAS DÚVIDAS

O juiz Dario Lins não faz uma negação relativa, propriamente, ao seu espiritismo.

É, porém, dos que não acreditam muito nas faculdades mediúnicas de Chico Xavier, apesar de toda a produção escolhida.

Lembra, por exemplo, o fato de ter a mão do médium estacado a certa altura, obrigando o presidente da mesa a pedir orientação. E conclui:

— Pois se o rapaz confessa que, às vezes, até quando sozinho, recebe espíritos, por que essa dificuldade observada na sessão onde, além dele, havia mais cinco pessoas — os outros componentes da "corrente" — concentradas, e, a meu julgar, propiciando ainda mais a "comunicação"? Parece-me que ali o "transe" então devia ser mais profundo. No entretanto, observou-se aquele enfraquecimento...

²⁰ 20. *Jornal O Povo* — 4 de julho de 1935.

A RESPOSTA VEM DO OUTRO MUNDO...

Quando o juiz Dario Lins assim falava, nós já tínhamos no bolso uma resposta a suas dúvidas e indagações.

E uma resposta vinda do Outro Mundo...

Expliquemos: Aquilo que o sr. Dario chamara de "enfraquecimento", à parada da mão do médium em meio à comunicação, certamente já ocorrera em sessões anteriores, e tal fato provocara no próprio médium indagação análoga à do juiz. E um espírito, Martha, respondera do Além, numa mensagem recebida na sessão de 21 de março de 1934, e que encontráramos no "arquivo" de Chico Xavier.

Essa comunicação, referente ao *modus operandi* dos espíritos com outra de Emmanuel de que já enviamos um trecho, diz o seguinte:

"Meu caro amigo:

Quereis saber por que recebeis, às vezes, comunicações dos espíritos, fora das vossas reuniões habituais, quando desejaríeis psicografá-las ao lado dos vossos companheiros?

Vou responder a essa argüição.

Ainda não compreendeis na Terra como se opera o fenômeno da comunicação dos desencarnados. Ela se faz — expressando-me de forma a me compreenderdes de um modo geral, já que, para entenderdes minuciosamente, não estais preparados — ela se faz só por afinidades.

Um espírito, em se manifestando, necessita sintonizar o cérebro que recebe a sua influência. Sintonização de vibrações espirituais.

O médium, pelos seus sentimentos de moral, pelo recolhimento e pela prece, aumenta suas vibrações: os libertos da carne, já evoluídos, pelos bons desejos que os animam de esclarecer e ensinar os seus semelhantes, restringem e reduzem as suas, entrando assim dentro do círculo acanhado em que viveis.

O essencial, para que o fenômeno se verifique, é a homogeneidade dos pensamentos, porque os espíritos não conhecem as distâncias de espaço; para eles, existem as distâncias psíquicas e estas, muitas vezes, impossibilitam a sua ação.

Numa reunião, nem sempre existe a afinidade requerida, fator principal de um ambiente favorável, resultante das vibrações simpáticas.

entre os assistentes e daí a preferência de alguns desencarnados pelo isolamento para certa ordem de trabalho. — Martha".

Tínhamos a resposta no bolso; mas não a exibimos. Não estávamos em propaganda...

AS BARBAS BRANCAS

Outro ponto que suscitou comentários dos que não crêem foi aquela parte da mensagem de Humberto em que aparece um espírito-ancião de "longas barbas de neve".

— Espírito de barbas? — é a indagação da dúvida.

Desta vez, não tínhamos a resposta no bolso. Mas um espírita nos diz que ela já está de há muito grafada, em ampla explanação, nos livros de Kardec. Os espíritos assumem uma imagem divisável...

A nós, pareceu-nos que a figura de ancião de barbas brancas era, pelo menos, uma "imagem literária" indispensável ao cronista, fosse ele do Além ou daqui mesmo...

FREUD, ETC.

O sr. Maurício de Azevedo apela para Freud.

A seu ver, ocorrem fatos, fenômenos tais, que bem nos convidam a atentar na hipótese de trazermos, muitos de nós, no fundo da nossa mentalidade, a sedimentação de várias civilizações e culturas anteriores.

SERIA MUITO TOLO!

Há, porém, os que vêm, no caso, um fenômeno realmente espírita e, por conseguinte, admitem a doutrina.

Esses refutam todas as dúvidas e a idéia de fraude pela consideração de que, se Chico Xavier tivesse capacidade para criar tudo o que grafa nas sessões, e má-fé suficiente para "embrulhar" os crentes; ou, se representasse de médium a serviço de "vivos", então:

— Ele seria também muito tolo para se submeter à condição em que vive, de um pobre caixeirinho de venda do sertão, ganhando \$ 90.000 por mês!

E acrescenta, citando nomes, uma exposição de oferecimento de melhores colocações fora de Pedro Leopoldo, feitas a Chico Xavier por admiradores seus.

O rapaz, porém, nunca aceitou tais ofertas, respondendo aos seus amigos que de forma alguma deixará a venda de "seu" Zé Felizardo.

"Seu" Zé é padrinho dele, e o rapaz lhe tem grande afeição. Só a morte do patrão poderá afastá-lo daquele posto.

Humildade e renúncia.

ASSOMBRAÇÕES NO OUTRO MUNDO...

A seguir, enviaremos, retirada do arquivo do médium, mais uma das mensagens atribuídas a Humberto de Campos, e que, segundo afirma uma observação ao pé, foi psicografada por Chico Xavier no dia 9 de abril corrente.

Essa mensagem nos traz uma revelação surpreendente: entre os mortos, ou os desencarnados, como querem os espíritas, podem também ocorrer casos de "assombração" e de "sustos"...

(Retirada a figura)

Martins Peralva, da União Espírita Mineira, entrevistando D. Carmem Perácio, que orientou Chico Xavier em seus primeiros passos no desenvolvimento medi único.

Capítulo VIII

OUTRA CRÔNICA DE HUMBERTO DE CAMPOS

"Sem pensar no relógio que regulava os nossos atos no presídio da Terra, nem nos ponteiros do estômago..." — Dois dedos de prosa com o coronel Cantidiano — O "F"

Pedro Leopoldo, 26 — (Do enviado especial de O Globo, Clementino de Alencar)²¹ — A crônica de Humberto de Campos a que nos referimos, ao fim da correspondência enviada esta manhã, tem um título: "Na mansão dos mortos". Conforme a observação escrita ao pé, foi psicografada por Chico Xavier no dia 9 do corrente.

Nela nos é feita uma narrativa verdadeiramente curiosa e impressionante e capaz de demonstrar como não estão definitivamente sepultados os segredos que a morte levou...

Essa crônica é a seguinte:

NA MANSÃO DOS MORTOS²²

— O amigo sabe que os fotógrafos ingleses registraram a presença de sir Conan Doyle, no enterro de Lady Gaillard?

Essa pergunta me foi dirigida pelo coronel Cantidiano da Cunha, que eu conhecera numa das minhas viagens ao Nordeste. O coronel lia por desfastio as minhas crônicas e em poucos minutos nos tornamos camaradas. Há muito tempo, todavia, soubera da sua passagem para o Outro Mundo, em virtude de uma arteriosclerose generalizada.

Tempo vai, tempo vem, defrontamo-nos de novo no vagão infinito da Vida, em que todos nós viajamos, através da eternidade.

E como o melhor abraço é o que podemos dar longe dos vivos, ali estávamos os dois "tête-à-tête", sem pensar no relógio que regulava os nossos atos no

²¹ Jornal *O Povo* — 5 de julho de 1935.

²² Esta mensagem foi inserida no livro *Crônicas de Além-Túmulo*, editado pela Federação Espírita Brasileira, em 1936, com pequenas modificações.

presídio da Terra nem nos ponteiros do estômago que aí trabalham com demasiada pressa.

Cantidiano tinha no mundo idéias espíritas e continuava, na outra vida, a interessar-se pelas coisas da sua doutrina.

— Então, coronel, a vida que levaremos por aqui não será muito diversa da que observávamos lá em baixo. Um morto, por exemplo, pode representar-se nas solenidades dos vivos, participar das suas alegrias e das suas tristezas, como no presente caso. Aliás, já sabemos do capítulo evangélico que manda os mortos enterrarem os seus mortos.

— Pode, sim menino — replicou o meu amigo, como quem evocasse uma cena dolorosa, mas isso de acompanhar enterros sobra-me experiência para não fazê-lo. Costumamos observar que, se os vivos têm medo dos que já regressaram para cá, nós igualmente, às vezes, sentimos repulsa de topar os vivos. Mas o que lhe vou contar ocorreu entre os considerados mortos. Eu tive medo de dois espectros, num ambiente soturno de cemitério.

E o meu amigo, com o olhar mergulhado no pretérito longínquo, monologava.

— Desde essa noite, nunca mais acompanhei enterros de amigos... deixo isso para os encarnados que vivem brincando de cabra-cega, no seu temporário esquecimento...

— Conte-me, coronel, o acontecido, disse eu, mal sopitando a curiosidade.

— Lembra-se — começou ele — da admiração que eu sempre manifestava pelo dr. Antônio F., que você não chegou a conhecer em pessoa?

— Vagamente...

— Pois bem, o Antônio, nome pelo qual respondia na intimidade, era um dos meus amigos do peito. Advogado de renome na minha terra, já o conheci na elevada posição que usufruía, no seio da sociedade que lhe acatava todas as ações e pareceres.

Pardavasco insinuante era o tipo do mulato brasileiro. Era de uma felicidade única. Ganhava todas as causas que lhe eram entregues. O crime mais negro apresentava para a sua palavra percuciente uma argumentação infalível na defesa. Os réus, absolvidos com a sua colaboração, retiravam-se da sala de sessões da justiça quase canonizados. O Antonico se metera em alguma pendência? O triunfo era dele. Isso era certo. Gozava de toda a nossa consideração e estima. Criara a sua família com irrepreensível moralidade. Em algumas cerimônias religiosas a que compareci, recordo-me de lá haver encontrado o Antonico, como bom católico, em cuja personalidade o nosso vigário via um dos mais prestigiosos dos seus paroquianos.

Antonico chefiava iniciativas de caridade, presidia a associações religiosas e primava pela austeridade intransigente dos seus costumes.

Quando voltei desse mundo, que hoje representa para nós uma penitenciária, trouxe dele saudosas recordações.

Imagine, pois, o meu desejo de reencontrá-lo, quando vim a saber nestas paragens que ele se achava às portas da morte. Obtive permissão para excursionar à Terra e fui revê-lo, na sua cama de luxo, rodeado de zelos extremos numa alcova ensombrada de sua confortável residência. As poções eram ingeridas. Injeções eram aplicadas. Os médicos eram atenciosamente ouvidos. Contudo, a morte rondava o leito de rendas, com o seu passo silencioso. Depois de ter o abdome rasgado por um bisturi, uma infecção sobrevivera inesperadamente.

Apareceu uma pleurisia e todas as punções foram inúteis. Antonico agonizava. Vi-o nos seus derradeiros momentos, sem que ele me visse na sua semi-inconsciência. Os médicos à sua cabeceira deploravam o desaparecimento do homem probo. O padre que sustinha naquelas mãos de cera um delicado crucifixo, recitando a oração dos moribundos, fazia ao céu piedosas recomendações. A esposa chorava o esposo, os filhos, o pai. Aos meus olhos, aquele quadro era o da morte do justo. Transcorridas algumas horas, acompanhei o fúnebre cortejo que ia entregar à terra aqueles despojes frios.

Desnecessário é que lhe diga das pomposas exéquias que a Igreja dispensou ao morto, em virtude da sua posição eminente. Preces. Aspersões com hissopes ensopados na água benta e latim agradável.

Mas, como nem todos os que morrem se desapegam imediatamente dos humores e das vísceras, esperei que o meu amigo acordasse para ser o primeiro a abraçá-lo.

Era crepúsculo. E naquela tarde de agosto, as nuvens estavam enrubescidas, em meio do fumo das queimadas, parecendo uma espuma de sangue. Havia um cheiro de terra brava, entre as lousas silenciosas, ao pé dos salgueiros e dos ciprestes. Eu esperava. De vez em quando, o vento agitava a ramaria dos chorões, os quais pareciam soluçar, numa toada esquisita. Os Coveiros abandonaram a sua tarefa sinistra e eu vi um vulto de mulher, esgueirando-se entre as lápides enegrecidas. Parou junto daquela cova fresca. Não se tratava de nenhuma alma encarnada.

Aquela mulher pertencia também ao reino das sombras. Observei-a de longe. Todavia, gritos estentóricos ecoaram aos meus ouvidos.

— Antônio E, exclamou o espectro, chegou o momento da minha vingança!... Ninguém poderá advogar a tua causa. Nem Deus nem o Demônio poderão interceder pela tua sorte, como não puderam cicatrizar no mundo as feridas que abristes em meu corpo. Todas as nossas testemunhas agora são mudas. Os anjos aqui são de pedra e as capelas de mármore, cheias de cruces caladas, são estojos de carne apodrecida. Lembra-te de mim? Eu sou a Rosinha Sanches, que infelicistaste com a tua infâmia!

Já não és aquele moreno insinuante que surrupiou a fortuna de meus pais, destruindo-lhes a vida e atirando-me no meretrício abominável. A fortuna que te deu um nome foi edificada no pedestal do crime.

Recordas-te das promessas mentirosas que me fizestes?... Envergonhada, abandonei a terra que me vira nascer para ganhar o pão no mais horrendo comércio. Corri mundo sem esquecer a tua perversidade e sem conseguir afoagar o meu infortúnio na taça dos prazeres.

Entretanto, o mundo foi teu. Réu de um crime nefando, foste sacerdote da justiça; eu, a vítima desconhecida, fui obrigada a sufocar a minha fraqueza nas sentinas sociais, onde os homens pagam o tributo das suas misérias. Tiveste a sociedade; eu, os bordéis. O triunfo e a consideração te pertenceram; a mim coube o desprezo e a condenação. Meu lar foi o hospital, donde se escapou o último gemido de meu peito.

Meus braços, que haviam nascido para acariciar os anjos de Deus, como dois galhos de árvores cheios de passarinhos, foram por ti transformados em tentáculos de perdição. Eu poderia ter possuído um lar, onde as crianças abençoassem os meus carinhos e onde um companheiro laborioso se reconfortasse com o beijo da minha afeição. Eu venho condenar o desalmado assassino, em nome da justiça eterna que nos rege, acima dos homens. Há mais de um lustro, eu te espero nesta solidão indevassável, onde não poderás comprar a consciência dos juizes...Viveste com o teu conforto, enquanto eu pesava com a minha miséria, mas o inferno agora será de nós dois!...

O coronel fez uma pausa, enquanto eu meditava tristemente naquela história.

— A mulher chorava, continuou ele, de meter dó. Aproximei-me dela, não sendo, porém, notada a minha presença. Olhei a cruz modesta e carcomida que havia sido arrancada poucas horas antes daqueles sete palmos de terra, para que ali fosse aberto um novo sepulcro, e não sei se, por artes do acaso, nela estava escrito um nome com pregos amarelos, já desfigurados pela ferrugem — "Rosa Sanches — Orai por ela".

Por uma coincidência sinistra, reencontravam-se os dois corpos e as duas almas. Procurei fazer tudo pelo Antonico, mas, quando atravessasse com o meu olhar a terra que lhe cobria os despejos, afigurou-se-me ver um monte de ossos que se movia. Crânio, tíbias, úmeros, clavículas reuniam-se sob uma ação misteriosa e eu vi uma caveira chocalhando os dentes de fúria, ao mesmo tempo que umas falangetas de aço pareciam apertar o pescoço do cadáver do meu amigo.

— E ele, coronel, isto é, o espírito estava presente?

— Estava, sim. Presente e desperto. Lá o deixei, sentindo os horrores daquela sufocação...

Mas, e Deus, coronel? Onde estava Deus que não se compadeceu do peccador arrependido?

Cantidiano me olhou, como se estivesse interrogando a si mesmo, declarando, por fim: — Homem, sei lá!... Eu acredito que Deus tenha criado o mundo, mas eu acho que a Terra ficou mesmo sob a administração do Diabo. — Humberto de Campos.

O ‘F’

Atendendo a um pedido de Chico Xavier, substituímos, na mensagem acima, o sobrenome do "Dr. Antônio" pela letra "F".

Ao nos fazer esse pedido, ele o justificou assim: pessoas daqui, que leram essas páginas, pouco depois de serem psicografadas, dizem saber da existência, em Minas e São Paulo, de famílias com o sobrenome que apareceu na mensagem.

Dado o fato na mesma narrado, compreendem-se o escrúpulo e a delicadeza do médium em pedir a supressão que nos apressamos a fazer.

(Retirada a figura)

O sr. Perácio, esposo de D. Carmem
Perácio, também orientou Chico Xavier
no início de sua mediunidade.

Capítulo IX

CHICO XAVIER ESTÁ ASSOMBRADO... COM OS VIVOS!

Pedro Leopoldo, 10 de maio — (Do enviado especial de *O Globo*, Clementino de Alencar)²³—Motivos particulares e imperiosos nos haviam levado de volta ao Rio, nos últimos dias de abril. Assim tivemos de abandonar, por pouco mais de uma semana, o círculo sedutor e impressionante dos fatos e revelações em torno dos quais desdobramos — tanto quanto possível com a atenta e silenciosa isenção dos espelhos — as nossas reportagens anteriores.

Não déramos, porém, o assunto como encerrado. Pelo contrário, mais do que nunca se nos apresentava ele tentador e extenso diante dos nossos olhos e das nossas indagações — como uma perspectiva de incógnitas que se perdessem ao longe, nas brumas. E, dominados os motivos que nos haviam arredado, momentaneamente, de Pedro Leopoldo, eis que o repórter e o fotógrafo retomam o rumo do planalto altivo, da velha Minas tradicional, heróica e serena que nos reafirma e adverte, no bronze e no granito de seus monumentos:

— *Montani semper liberi.*

²³ *Jornal O Povo* — 6 de julho de 193f.

AGORA SIM

De novo, pois, se rasgaram aos nossos olhos os horizontes da tradição e da legenda. De novo o Ribeirão da Mata, o Rio das Velhas, a Santa Luzia, na sucessão infindável das colinas coroadas dos coqueiros que ficaram do século XVII — o rústico, mas seguro balizamento da marcha das bandeiras.

E agora sim, ao contrário da outra vez, nós encontramos em Pedro Leopoldo, apenas saltamos, a mais amável e tocante das recepções: o sorriso da menina do café.

Depois, a outra menina, a cidade, sempre bonita e simpática, nos reconhece e nos sorriu também.

E não tarda que, diante da mesa concorrida e farta do Hotel Diniz, reencontremos o mesmo ambiente de expansiva e grata hospitalidade que já nos seduzira de outra vez. E nem faltam ali — para a sensação de que os dias não passavam — os "casos de assombração" e as anedotas da Fulaninha...

A INUNDAÇÃO

A par dessa sensação de reencontro amável, uma constante se vai impondo às nossas observações: o assunto "Chico Xavier" transbordou, irremediavelmente, do leito já largo por onde corria, quando demos com ele, da primeira vez, e nos pusemos a lhe acompanhar o curso. Agora, encontramos a inundação, levando a campanha, o sertão. Nem a capital escapou de todo. Apenas as crianças, a torrente ainda não pode colher; para estas, por enquanto, só há, ao que parece, uma coisa que as preocupa deste e do Outro Mundo: as figurinhas das balas de açúcar, a mania que agita e absorve o mundo liliputiano da região.

A PRIMEIRA NOVIDADE

A primeira novidade que encontramos, apenas desembarcamos, é a presença aqui de mais um médium, o sr. José Ribeiro Sobrinho.

Enquadrado por sua qualidade, dentro do assunto que mais anima as palestras, o sr. Ribeiro Sobrinho também chama um pouco as atenções.

É médium de incorporação e vidente. Sua presença, aqui, prende-se, ao que parece, à repercussão do caso Chico Xavier. E a sua presença, para o repórter, desperta desde logo interesse, pelo seguinte: ele quer comparecer à primeira sessão dos irmãos Xavier, o que aguçava, sobretudo, as expectativas...

NO BALCÃO

Fomos encontrar Chico Xavier, à tarde, no seu posto de costume: o balcão de "seu" Zé Felizardo.

O rapaz está assombrado... Não com os mortos, mas com os vivos. Inquieta-o, na sua humildade, o receio de que o façam "importante".

Fala quase como quem suplica:

— Eu tenho medo dessas notícias... Faça a minha religião no silêncio... Poderia parecer aos meus amigos e companheiros de crença que eu quero publicidade... Preferia ficar obscuro, desconhecido...

Deus é testemunha de que eu vivo sem interesses materiais.

Depois desse exórdio com que costuma receber o repórter e da sua esquiva à objetiva — "Ora, eu estou todo despenteado..." — Chico Xavier vai admitindo aos poucos, a pergunta e a confidência.

Assim, revela-nos que, depois da sessão de 24 de abril, adoeceu ligeiramente, atribuindo isso ao esforço despendido naquela reunião, para psicografar as mensagens — que já publicamos — apesar das perturbações que a assistência, agitando-se um pouco, produzira na "corrente".

Restabeleceu-se, porém, rapidamente e está pronto a continuar a exercer sua missão de médium.

Aliás, em 28 de abril, Chico Xavier já teve um dos seus "trances" solitários e colheu, então, uma curiosa mensagem de que nos ocuparemos a seguir, com um cuidado muito especial, porque ela nos diz respeito...

O HOMEM E O ESPÍRITO

Da produção colhida durante esse "transe", limitar-nos-emos a enviar dois sonetos de Augusto dos Anjos.

Um deles intitula-se "Espírito" e apresenta-se bem grafado, bem coordenado, é este:

ESPÍRITO²⁴

Busca a Ciência o Ser pelos ossuários,
No órgão morto, impassível, atro e mudo,
No labor anatômico, no estudo
Do gérmen, em seus impulsos embrionários;

Mas só encontra os vermes funcionários
No seu trabalho infame, horrendo e rudo
De consumir as podridões de tudo
Nos seus medonhos ágapes mortuários.

No meio triste de cadaverinas

²⁴ Publicadas nas edições posteriores do livro "*Parnaso de Além-Túmulo*", com ligeiras alterações.

Acham-se apenas ruínas sobre ruínas
Como o bolor e o mofo sobre as heras;

A alma que é Vibração, Vida e Essência
Está nas luzes da sobrevivência
No transcendentalismo das esferas.

O outro soneto intitula-se "Homem". E quanto a esse, fizemos uma observação interessante: a certa altura, na segunda quadra, as palavras, os versos, sob imperativos da métrica, de tal forma se enredam, que o sentido se torna um tanto confuso. O médium reconhece isso. A nós, parece também que o verso "Faz-se mister de lágrimas que o domem" contém um erro vulgar de concordância e um "de" a mais.

Sem indicarmos o ponto que nos parecia errado e admitindo, com o médium, que o sentido da quadra se apresentava um tanto confuso, propusemos — com intenção — que ele, levando em conta o fato de grafar, às vezes com ligeiros senões, as mensagens, fizesse, nos versos citados, a correção.

Chico Xavier não soube, porém, corrigir... Quanto ao sentido confuso, observou-nos que, em geral, os espíritos voltam para fazer as correções no que tenha sido mal grafado ou não tenha sido compreendido. No caso desse soneto, todavia, Augusto dos Anjos não voltara...

E ele, por si, não saberia desenredar aqueles versos...

O soneto referido é o seguinte:

HOMEM²⁵

Na misteriosa solidariedade
Das células vitais que se consomem,
Vive a alma encarnada, em síntese o homem,
Educando atributos da vontade.

Buscando o Ser os fios da verdade
Faz-se mister de lágrimas que o domem
Mas não encontra estigmas que o tomem
Dos agulhões da hereditariedade

No tormento estiomeno, profundo
Vivem todos os seres sobre o mundo
Desalentados, frágeis e famintos...
Vives querendo a luz ignorada
E ouves, somente, ó alma encarcerada,
A triste orquestração dos teus instintos.

²⁵ Em nossas pesquisas não conseguimos encontrar esta peça literária em nenhuma das obras psicografadas por Chico Xavier.

Capítulo X

MEU BRASIL QUERIDO", AINDA
ESCREVE C ASEM L RO DE ABREU

Chico Xavier narra ao enviado de *O Globo* as sensações da sua intimidade com os espíritos — O que se chama "cair das nuvens" — Um torpor que degenera em sofrimento — Música! — Mortos parecendo vivos...

Pedro Leopoldo, 10 de maio — (Do enviado especial de *O Globo*, Clementino de Alencar)²⁶ — Não faz, decerto, ainda meia hora que Chico Xavier nos deixou. Ele nos viera trazer, gentileza sua, todo o arquivo de produções psicografadas que põe bojudá sua pobre pasta de papelão. Essa gentileza, entretanto, veio como um remate inesperado ao fim de séria relutância. Ele não queria — e assumia um grande ar de sinceridade ao no-lo dizer, à tarde — continuar a aparecer no noticiário dos jornais. Perturbava-o, assombrava-o, mesmo, esse clarão repentino de publicidade. Por que, era então sua indagação inquieta, procurar iluminar, assim, de chofre, a sua obscuridade pobre, mas que lhe resultava grata, como a melhor conquista de suas renúncias a bens terrenos?...

Aquela hora, não conseguimos demovê-lo de todo. Deixando-o, porém, ao fim da palestra rápida, no balcão do seu destino, o balcão do Zé Felizardo, deixamos também, no chão sincero de suas resistências, uma semente de meditação. A semente feliz germinou rápida, como no milagre oriental, e não tardou que vicejasse na frente bonita da reconsideração. Poucas horas depois, à noite, conforme pedíamos, ele nos trouxe o arquivo de suas estranhas mensagens, naquela mesma pasta pobre que manuseáramos já. E, assim fazendo, reconsiderava: que se dispunha ainda, por algum tempo, a encarar os clarões e arrostar os percalços da publicidade para que ninguém supusesse ter ele receio de se submeter aos testes da curiosidade e da análise.

(Retirada a figura)

Chico Xavier, em presença do sr. Felizardo, mostra seu "arquivo redator de *O Globo*. Foto publicada em 1935 no jornal *O Globo*, (cortesia Wilson Cantai)

²⁶ *Jornal O Povo* — 5 de julho de 1935

E ainda mais: com sua pasta, trouxe-nos, também, suas confidencias de médium.

A palestra foi longa e quase que toda entregue à sua palavra.

Agora, ele já se foi. Aí nos ficou esse mundo de páginas que se espalham nos nossos olhos como o jorro abundante de um manancial ignoto — tal como nem o mar, que foge ao longe, ao alcance de nossas vistas, lambe-nos os pés, na praia, com as ondas delgadas e mansas das suas horas tranqüilas, quando chegamos não raro a esquecer-nos de que aquela carícia que as areias bebem é apenas um fugidio detalhe na imensidão...

O ESTRANHO NOTURNO

Pela janela, percebemos, lá fora, a escuridão quase sem estrelas.

A treva, já de há muito, como no verso de Junqueira, veio apagar a luz para espreitar a vida. A noite vai alta.

È as páginas ali deixadas pelo médium e as palavras de suas confidencias, que ainda se embalam como que reais e sonoras, na rede atenta da nossa escuta, compõem para a revoada da nossa meditação, um estranho noturno.

COMO NUM TRANSE...

Esta noite, quando ele chegou, o escrevente humílimo, não sei que impressionante vibração era aquela que havia em sua voz. Parecia falar-nos com uma inspiração nova, com uma palavra mais fácil, uma frase mais elegante e flexuosa do que dantes.

Por vezes, era brilhante imagem que ele traçava de suas idéias. Surpreendia-nos, então, e nos púnhamos a mirá-lo mais atentamente, à procura do Chico Xavier do balcão. Seria ainda o caixeirinho de sorriso ingênuo que ali estava, ou era apenas um imprevisto inspirado que nos falava assim?...

Não saberíamos separar um e outro, no estilo daquelas confidencias.

Eles se confundiam tanto...

E puzemo-nos a escutar Chico Xavier, na impressão de o termos ali em transe...

MECANICAMENTE

Lançaremos, de início, algumas perguntas compostas sobre nossas observações de outros dias.

— Quando grafo as mensagens, nas sessões, eu só o faço mecanicamente. Um torpor pesado, prolongado, me invade. Serão realmente dos nomes que as assinam as páginas então produzidas?... Eu não poderia responder precisamente, porque, então, a minha consciência como que dorme.

De uma cousa, porém, julgo estar certo: não posso considerar minhas essas páginas, porque não despendi nenhum esforço intelectual nem ao grafá-las no papel!

ENTRE ESTE E O OUTRO MUNDO...

Alternadamente, com o inesperado, vai aparecendo o caixeirinho:

— O torpor é assim profundo, mas com o auxílio do silêncio. Um chamado brusco, por exemplo, me perturba, me sobressalta, causa-me até mal físico. Há dias, eu estava nos fundos da venda, presa de um desses imprevistos torpores. Depois, por lento transporte, senti-me, ainda adormentado, num mundo diferente. Ouvia cantos bonitos, parecia-me que era, também, a voz de minha mãe. De repente, ouvi uma voz áspera a gritar:

— Me dá um quilo de toucinho!

Era um freguês. Que coisa horrível eu senti. Foi como se eu caísse dum sobrado. E compreendo que, se o freguês gritava, era por já haver falado várias vezes.

AUDITIVO

À outra indagação nossa, ele responde que nem sempre é assim, escrevente mecânico. Às vezes, torna-se auditivo. Ouve então poesias e preleções inteiras, como se estivesse "fora de si, mas sem perder inteiramente a consciência de si mesmo". Unicamente, depois desse transe auditivo, guarda a impressão de que ouvia, mas não saberia grafar o escutado.

FENÔMENO DENTRO DE OUTRO FENÔMENO?

Expõe ainda Chico Xavier um caso que lhe ocorre, como se fosse um dentro de outro, pois traz uma diferença dos seus transe habituais. Foi isso mais evidente na ocasião em que psicografou a poesia "O Padre João", constante do *Parnaso de Além-Túmulo* e assinado por Guerra Junqueira.

Quando grafou essa poesia, parecia-lhe ver as imagens na seqüência em que se apresentavam elas nos versos: o sacerdote no templo, depois abandonando-o e, por fim, despindo a batina definitivamente.

MÚSICA E SONHO CONSCIENTE

Como falássemos em música, ele nos diz:

— A música me produz uma excitação muito especial que pode me levar ao transe, mas também, mais comumente, a uma espécie de sonho consciente. Aliás, esse sonho consciente me ocorre muitas vezes. E digo consciente, porque não perco de todo a ligação comigo mesmo. Unicamente, minhas sensações são curiosas: às vezes, parece que, como se estivesse a meu próprio lado, vou pôr a mão na minha cabeça, tocar no meu próprio corpo, na minha própria carne.

Os ESPÍRITOS E A PÁTRIA

Manifestamos certa estranheza ao médium, pelo fato de alguns dos espíritos que com ele se comunicam demonstrarem ainda um sentimento de pátria. Numa página psicografada de Casemiro de Abreu, lêramos por exemplo, "meu querido Brasil".

Chico Xavier confessa que essa pergunta já lhe ocorrerá. E os espíritos, a essa e outras indagações do gênero, costumam atender com esta explicação:

— Se nós formos dizer as coisas, as sensações e estados daqui como eles são, não seremos entendidos, porque os da Terra não têm palavras que representem ou exprimam tudo aquilo. E se falamos um tanto à maneira dos homens, e buscamos o nosso estilo, é para sermos identificados, reconhecidos.

ESPÍRITOS QUE PARECEM VIVOS

Outro ponto curiosíssimo que guardamos das confidências do médium é este:

Conta-nos ele haver espíritos que lhe fazem, às vezes, perguntas como se fossem vivos. O médium manifesta-lhes essa impressão e os espíritos respondem: muitos deles parecem que ainda sentem sobre si os despojes terrenos, o corpo e as impressões físicas. Nessas circunstâncias, eles se manifestam ao médium de uma tal maneira que esse pode ter a impressão de estar falando com um "vivo". Unicamente, o médium poderá fechar o mais possível os "ouvidos": continuará a ouvir o que lhe comunique o espírito.

O NOTURNO, O SONO E O SONHO

E o noturno continua, para a revoada da nossa meditação. A escuridão, lá fora, já se esbate na madrugada. Nossa cabeça pende, sonolenta. Mas, quando a deixamos pender de todo, sentimos que ainda as palavras do médium continuam, como "que ainda reais e sonoras" a acompanhar os nossos pensamentos como um sonho...

Capítulo XI

EMMANUEL

Emmanuel Kant? — Não: Emmanuel, apenas... — O depoimento de um médico — "Não seria demais falar-se aí em histeria" — Um espírito que escreve às avessas — Berlitz First Book... — A carta em Italiano — Emmanuel, poliglota

Pedro Leopoldo, 12 de maio — (Do enviado especial de O Globo, Clementino de Alencar)²⁷ — Durante a palestra que mantivemos, com Chico Xavier, no hotel, e de que nos ocupamos na correspondência anterior, fizemos, também, ao médium uma pergunta referente a Emmanuel, que é o seu protetor, o seu "espírito-guia", o "controler" das comunicações com o Além.

Respondeu-nos Chico Xavier que esse espírito se lhe manifestou em 1929²⁸ e, daí por diante, nunca mais o abandonou em seus transes.

Perguntamos, ainda, se esse protetor nunca dera, nas comunicações, seu nome inteiro, e citamos, como exemplo, "Emanuel Torres", Emmanuel Kant"...

— Não. Emmanuel jamais quis revelar sua identidade nesta vida. Diz que não lhe convém fazer essa revelação.

Adianta apenas que foi sacerdote. Confessa-se, porém, amigo do médium desde outras vidas e prometeu ditar-me um livro do qual, aliás, já tenho recebido alguns trechos, mensagens várias, entre as quais duas intituladas "A subconsciência nos fenômenos psíquicos" e "Roma e a Humanidade".²⁹

As comunicações de Emmanuel são sempre reveladoras de cultura invulgar e Chico Xavier lembra-nos como deve ao seu espírito-protetor algumas das suas mais interessantes revelações, como médium. Entre essas estão a mensagem em inglês, a que já fizemos referência em reportagem anterior, e uma página em italiano, escrita de maneira muito curiosa, por isso que o original só pôde ser lido com o auxílio de um espelho.

Perguntamos por esses originais em inglês e italiano. Chico Xavier, infelizmente, não os têm em mão, atualmente. Estão eles em poder do doutor Rômulo Joviano, inspetor da Fazenda Experimental daqui e que, presentemente, se acha em regresso de uma viagem à Europa. Informa-nos, porém, o médium que, em poder do dr. Cristiano Otoni, médico aqui residente, poderão ser encontradas cópias das referidas mensagens devidamente autenticadas.

²⁷ Jornal *O Povo* — 9 de julho de 1935.

²⁸ Na maior parte dos livros biográficos sobre Chico Xavier, destaca-se que o primeiro encontro entre Emmanuel e o médium teria se dado dois anos depois, em 1931.

²⁹ Trata-se do livro *Emmanuel*, publicado pela Federação Espírita Brasileira, em 1938.

COM O DR. CRISTIANO OTONI

Com aquela informação, fomos hoje procurar o médico citado.

O dr. Cristiano Otoni, clínico de grande nomeada em toda esta zona de Minas e, ao mesmo tempo, cavalheiro de trato afabilíssimo e simpático, recebendo-nos, em sua própria residência, aquiesce gentilmente em servir o repórter, fornecendo-nos as cópias procuradas.

Na mesma ocasião, falando-nos sobre Chico Xavier, diz-nos o dr. Cristiano Otoni:

— Conheço esse rapaz desde menino. O que se diz dele, quanto à instrução, é verdade: fez apenas os quatro primeiros anos do Grupo Escolar de Pedro Leopoldo. Depois disso, tem vivido sempre aqui, entre nós, entregue ao trabalho diário e, portanto, sem a possibilidade de conquistar uma cultura bastante apreciável como a revelada em muitas das mensagens que ele grafa. Esta, por exemplo, da qual o rapaz teve a gentileza de me enviar uma cópia.

E o dr. Cristiano Otoni mostra-nos algumas páginas que constituem um interessante ensaio assinado por Emmanuel sobre o "corpo espiritual" e a memória.

FUI SEU EXAMINADOR

Relembra a seguir o dr. Otoni ter sido um dos examinadores dos 3^o e 4^a anos do Grupo Escolar, ao tempo em que ali Chico Xavier estudava. Teve assim oportunidade de examinar o rapaz e conhecer um pouco de suas possibilidades intelectuais, que afirma serem grandes: inteligência muito lúcida, superior à normal, excelente memória, grande poder de assimilação e presença de espírito. Apenas a instrução ficou em nível baixo, em relação àquelas faculdades.

Quanto à sua mediunidade, o médico, recusando qualquer crença no dogma espírita da comunicação com os mortos, acha:

— O caso, entretanto, merece estudo. E, se bem estudado, é provável que, mais dia menos dia, a psicanálise dê também sua explicação sobre o assunto. Há muito, nisso tudo, parece-me, uma questão de sexo. Não seria demais falar-se também, aí, em histeria. Aliás, em todos os casos de mediunidade, essa palavra cabe. Ademais o médium, sendo um descontínuo, apresentando-nos dois estados alternados, o normal e o anormal, apresenta-nos, pois, além do primeiro, os fenômenos anormais do segundo. Ora, a ciência, que não deixa de lado outros fenômenos assim qualificados, não há de abandonar também os problemas ditos espíritas.

É apenas uma questão de confiança nela e na sua mais ampla penetração futura, no rumo de todos os horizontes.

A MENSAGEM EM INGLÊS

A mensagem em inglês a que nos referimos foi apanhada na sessão de 23 de novembro de 1933.

Como estivesse presente o dr. Rômulo Joviano, que conhece aquele idioma, o "espírito-guia" anunciou uma mensagem que, embora destinada a todos, era de certo modo dirigida àquele presente. E o médium psicografou o seguinte:

"Llewuoyeh
Tfosdneirf
Ynamevahuo
Ynemehtote
Pohdnahtur
Tegralyrev
Ylurtslisu

Ohsrehtafs
Uorenegruo
Srehtorbym"

Meus amigos, boa saúde e paz. Penso que, se enfileirardes inversamente as minhas letras, elas vos revelarão o meu pensamento. Paz a todos nós. (a) Emmanuel".

As letras foram enfileiradas ao inverso e se obteve a seguinte mensagem:

"My brother, our generous Father's House is truly very large.

Truth an hope to the men.

You Have many friends of the your well".

(l) Traduzindo-se:

"Meus irmãos, a casa generosa de nosso Pai é, em verdade, muito vasta.

Verdade e esperança aos homens.

Tendes muitos amigos do vosso Bem".

O ERRO A UMA PERGUNTA

Ficando com a mensagem em seu poder, o sr. Rômulo Joviano deu logo com um erro naquele "the" antes do "your".

Por isso resolveu mais tarde, conforme já narramos, interpelar o "espírito-guia" a respeito, compondo então estas perguntas também em inglês:

"We do not understand very well the last sentence. I s it well being? Why the article THE? Js it apring? Is it only to complete the hundred words?"

A RESPOSTA

A resposta dada por Emmanuel e grafada ainda em inglês pelo médium foi a seguinte:

"My dear and studious friends.

Good health and peace. Answering what you had asked me. I will Write my letter written the wrong side, word. My brothers: Our Generous Father, for word. House is truly very large. Truth and hope to the men. You have, many friends of the your well.

You must to make an excuse at the mistake of my writing here are an english teacher. I am not master, but, unable pupil. This works is very difficult and our idiom is the thought. There is needy understand the truth, you who are in the world. My friends, the death is not the naught. Why the life is everywhere, but your friend form the beyond, they are not able to come whatever. You may have besought at God. This not arrived. Hop is good. Patience is a virtue prettier and batter than gold.

My brothers, in the earth generally, the foolish men are they, it is only the poverty five senses, but we have the spring from infinity.

With God you will be happier and wiser. Here are the lessons. The key of the door from heaven is in the and of the peacemaker. Believe to do well herself.

/ do not know anything to speak. Good by. — Emmanuel".

A MENSAGEM EM ITALIANO

A mensagem em italiano, recebida ainda naquele mês de fevereiro de 1933, é também de Emmanuel e grafada da mesma maneira curiosa que a precedente:

Ei-la:

"Buona Salute. Mi allegro de potervi parlare, ma prima di tutto degglo ringraziare a Dio, lasciandovi anche i miei sentimenti amichevoli, troppo sinceri. Pernannatemi si vi tengo como miei fideliamici. Mi chiamo Emmanuel, ma io non era figlio d'Italia. Sono vostro amico vecchio.

Bisognarebbero dó per sapere che siamo com voi? Perché i che già non siamo prigioneri delia Terra, non bisognamo delle lique umane. Nostra língua é U pensiero. Qualcheduno vi a deito che tale manifestazione spiritiche sono utile per condurre Ia credenza quelli di vostri fratelli i quali non credono encora. Ma sono deluso. Colla prove stessa non ei crederebbero. GVuomini se sentono saggi colle piccoli cienze o colle religione dogmaíche.

Bisogno capire vostro deveri. Il laboro dello Francesco é fissato; voglio appena dimostrarvi che l'immortalité é lá verta; non teniamo colori o aggeüvi per pingeria Aspettate colla pacienza. Conservate in vosíra anime ifiori delia speranza; per molti di vás tri fratelli l'orgoglio é tutto. A eglino viene Ia luce por Io camino delle grandi dolori. Sotto

gli pianti sono lê luci che ris chiarono Ia su conocenza, icordaévi che gli scolari i fanciulli mobidiscono ai logo precettore, leri cravte cattivi, oggi siete meggiori i dimani sarete buoni.

Adio, Non dimentichiate vostri deveri giamai. Sai Iode a Dio Oggi come altrevolte vostro amico e fratello, piccolo e povero — Emmanuel. GVesempli per lê piu sono meggiori delle parole”

(Retirada a figura)

Emmanuel, mentor espiritual de Chico Xavier

(Retirada a figura)

O repórter Clemenrino de Alencar conversa com o jovem médium de Pedro Leopoldo ao lado de um carro da época, tendo ao seu redor diversos circunstantes. Foto inédita publicada em 1935 no jornal *O Globo*.
(cortesia de Wilson Cantai)

Capítulo XII

O REPÓRTER DE O GLOBO

CONSEGUE A PRIMEIRA ENTREVISTA

NO PAÍS DAS SOMBRAS!

"Tudo aí se mistura e todas as idéias se propagam sem que sejam devidamente estudadas" — "A implantação de um regime extremista seria um grande erro que o sofrimento coletivo viria certamente expiar" — "Para o Estado atual do Brasil não se enquadra outro regime fora da Democracia Liberal!"

Pedro Leopoldo, 14 — (Especial para *O Globo*, por Clementino de Alencar)³⁰ — Numa das nossas últimas correspondências de abril, fizemos referência

³⁰ *Jornal O Povo — 10 de julho de 1935*

vaga a um "segredo", a um certo ponto deste nosso inquérito sobre o qual não desejamos, ou melhor, não podíamos ainda falar.

Esse "segredo" era apenas, no momento, uma intenção da reportagem: uma prova a que desejávamos chegar de improviso.

Por isso, daquela vez, ao pé da referência ao segredo, escrevíamos: "Calemos por enquanto".

Sucedeu, porém, que motivos imperiosos nos afastaram, por alguns dias, de Pedro Leopoldo, e assim, também, por alguns dias mais devíamos calar:

Agora, de volta ao campo de nossas observações, conseguimos atingir, enfim, o ponto almejado.

O "segredo" não tem mais razão de ser. Já não há o que calar. A reportagem volta a trilhar uma estrada sensacional e surpreendente.

O JORNALISTA E O MISTÉRIO

Tudo o que passaremos a expor poderá parecer nada — empregando o "natural" com o sentido de exprimir o "que segue a ordem regular dos fatos" — aos adeptos e iniciados na doutrina; mas não àqueles que ainda encaram com dúvidas o dogma da comunicação com o Além. E foi por isso que usamos acima a imagem da "Estrada sensacional e surpreendente".

Agora, trilhem-na.

A INTENÇÃO

Desde que entráramos em contato com o médium de Pedro Leopoldo e entráramos na apreciação de seu vasto arquivo de mensagens atribuídas a escritores, pensadores e poetas mortos, uma intenção se fora sorratamente insinuando no ânimo do jornalista: a idéia de participar também dessas comunicações sensacionais não simplesmente como um observador, mas com um gesto mais decidido de indagação e de pesquisa. Se nós vivemos a levantar, diante dos "vivos" — tão imperfeitos, frágeis e defeituosos — as nossas perguntas que poderão parecer impertinentes, mas pelas quais costumam falar e indagar as ansiedades, os desejos, as desconfianças das coletividades, seria acaso demais que nos lembrássemos de levar também — a esse mundo de lá, dos "planos intangíveis", de onde ainda nos chegam o canto dos poetas e a advertência dos pensadores — as indagações das nossas incertezas e ansiedades?

Pareceu-nos que não seria demais esse apelo às luzes do Além. E firmou-se em nós a intenção. Dir-se-ia que o hábito da entrevista, como um "tic" irremediável da profissão, ressurgia mesmo ali, diante do grande enigma sobre o qual se escancaravam nossos olhos humanos. A intenção, através do processo cerebral inevitável, concretizou-se na vontade. E as perguntas ficaram armadas sob a expectativa muda dos nossos lábios.

PRECIPITAM-SE OS ACONTECIMENTOS

Foi ontem à noite. Reencontramos, à mesa do Hotel Diniz, o sr. Washington Floriano de Albuquerque, promotor público da comarca, e a quem já fizemos referência em correspondências anteriores.

O distinto magistrado, bela mentalidade aberta a todos os estudos e pesquisas, acompanha-nos mais uma vez a uma palestra em torno do caso Chico Xavier. Findo o jantar, saímos juntos, sustentando ainda a palestra.

O repórter, a certa altura, comunica-lhe sua intenção, ou melhor, já agora sua vontade.

O espírito de observação e pesquisa do magistrado e do estudioso deixa-se seduzir pela idéia de uma consulta aos "amigos do espaço". E

resolvemos procurar José Cândido para sabermos da viabilidade de uma consulta daquela ordem.

A DIFICULDADE

Encontramos, na sua humildade de trabalhador, o mesmo José Cândido, amável e acolhedor de sempre. Enquanto ali encetamos com ele a palestra, chega Chico Xavier, trazido por imprevista circunstância. O médium acaba de despedir-se de algumas visitas que recebera, ao anoitecer, vindas de Belo Horizonte. Vinha provavelmente comunicar o fato ao irmão. Dando conosco, entra na conversa. E foi então que expusemos a nossa intenção de consulta, ao José Cândido: não uma dessas chamadas "consultas médicas", mas uma indagação qualquer apanhada no ambiente. Não nos é feita restrição quanto à viabilidade. Unicamente, diz-nos José Cândido, aquilo só poderia ter lugar na quarta-feira, o único dia agora reservado às sessões e assim fixado por determinação dos próprios espíritos protetores do médium.

Um motivo, porém, nos leva a ligeira resistência. Talvez o sr. Washington Floriano não possa ficar aqui até quarta-feira próxima. Mas isso não demove José Cândido. As sessões só poderão ter lugar nas quartas-feiras. Os "amigos do espaço" não podem ser desobedecidos.

A AMÁVEL POSSIBILIDADE

Enquanto assim falávamos, Chico Xavier, do outro lado da mesa, silenciava; e havia uma expressão vagamente triste no seu rosto. Num relance vem ao repórter a impressão de que aquela alma boa, sensível e humilde se desgostava um pouco com a necessidade daquela resistência imposta, pelos imperativos citados, às nossas solicitações humanas.

Talvez lhe ocorresse, naquele momento, por maravilhosa intuição, a palavra de Jesus:

— Bate, que a porta se abrirá.

Ali viéramos nós bater.

Sua tristeza como que se acentuou. E, diante da impossibilidade surgida, baixamos os olhos no silêncio.

Parecia-nos, até certo ponto, explicável a dificuldade: nenhum dos três visitantes, o jornalista, o promotor e o fotógrafo, era propriamente um adepto, um crente, um doutrinado. Não poderíamos por certo negar que houvesse, no fundo de nossa atitude, um sutil reflexo dos eternos anseios da alma humana.

Mas, o que nos movia também era uma intenção de pesquisa, de constatação mais convincente, aquilo que poderíamos chamar a busca, não isenta de leve malícia, das evidências.

E foi no meio dessa meditação que nos surpreendeu a voz do médium.

— Emmanuel atende...

A PORTA ABRE-SE

Por um instante o nosso silêncio ainda se apoia num certo pasmo. Emmanuel atende... O guia, o espírito protetor do médium, abre-nos, pois, uma concessão?

Enfim, a porta abriu-se.

Tudo foi tão imprevisto, que, em verdade, ainda nem tínhamos preparado as nossas perguntas. Apenas, meia hora antes, ao sairmos do hotel, havíamos grafado um rascunho de indagações gerais, com que pretendíamos compor as perguntas. Mas não se podia hesitar.

José Cândido ocupa rapidamente o lugar ao lado do médium. Pede que façamos a nossa consulta. O promotor Albuquerque faz um sinal ao jornalista. Este tira do bolso uma das páginas rascunhadas.

A PERGUNTA

Na folha quase amarrotada lemos isto, numa das perguntas que grafáramos, às pressas, para ulterior escolha:

— Que possibilidades existem e que vantagens ou desvantagens adviriam da implantação de um regime extremista no Brasil?

Estendemos o papel a José Cândido, que o põe, por sua vez, diante do médium, já em transe.

Fornecemos, ao mesmo tempo, nosso próprio bloco de papel e lápis para a grafia da mensagem que, porventura, viesse, pois não houvera nenhuma preparação para isso.

A seguir, José Cândido pede que nos concentremos numa prece ao Senhor e aos espíritos dos nossos bem-amados.

A RESPOSTA

Nem um minuto chegou a passar e ouvimos o ruído característico do deslizar do lápis sobre o papel. Inicia-se a grafia da mensagem, rapidamente, como de costume. Ainda uns doze ou quinze minutos de concentração, e o lápis estacou ao fim de uma assinatura.

Imobilidade.

José Cândido pede que o acompanhem agora em sua oração. Finda esta, estão findos os trabalhos.

A mensagem que recebêramos, em resposta àquela nossa pergunta é a seguinte:

"Amigos, que Deus ilumine o vosso entendimento.

Avesso à política, me sentiria mais à vontade, se fosse inquirido acerca do Evangelho. Todavia, opiniões são cousas que pouco se custa a fornecer; contudo, os meus pareceres são igualmente pessoais como os vossos, sem o caráter da infalibilidade.

As mais extravagantes teorias políticas têm sido veiculadas no Brasil, cujo povo, guardando tradições de raças diversas, ainda se encontra longe da linha decisiva de sua evolução racial. Tudo aí se mistura e todas as idéias se propagam sem que sejam devidamente estudadas, ponderadas no cadinho da análise mais rigorosa. A implantação de um regime extremista seria um grande erro que o sofrimento coletivo veria certamente expiar.

De um lado prevalecem as doutrinas dos governos fortes, como a política do "sigma", copiando o fascismo em suas bases; da outra margem se encontra o comunismo, inadaptável ainda à existência da nacionalidade, levando-se em conta o problema da necessidade de braços para o trabalho em uma terra vastíssima à espera das iniciativas e cometimentos de progresso preciso. E verdade que a Rússia atual fornece exemplos ao mundo inteiro, porém os homens que inauguraram violentamente os seus novos regimes não se fizeram de um dia para outro. Eles representavam muitos séculos de opressão, de martírios, de tormentos nefandos. Não saíram do proletariado que se compraz na mcultura, mas da energia coordenadora que busca conciliar o labor operário com o trabalho intelectual das academias.

O Brasil necessita, antes de tudo, combater o magno problema do analfabetismo. E necessário que se solucione o enigma pedagógico que implica toda essa mocidade sem entusiasmo e sem energia para o estudo; para o estado atual não se enquadra

outro regime fora da democracia liberal, até que o povo se eduque convenientemente, para as grandes iniciativas do porvir. Fora disso, é a ilusão portadora dos desenganos trágicos que empobrecem a economia e roubam a paz social. Infelizmente, a ambição, o personalismo, infestam os bastidores da política brasileira, eminentemente prejudicada pela sua visão mesquinha, concernente aos problemas da coletividade. Mas o que quereis? O trabalho é dos homens, e a eles compete a realização do progresso necessário. Longe do cenário do mundo não nos é lícito influenciar sobre questões distantes da nossa esfera de ação.

A nossa atividade unicamente se circunscreve ao esclarecimento das almas, pugnando para que as construções da crença sejam novamente reedificadas no templo dos corações humanos, trabalhados pelas concepções amargas e destruidoras do negativismo.

Para atingirmos semelhante desiderato, só no Evangelho buscamos os nossos programas de ação. O nosso labor intenso é todo realizado com esse objetivo.

Que os homens resolvam de entendimento posto no código da perfeição, legado à Terra por Jesus, e estarão de acordo com a evolução que deve presidir todas as manifestações das nossas atividades nos setores do trabalho humano. A Deus elevemos, assim, os nossos votos humildes para que os governantes do Brasil se acautelem com a infiltração de idéias contrárias ao bem-estar social e em desacordo com a sua vida de nacionalidade nova e apta a desempenhar um papel muito preponderante no seio da humanidade. — Emmanuel³¹

Estava conseguida a primeira entrevista com o Além.

Capítulo XIII

UM MINUTO EMOCIONANTE DA REPORTAGEM DE O GLOBO EM PEDRO LEOPOLDO

*"O mais extraordinário médium psicográfico do Brasil!" —
Chico Xavier, o homem insensível ao ouro — Há
espíritos-monstros! — Os habitantes da "Linha Negra"
— Opiniões do professor Tão Júnior
— Presciência, subconsciência...
— Batem à porta!*

Pedro Leopoldo, 14 — (Especial para O Globo, por Clementino de Alencar)³² — Apesar de sua esquivaça e humildade, várias visitas tem Chico Xavier recebido nestes três últimos dias.

³¹ . A lucidez, o discernimento e a ponderação de Emmanuel nesta resposta, que nos parece desconhecida do público espírita, são impressionantes. Num contexto histórico assinalado pela expansão de movimentos nazi-facistas na Europa, ou da política do sigma (integralismo) no Brasil — foram os integralistas os responsáveis indiretos pelo golpe de Estado de 1937, que instaurou a Ditadura de Getúlio Vargas (Estado Novo) no Brasil (1937-1945) —, o preclaro mentor de Chico Xavier ressalta, apesar de afirmar-se avesso à política (política partidária), a importância premente do investimento na educação e na preservação dos ideais democráticos.

³² Jornal *O Povo* — 11 de julho de 1935.

Em uma de nossas passagens por sua casa, fomos encontrá-lo rodeado de espíritas e admiradores seus, vindos de Sete Lagoas.

Entramos. Apresentações.

Os visitantes eram os srs. Antônio Lima,³³ escritor e jornalista, espírita de velhas e fervorosas convicções, estudioso da doutrina e autor de várias obras espíritas, entre as quais *O coração de Jesus* e a *Cruzada redentora*, esta última, uma série de romances aproveitando a idéia reencarnacionista; José Cândido de Andrade, Presidente do Centro Espírita Bittencourt Sampaio, de Sete Lagoas, e Antônio Viços Gerken, secretário do mesmo centro.

Chico Xavier centraliza as atenções e referências, e dele diz, a certa altura, o sr. Antônio Lima:

Eu, com os meus 36 anos de doutrina, acho que este rapaz é o médium psicográfico mais extraordinário que temos tido no Brasil. E não só por suas faculdades realmente notáveis, como também pela simplicidade e pureza de sua vida, seu desapego às seduções terrenas.

Estão presentes também algumas pessoas de Pedro Leopoldo e os comentários insistem, então, sobre essa feição tão característica do jovem médium, sua humildade, seu desapego aos bens materiais. Relembra-se, a propósito, os oferecimentos que ele tem tido, de melhores colocações fora daqui; e ainda sua atitude no caso da edição de *Parnaso Além-Túmulo*. Chico recusou toda e qualquer participação nos lucros da edição desse volume.

Ao que ele observa:

— De uma coisa os meus amigos poderão estar certos: nunca procurarei tirar qualquer proveito monetário de minhas faculdades.

Se a mediunidade é uma missão, ele se declara disposto a cumpri-la sem visar a qualquer interesse material.

Nesse rumo, a palestra colhe alguns casos de médiuns notáveis que temos tido no Brasil, os quais, cedendo com o tempo aos maus conselheiros — alguns homens e todas as ambições — degeneraram para a mais franca obcecação ou para o charlatanismo, tornando-se elementos condenados pelos espíritas.

Chico Xavier, porém, tem sido um exemplo confortador. Nele confiam os espíritas da sua terra.

UM MONSTRO E UM SUSTO

A palestra borboleteia a seguir sobre fatos e aspectos da mediunidade. Uma cousa que preocupou Chico Xavier, há tempos, foi a aparecimento, em seus sonhos, de formas monstruosas, que, embora se dizendo espíritos, o assustavam.

³³ Foi um dos pioneiros do Espiritismo no Estado do Rio de Janeiro. Nasceu na então capital federal, em 30 de março de 1864 e desencarnou em Paraíba do Sul, em 26 de março de 1946, quatro dias antes de completar 82 anos de idade.

A explicação vem-lhe assim: "Essas figuras monstruosas são espíritos inferiores e a forma que assumem, dentro de uma espécie de 'magnetismo espiritual', é a 'forma' dos seus pensamentos".

A "LINHA NEGRA"

A esse respeito observa-se o quanto é difícil obter a comunicação com espíritos elevados, com a elite do Além, que é ainda relativamente diminuta em comparação com as legiões infindáveis dos espíritos inferiores, as hordas da "linha negra", responsáveis por malefícios sem conta dentre os que se verificam entre os homens.

O sr. José de Andrade tem até esta tirada de humor:

— Noventa e nove por cento dos espíritos ainda são da nossa "marca". Não são grande coisa. Resta um centésimo, ou talvez menos, para constituir a elite. Daí a dificuldade em conseguir-se apanhar, nas comunicações, um espírito adiantado...

E daí, também, concluem os da roda, o valor que, para a doutrina, assume o médium capaz de receber esses selecionados do espaço, considerando-se que, para as boas comunicações, necessário se torna a mais perfeita sintonização de vibrações espirituais, a maior homogeneidade de pensamentos, entre os aparelhos — o médium — e o espírito. Para receber maus espíritos não faltam aparelhos...

Unicamente, nesse último caso, em vez de belas mensagens do Além, o resultado é muito outro: desastres, suicídios, maldades, loucura.

Para os crentes da doutrina decorre, também, daí, o imperativo: elevar o mais possível o coração e o pensamento.

OUTRAS VISITAS

Nessa mesma noite, Chico Xavier recebeu ainda outras visitas de Belo Horizonte: o coronel Anísio Fróes e o major Benedito de Melo Franco, da Força Pública Mineira; os srs. Augusto de Menezes, funcionário da Secretaria de Viação e Obras Públicas do Estado; Jaime Nunes, Antônio de Assis e algumas senhoras.

Na mesma ocasião esteve ali o professor Tão Júnior, católico, mas que nos dá, às vezes, a impressão de ser livre pensador.

Iniciados ambos na filosofia e no estudo da Sagrada Escritura, o professor e o coronel Anísio são os dois interlocutores mais constantes, mas em choques.

A PRESCIÊNCIA DO PROFESSOR TÃO JÚNIOR

A discussão assume, por vezes, grande palpação... E o professor Tão Júnior, que se nega a admitir a hipótese espírita no caso Chico Xavier, localizando no subconsciente a origem do fenômeno, cai, entretanto, por vezes, na ci-

tação de casos diante dos quais se confessa perplexo. Este, por exemplo, passado com ele mesmo:

— Eu era escrivão do crime em Sete Lagoas, isso há anos. Um dia, ao regressar à minha residência, deteve-se meu olhar em certo prédio fechado. E, coisa estranha, que não tinha ligação com nenhum fato de meu conhecimento ou pensamento, nem anterior, fosse recente ou remoto: veio-me o pressentimento de que, naquele prédio, ia ocorrer um crime de morte. Entrando em casa, pouco depois, encontrei a nossa criada no corredor e, ainda preocupado, na falta de outro interlocutor, comuniquei-lhe de passagem o meu mau pressentimento. A empregada, para minha maior surpresa, admitiu como possível o crime: na casa citada residia um casal que "não se dava bem". Uma vez, a desavença foi mais forte; o marido retirara-se da cidade. Naquela manhã, entretanto, a minha empregada, ao que me disse então, vira o marido que voltara repentinamente, rondar a casa onde ficara residindo a mulher.

Assim informado, dirigi-me ao delegado, para pô-lo de sobreaviso.

Encurtaremos a história do professor, dando o desenlace: o crime foi de fato cometido.

O AURA

Contada a história, o adepto da subconsciência confessa a sua perplexidade, ao que o coronel Anísio açode, com a explicação espírita: nossas intenções gravam-se no aura, espécie de registro das nossas vontades. E os espíritos têm o poder de ler nessa página recôndita. A vontade de matar gravava-se no aura do homem que rondava a casa.

Um espírito evoluído lera ali e fizera ao professor a revelação.

O professor sorri e diz alguma coisa em latim; está ainda contra a hipótese espírita, e justifica sua relutância por ter sido, diz, educado na escola da verdade.

Mas o coronel Anísio vale-se também de um latim filosófico para levar o professor a esta conclusão:

— Ninguém pode dar o que não tem.

É uma de suas conclusões sobre o caso Chico Xavier, no que se refere à instrução deste.

E o debate prossegue.

UMA BATIDA X PORTA

Neste momento, aqui, da mesa onde escrevemos, ouvimos bater à porta. Alguém chama o repórter. Há algo de extraordinário para a reportagem, lá fora. São mais de 22 horas, e de uma noite fria...

Capítulo XIV

DOIS MÉDICOS PROCURAM PÔR X PROVA O MÉDIUM DE PEDRO LEOPOLDO

**Um teste inesperado — "O diabetes é moléstia microbiana?" —
Uma hora e meia para a resposta — "Os homens,
através do sofrimento, adquirirão a
experiência que os conduzirá
à regeneração da saúde", diz o
"guia" de Chico Xavier**

Pedro Leopoldo, 14 — (Especial para *O Globo*, por Clementino de Alencar)³⁴ — Ao encerrarmos a última correspondência, dizíamos que alguma coisa solicitava lá fora a presença do repórter. E usamos ainda a palavra "extraordinário".

Realmente, o que iríamos constatar era, sim, extraordinário, mas sem o sensacionalismo ruidoso das cousas propriamente terrenas.

Era um "extraordinário" sereno, silencioso, como tudo que vimos observando dentro da esfera do caso Chico Xavier.

MAIS UM TESTE

Relembremos.

Ontem, à noite, pouco depois das 20 horas, quando nos recolhíamos ao hotel, encontramos, num automóvel, o dr. Maurício de Azevedo, acompanhado de dois médicos chegados de fora, havia pouco, no mesmo carro, e aqui trazidos por esta intenção, segundo logo depois sabíamos: fazer uma consulta, ou antes, uma simples pergunta ao médium.

Trocamos cumprimentos com o dr. Maurício e este, depois de nos apresentar aos médicos que o acompanhavam, faz-nos um pedido:

— Aqui o dr. Márcio, ouvindo o que se conta de Chico Xavier, teve a curiosidade despertada pelo caso, e, como não seja um crente da doutrina espírita, mostrou o desejo de fazer ao médium uma pergunta, em torno de uma questão médica, na conjectura, logo se vê, de que o rapaz procure colher para a mesma uma resposta, de seus guias e protetores, do mundo do Astral em suma, com o qual diz comunicar-se assiduamente. Levei-o, por isso, ainda agora, lá, ao Chico Xavier.

³⁴ *Jornal O Povo* — 12 de julho de 1935

E a rápida explicação do dr. Maurício ainda nos diz que, no momento, por circunstâncias várias, o seu trabalho, etc., não pudera o caixeirinho de "seu" Zé Felizardo tentar a comunicação com o Além.

O médico, porém, precisava prosseguir viagem, no automóvel, para Sete Lagoas. Não poderia aguardar o transe.

A pergunta, escrita então no alto de uma folha em branco, fora entregue ao Chico Xavier, cerca das 20 horas, isto é, minutos antes do nosso encontro. O médium prometera que, o mais breve possível, se recolheria à casa e, pela concentração, procuraria comunicar-se com o Além e apresentar a pergunta.

O dr. Maurício pedia então ao repórter que procurasse receber a mensagem das mãos do médium, logo que este a recebesse, a fim de se poder fixar o tempo decorrido entre a pergunta e a resposta.

POIS, NÃO!

Encontramos o médium, uns quarenta minutos depois, quando, findas suas ocupações, ele se recolhia à casa; e lhe expusemos o pedido que nos fora feito.

— Pois, não! — açode ele. Vou agora tratar disso. Logo que tenha a comunicação, irei entregá-la ao senhor.

Pouco MAIS DE HORA E MEIA

Cerca das 22h30, isto é, pouco mais de hora e meia depois de o havermos deixado, Chico Xavier nos procurava no hotel. Trazia a resposta à pergunta do médico.

Como todos no hotel já estivessem recolhidos, descemos com ele até ao clube, onde pedimos a uma pessoa idônea o seu testemunho para o que teríamos de afirmar depois: que Chico Xavier nos entregara a mensagem àquela hora.

A CONSULTA SOBRE O DIABETES

A pergunta feita pelo médico citado era a seguinte:

— O diabetes é moléstia microbiana? Em caso contrário, esclarecer as causas possíveis da moléstia.

Essa consulta, logo se compreende, fora feita, pelo médico, unicamente como uma espécie de teste.

A RESPOSTA DO ALÉM

A resposta psicografada por Chico Xavier é a seguinte:

"O diabetes ainda não se encontra bem definido pela ciência, que o tem considerado como derivação do enfraquecimento orgânico. Síndrome assinalada pela irregularidade da combinação dos hidratos de carbono, trazendo ao sangue o exces-

so de matérias açucaradas, os menores abalos do aparelho glico-regulador podem produzi-lo, como sejam as alterações do funcionamento da glândula abdominal, as afeções do fígado ou da hipófise, ocasionando a ausência do equilíbrio endoclínico.

Todas as moléstias têm o seu ascendente nos fatores de ordem microbiana e, paulatinamente, a ciência conseguirá intensificar o trabalho de que Pasteur foi expoente dos mais dignos, estudando a complexidade dos organismos unicelulares e criando as substâncias microbidas, isto porém na medida de sua espiritualização.

Em grande parte, deve o diabetes a sua causa aos vícios da alimentação e poderá ser curável quando os doentes se dispuserem a prescindir de todos os elementos da carne, entregando-se, embora com sacrifício, ao regime dos legumes, exclusivamente à alimentação natural, porque a insulina, apesar de aconselhável como proporcionadora de bons resultados, não basta para que a melhora se efetue largamente no tratamento do enfermo. Exija-se deste paciência e perseverança.

Aos poucos, os homens, através do sofrimento, adquirirão a experiência que os conduzirá à regeneração da saúde prejudicada desde tempos imemoriais pelos seus vícios e desvios, adquiridos em grande parte dos seus ancestrais. — Emmanuel³⁵

UMA OBSERVAÇÃO

Temos procurado, desde o início, indicar, nesta reportagem, todas as circunstâncias que rodeiam Chico Xavier, no exercício de suas faculdades mediúnicas.

Dentro desse espírito de fidelidade ao observado, tomaremos a liberdade de destacar este detalhe:

Os dois médicos de Pedro Leopoldo estão acima de qualquer suspeita. Para aqueles, porém, que, residentes longe daqui, não conheçam os dois distintos clínicos, observaremos o seguinte: nenhum deles se encontrava em Pedro Leopoldo na noite de ontem.

UMA SÉRIE DE PERGUNTAS PARA HOJE

Agora, encerremos a reportagem de hoje e preparemo-nos para a sessão de logo à noite, durante a qual pretendemos fazer ao médium uma série de perguntas interessantes.

(Retirada a figura)

O enviado especial de *O Globo* lendo a resposta de Chico Xavier à pergunta. Foto inédita publicada em 1935 no jornal *O Globo*.

(cortesia Wilson Cantai)

³⁵ Esta mensagem também nos parece inédita

Capítulo XV

COMO EM DELPHOS: A VOZ DOS ORÁCULOS ALVOROÇA PEDRO LEOPOLDO

Pedro Leopoldo, 16 — (Especial para *O Globo*, por Clementino de Alencar)³⁶ — a segunda sessão espírita que iríamos assistir, ontem à noite, na casa de José Xavier, assumia, tanto para a reportagem como para a curiosidade pública, uma significação ainda mais fascinante, mais empolgante do que a anterior e isso, por esta razão muito simples e muito extraordinária a um tempo: divulgara-se, pela cidade, que — para falarmos em linguagem puramente jornalística — o repórter, de certa forma, havia como que aberto, segundo expusemos em correspondência anterior, uma impressionante possibilidade de entrevistas com o Além... E isso viera desencadear ainda com mais violência a torrente da curiosidade.

O ORÁCULO

— O jornalista fez a pergunta e Chico, zaz, respondeu...

— Deveras?!.....

— Depois foi o médico...

Depois do advogado. E lembra-se o caso do senhor de Sete Lagoas que, ainda há pouco tempo, preocupado com certos problemas de economia política, fizera, ao médium em transe, uma indagação mais ou menos nestes termos:

— A economia dirigida é um mal? Indagação essa que tivera pronta resposta.

E assim vão o comentário e a surpresa popular esboçando, numa sistematização aliás justificada, a nova fase do caso Chico Xavier, e na qual o médium humílimo avulta, de improviso, como um sereno oráculo postado na encruzilhada inevitável das dúvidas e da fé, no ponto exato de confluência das indagações vindas da razão ou da crença incondicional.

Delphos assoma, de novo, ao horizonte, no rumo de Pedro Leopoldo.

³⁶ *Jornal O Povo* — 13 de julho de 1935

A ROMARIA ESPIRITUAL

A expectativa era, pois, grande, e, desde cedo, já se tinha como certa a participação, na assistência, de gente de fora, vinda de Belo Horizonte e de Sete Lagoas.

Sondando a atmosfera, sentimos, no ar claro em que a cidade se deixa embalar, bonita e saudável, uma aura sutil de mistério, a vaga palpitação — expectativa e ansiedade — de uma romaria espiritual que marchasse ao encontro das revelações.

A RONDA DAS INDAGAÇÕES

Com o andar das horas se vai delineando melhor a ronda das indagações que confluirão à noite, decerto, para a casinha pobre de José Cândido.

A notícia, agora mais repetida e confirmada, de que Chico Xavier recebe mensagens em línguas estrangeiras, não falta quem alimente até o desejo de ver o médium poliglota escrever em árabe e em chinês.

Adianta-se, em outras rodas, que, alvoroçado com a entrevista sobre as possibilidades de implantação de um regime extremista no país, conseguida pelo repórter, o professor Tão Júnior pretende levar, ao esclarecimento das luzes do Outro Mundo, uma pergunta patriótica, a um grande vulto desaparecido, sobre o que de remediável e irremediável porventura exista na atual situação brasileira...

ATÉ UM BOATO

Até um boato corre, veiculado por certo jornal de Belo Horizonte: um amante da boa música, ali residente, estaria disposto a vir a Pedro Leopoldo a fim de pedir a Schubert que este, por intermédio de Chico Xavier, concluísse a "Sinfonia Inacabada", agora que, na vida do Além — onde os espíritos não têm sexo — a condessinha de Esterhazy já deve estar de há muito liberta das homenagens tocantes do amor terreno.

OUTRA ENTREVISTA?

O repórter participa também da ronda curiosa. E, ao cair da noite, na mesa do Hotel Diniz, seus pensamentos se mostram fugidios para com o ambiente e a palestra. Parece que ele se debruça sobre o prato; mas, na verdade, sua atenção insistente cuida em colher, na pradaria imensa onde florescem as dúvidas e os enigmas, o ramo discreto com que ele deseja comparecer ante os emissários luminosos do Além.

Às vezes, as risadas estrugem, em redor, acesas pelo anedotário da região.

Fulaninha, ainda uma vez, comparece na anedota do casamento.

Fulaninha arranjara um marido, depois de espalhar pela região, que possuía 20 bois, 20 porcos, etc., tudo na mesma conta, mas tudo também inexistente. Ca-

sada, partiu para o lar e a lua-de-mel, dizendo, do trem, com um aceno, aos que ficavam na estação:

— Boa viagem, feliz regresso!...

Fulaninha, entretanto, parece que estranhou um pouco a vida de casada. Tanto assim que, pouco depois, escreveria, para as suas amigas:

— Que diferença da casa paterna para a casa maridal!...

Enquanto assim era lembrada a Fulaninha, no irrequieto papel que lhe tocara para a comédia humana, detinham-se nisto as nossas cogitações:

— Onde estará a Vida, na morte ou na vida?...

UMA SÉRIE DE PERGUNTAS³⁷

Pouco depois, no quarto, quinze minutos antes da sessão, debruçamo-nos definitivamente sobre o mistério e traçamos estas quatro perguntas:

— Continua a alma a lutar pelo seu aperfeiçoamento, na vida do Além?

— Está o mundo subconsciente subordinado às funções corporais?

— Esclarecei-nos sobre o fenómeno do sonho.

— Podereis elucidar-nos sobre os instintos e suas variedades?

Escrevemos cada pergunta numa página. Metemos no bolso as quatro folhas dobradas.

E partimos como o grego antigo, no rumo de Delphos.

³⁷ Clementina de Alencar inicia com Chico Xavier a sistemática de perguntas aos espíritos, que se evidenciará em obras posteriores, a exemplo de *O Consolador*, obra publicada pela federação Espírita Brasileira.

CHICO XAVIER PSICOGRAFA, DIANTE DO REPÓRTER, A RESPOSTA A UMA NOVA

PERGUNTA

Max, o "amigo do espaço", resume em vinte linhas um assunto vasto como a própria ciência! — Espiritualistas contra materialistas — "Não me faleis da morte, ilustre Ulisses..." — Pela escada maravilhosa da prece — Todas as perguntas respondidas

Pedro Leopoldo, 16 — (Especial para *O Globo* por Clementino de Alencar)³⁸ — Continuação — Concorridíssima também a segunda sessão espírita a que assistimos na casa de José Cândido. Quando ali chegamos, cerca das 20 horas, encontramos, além de numerosas pessoas de Pedro Leopoldo, várias outras de Belo Horizonte, entre as quais o coronel Anísio Fróes e o major Benedito de Melo Franco, da Força Pública de Minas; e, de Sete Lagoas, entre outras, os srs. Francisco Teixeira, conhecido banqueiro; José Macedo, promotor; Geraldo Bhering, advogado; e José Afonso Viana, médico.

Entre os presentes, de Pedro Leopoldo, vimos ali os srs. Maurício Azevedo, coletor federal, Romero Carvalho Filho, farmacêutico e proprietário; Aníbal Belizário, Teodoro Viana, Leopoldo de Melo, José Viana Braga, Fausto Joviano, e mais alguns negociantes, proprietários e funcionários.

Como da outra vez, estava a casa repleta, e, ainda como da outra vez, José Cândido, ativo e cordial, se reforça por acomodar a assistência na exigüidade de sua residência pobre.

Quando chegamos, lá estava Chico Xavier e prepara-se rapidamente à mesa para a sessão a iniciar-se dentro de poucos minutos.

A QUEIXA DE AQUILES

Na sala, também oficina de seleiro, onde se agrupa, ainda, a maior parte da assistência, a palestra segue animada sobre o tema da hora e do local. Não se estabelecem propriamente discussões; de quando em quando, entretanto, as pontas aceradas do debate rasgam o estofado macio das frases. E reacende-se ali, num lampejo rápido, para continuar a se consumir depois, no silêncio das bocas que se não convencem, a brasa dormida da velha contenda; materialistas contra espiritualistas,

³⁸ *Jornal O Povo* — 75 de julho de 1935

monistas contra dualistas, razão pura contra misticismo. A eterna porfia da devoção e da análise — paralelas espirituais que, sem dúvida, como as linhas da teoria euclidiana, se hão de encontrar e confundir no infinito...

Não faz mal que seja a sala pequenina, apenas a modesta oficina de um seleiro do sertão. Não faz mal que estejamos, ali, tão distanciados, no tempo e no espaço, dos filósofos e de suas querelas. Kant e a sua crítica arazoadora; Hegel e o seu Deus e idéia potencial da realidade; Locke, com a sua lógica; tudo está lá para trás de Bergson, com quem já se pode admitir a existência de um Deus. Ao fim da rajada tremenda da análise e da crítica, alguma coisa ainda ficou de pé: — a dúvida, que, para alguns, se vai diluindo nas convicções confortadoras: e, para outros, espraia-se definitivamente na negação. E agora ali, no meio da animação da sala exígua, quando os vivos se dirigem para o locutório de onde se escuta a palavra "silenciosa" da Morte, eis que nos ocorre, não saberíamos bem dizer por que estranha associação de idéias, a resposta da alma de Aquiles e Ulisses, na passagem famosa: —

"Quando era tu vivo, Aquiles, nós te venerávamos como um deus; e agora tu comandas todos os mortos. Tal como aí estás, e ainda morto, não te lamentes, Aquiles! Eu falava assim, e ele me respondeu: — Não me fales da morte, ilustre Ulisses! Eu preferia ser o obreiro humilde que serve, por salário a um homem pobre, do que comandar, na morte, aqueles que já não existem."

PONHA AS PERGUNTAS AQUI

Apenas chegáramos, falamos ao José Cândido:

Temos aqui algumas perguntas. Deverão ser elas apresentadas antes ou depois dos trabalhos?

— Estão escritas?

— Sim!

— Então, por favor, chegue até aqui.

E José Cândido leva-nos para a peça contígua, onde se realizará a sessão.

A mesa ainda está vazia, sob a toalha branca.

Tiramos as perguntas do bolso e escolhemos, delas, duas apenas.

Pareceu-nos que seria exagero apresentá-las todas.

Entregamos a José Cândido as duas folhas, que ele estende na cabeceira da mesa, no lugar de onde dirigirá os trabalhos. Nesse momento, Chico Xavier aproxima-se, já para ocupar o sua cadeira. Percebe, talvez, que estivéramos a escolher as perguntas e, apontando para as duas folhas que ainda temos nas mãos:

— E essas?

— Ah! É que nós tínhamos composto várias perguntas. Pareceu-nos, porém, que seriam muitas para uma sessão.

— Não, não, açode ele, com seu sorriso sem malícia — o senhor pode por essas também aí, na mesa, com as outras. Pediremos respostas para todas. Si vier, bem; se não, paciência... Em todo caso, tenta-se, uê!...

E as quatro perguntas juntaram-se, na cabeceira da mesa, à espera da palavra do Além.

INICIAM-SE OS TRABALHOS

Ao mesmo tempo, José Cândido convida os assistentes a tomarem lugar no pequeno cômodo.

A mesa, ou melhor a "corrente", está assim formada: José Cândido, Chico Xavier, coronel Anísio Fróes, Nelson Pena, Fausto Joviano, Nanei Pena e senhorita Carmosina Pena.

Em redor, a assistência acomoda-se, em silêncio, e encontra-se na prece que José Cândido dirige aos "cimos resplandecentes" e com que as almas daquele grupo de humildes sofreadores se prostram aos pés do Pai Misericordioso.

E a palavra humana, de ordinário tão pesada e rústica, assume como que a leveza e o esplendor de um sopro luminoso, naquela invocação de esperança e de fé. Estendida assim, no ar, a escada de Jacó da prece coletiva, ouvimos que por ela acima lança José Cândido as perguntas que fizéramos.

Depois, silêncio no ambiente. Mais se inclinam as cabeças, cerram os olhos, elevam as almas. Os homens aguardam, debruçados, a visita dos emissários luminosos das alturas insondáveis.

Um minuto talvez, e a mão do médium dá o primeiro sinal. Depois, entra a correr sobre o papel, com a rapidez habitual. Os "Amigos do Espaço" atenderam à nossa invocação. E, pela escada maravilhosa da prece, que não cessa mesmo sob as bocas mudas, descem agora as respostas que pedíramos.

Correndo, o lápis vence o campo virgem da folha branca, sob as próprias linhas da pergunta que grafáramos. Quando chega ao pé, José Cândido vira-a. Esgotado o espaço da outra página, o lápis volta ao alto da página já escrita, rápido sempre, ansioso quase como um pensamento que se não quer perder a si mesmo e busca a imagem imperecível das palavras. E é já sobre as linhas em que grafáramos a pergunta que vem cair esta assinatura: Max.

Em seguida, são respondidas, pelo mesmo Max, as demais perguntas.

VERSOS

O lápis estaca um momento. Alguém batera à porta, quebrando o silêncio. Retardatários que chegam.

Agora, novas folhas virgens vão ser entregues ao médium, para as mensagens espontâneas. José Cândido convida os assistentes a rubricarem as páginas; esses, porém, dispensam, cortesmente, a formalidade.

Reforça-se de novo a "corrente" e as comunicações se restabelecem.

O médium psicografa versos.

VIRTUOSISMO

Sete ou oito páginas ficam logo cheias de estrofes.

Depois, o lápis, contrariando o processo normal da escrita, como que se rebela e começa a grafar da direita para a esquerda, como o fazem certos povos do oriente.

O que ele vai escrevendo apresenta-se inteiramente incompreensível para os assistentes. Há até um ligeiro sussurro de surpresa.

— Será árabe? — ouvimos que uma voz cicia a um ouvido, ao lado.

O lápis estava por fim, no pé da página, no último traço de uma assinatura arreesada.

O médium abandona-o então. A prece de encerramento ergue-se agora, como um novo sopro luminoso e suave. Estão concluídos os trabalhos. E, ansiosamente, como da outra vez, a assistência põe-se a examinar a produção.

“A VOSSA CIÊNCIA NÃO CONHECE O HOMEM INTEGRAL”

As nossas perguntas, como dizíamos, tiveram todas a sua resposta.

A primeira que caiu sob o lápis do médium foi esta:

— Está o mundo subconsciente subordinado às funções corporais? E a resposta foi assim psicografada ao pé da indagação:

"— O mundo subconsciente não se acha subordinado à função de nenhum órgão. Ele representa a súpula dos conhecimentos do ser, em suas existências passadas, consubstanciada na inteligência operosa e criadora. Ele é a câmara secreta onde todas as experiências se arquivam para emergirem em futuro próximo ou longínquo. A vossa ciência não conhece o homem integral, porquanto o esquecimento a que se acham submetidos os encarnados não deixa que se possa entrever a alma total. A subconsciência é o mundo da alma em sua existência extraterrestre.

Podeis conceber isto ponderadamente. O aparelho respiratório existe no feto que dele se não serve, em virtude do meio não comportar o seu uso. Ele, porém, está latente no homem embrionário. Assim são as faculdades espirituais. Não aparecem na nossa vida comum, porquanto o ambiente atual ainda não as comporta, mas estão no seu estado latente para emergirem, futuramente, em toda a sua plenitude. — Max"

BEZERRA DE MENEZES?

Enviaremos, a seguir, as outras respostas. Antes, porém, de encerrarmos a correspondência de hoje, queremos assinalar ainda o seguinte: Concluída a recepção das mensagens, comunicou-nos o médium ter ouvido de "Max" que este se chamara, em vida, Bezerra de Menezes.³⁹

³⁹ Esta mensagem, assinada com o pseudônimo "Max", talvez tenha sido a primeira manifestação, por intermédio do médium mineiro, do cearense Adolfo Bezerra de Menezes Cavalcanti.

(Retirada a figura)

Foto da rua onde nasceu Chico Xavier em Pedro Leopoldo (1951) Abaixo, quadro do pintor Chico Leite retratando a Rua São Sebastião pelo mesmo ângulo.

Capítulo XVII

O HUMILDE CAIXEIRO DE PEDRO LEOPOLDO DE NOVO ESCREVE PARA ESTE MUNDO A PALAVRA DE SABEDORIA DO "PAÍS DAS SOMBRAS INVISÍVEIS" ...

A noite sensacional em casa de José Cândido — Onde se encontra Krishnamurti — O problema do presente — Monstros de ontem, homens de agora — A lapidação do instinto — Sono, sonho, sonambulismo

Pedro Leopoldo, 16 — (Especial para *O Globo* por Clementino de Alencar)⁴⁰ — Continuação — Na reportagem que enviamos pela mala de hoje, incluímos já a resposta a uma das quatro perguntas apresentadas pela repórter ao médium, durante a sessão de ontem, à noite, na casa de José Cândido.

Enviaremos, agora, as respostas dadas às outras três perguntas, que eram as seguintes, conforme dissemos já em correspondência anterior:

— "Continua a alma a lutar pelo seu aperfeiçoamento na vida do Além?"

— "Podereis elucidar-nos sobre os instintos e suas variedades?"

— "Esclarecei-nos sobre o fenômeno do sonho."

RELEMBRANDO

A fim de poupar àqueles que estejam porventura acompanhando a nossa reportagem o trabalho de reler nossa correspondência anterior, lembraremos, em poucas palavras, que as referidas perguntas foram compostas, pelo

⁴⁰ *Jornal O Povo* — 18 de julho de 1935.

repórter, quinze minutos antes do início; que as respostas foram escritas com a rapidez peculiar ao médium, cerca de um minuto depois da prece de abertura da sessão, podendo, pois, ser calculado em dez minutos, no máximo, o tempo decorrido entre a apresentação das perguntas e respostas.

ENTREVISTA...

Jornalisticamente falando, o caso apresenta-se com características de uma autêntica entrevista. O interlocutor a quem nos dirigimos era, sem dúvida, uma incógnita. Isso, porém, não importa, desde que se verificou esta realidade: fizemos as perguntas com declarada intenção jornalística e as respostas vieram quase que instantaneamente.

Por isso mesmo, parece-nos que não seria demais se considerássemos esta a nossa segunda entrevista com o "mundo das sombras invisíveis"...

A VIDA É, PARA A ALMA, O ETERNO PRESENTE

Expostas, atrás, as circunstâncias em que foram apresentadas as consultas, figuremos agora numa situação de entrevista, para que o episódio ganhe todo o colorido que bem merece, na sua expressão sensacional. Indaga, pois, o repórter:

— Continua a alma a lutar pelo seu aperfeiçoamento na vida do Além?

E o lápis do médium grafou:

"O espírito luta em todos os planos da existência e a vida é o seu eterno presente. Seus labores não cessam em nenhuma hipótese e é pelo trabalho que buscam o galardão supremo da perfeitibilidade. A existência, na Terra, com o seu olvido, representa, quase, para os seres libertos, um tenebroso pesadelo que a morte vem desfazer. No Além reconhece-se a grandeza de realidades insofismáveis e com mais fervor entrega-se o ser ao seu aprendizado e à sua tarefa. Não obstante a ausência da fadiga, a alma - ' trabalha sempre, e o que se verifica entre os encarnados e desencarnados é a existência de leis físicas cuja complexidade não podeis ainda apreender em virtude da exigüidade das vossas percepções. — Max".

ONDE REENCONTRAMOS UM Pouco DE KRISHNAMURTI

Numa de suas conferências ditas à noite, no estádio do Fluminense, ouvíramos, ainda há pouco tempo, de Krishnamurti, sobre o tema da reencarnação e da imortalidade⁴¹, uma série de conceitos que se poderiam resumir nesta expressão:

⁴¹ Jiddu Krishnamurti (1895-1986) nasceu no sul da Índia, sendo adotado aos 9 anos por Annie Besant, discípula de Madame Blavatsky, fundadora do movimento teosófico. Krishnamurti visitou o Brasil em princípios de 1935

— A imortalidade é o presente.

E parece-nos perfeita a justaposição dos dois conceitos: o do pensador hindu e este que o médium grafara na resposta acima, referindo-se ao espírito:

— "... a vida é o seu eterno presente". Presente, eternidade... A vida não cessa nunca...

(Retirada a figura)

Grupo de assistentes em frente à casa de José Cândido, logo após o encerramento da sessão. Foto publicada em 1935 no jornal O Globo.

(cortesia Divaldinho Matos)

OS MONSTROS DE OUTRAS ERAS E OS INSTINTOS DE HOIE

A entrevista prossegue. Mais uma pergunta:

— Podereis elucidar-nos sobre os instintos e suas variedades?

Reconhecemos que o tema é por demais amplo para um detalhe de entrevista. O lápis do médium, porém, não hesita; e a resposta vem em síntese elegante, nesta espécie de parábola:

"Essa questão implica um extenso e complicado problema em sua grandiosa transcendência. Os instintos representam os embriões das faculdades superiores do espírito. Regressai espiritualmente às épocas primárias da evolução geológica do planeta e encontrareis animais monstruosos e cenários de fábula. Mas os séculos vão retocando as animalidades grosseiras, lapidando-as no cadinho dos trabalhos, das lutas, dos sofrimentos e, na atualidade, reconheceis o orbe povoado pelas mais portentosas civilizações. Toda a grandiosidade do vosso progresso, em todos os setores da atividade humana, representa a evolução lenta dos instintos, os quais, transformados na inteligência civilizadora, são, hoje, os motivos do vosso poder e dos vossos surtos evolutivos — Max".

O SONHO E SUA ASCENDÊNCIA FISIOLÓGICA

Está, por fim, diante do médium, a nossa terceira indagação:

— Esclarecei-nos sobre o fenômeno do sonho.

"Em sua generalidade — *grafa imediatamente o médium* — os sonhos representam somente o reflexo de sensações fisiológicas. Contudo, isso não é a regra geral. No sono, como no sonambulismo, nas hipóteses profundas, pode a alma exteriorizar-se mais intensamente, no seu desprendimento temporário e ouvir e ver quantos a ela se acham ligados pelos elos afetivos no Além, ocorrendo desta forma as predições, como se o dom divinatório fosse faculdade inerente a certos organismos. Convém todavia estudar os sonhos, escoimando desses todo o caráter fantasista, porquanto, em regra geral, encontramos constantemente a sua ascendência.

— Max."

BILAC E AUGUSTO DOS ANIOS

Estava concluída a entrevista. O lápis do médium, porém, não cessou de correr sobre o papel. E foram assim grafados ainda dois sonetos de Bilac, um de Augusto dos Anjos, alguns versos de João de Deus e duas mensagens, uma de Marta e outra de Emmanuel, esta em inglês.

A SENSACÃO DA MORTE

Sem esquecer a sensação causada pelas respostas prontas e bonitas dadas por "Max" às perguntas do repórter, pode-se, entretanto, considerar que o "Light", o sucesso da noite, foi a mensagem de Emmanuel, em inglês. Ocupa apenas uma página, mas foi grafada de tal forma, numa inversão total do processo normal de escrita, que só com o auxílio de um espelho ou contra a luz se a consegue ler.

Dessa página, na qual se nos manifesta como que um estranho virtuosismo em matéria de comunicações com o Além, nos ocuparemos a seguir.

Capítulo XVIII

GRANDE SENSACÃO PRODUZIDA POR UMA ESTRANHA MENSAGEM "O conhecimento dos homens é nulo diante da morte"

Pedro Leopoldo, 17 — (Especial para O Globo, por Clementino de Alencar)⁴² — Continuação — Em correspondência anterior, apresentamos já cópia de duas mensagens, uma em inglês e outra em italiano, psicografadas por Chico Xavier de forma tal que os originais só podiam ser lidos com o auxílio de um espelho ou contra a luz.

Não pudéramos, conforme dissemos, obter esses originais que se encontram em mãos de pessoa atualmente fora de Pedro Leopoldo. As cópias, todavia, nos foram entregues por pessoa idônea, o que nos fez desde logo confiar na veracidade do que nos era afirmado a respeito. Isso, entretanto, não impedia que mantivéssemos acesa a curiosidade de ver Chico Xavier num desses rasgos de virtuosismo gráfico.

Pois nossa curiosidade, sem que se manifestasse por palavras, foi satisfeita na sessão do dia 15, da qual já nos ocupamos nas duas últimas correspondências.

Teriam os "Amigos do Espaço" lido, em nosso aura, aquele desejo, como querem os espíritas?

⁴² Jornal *O Povo* — 19 de julho de 1935

Dispensamo-nos de responder à nossa própria pergunta. Não o saberíamos fazer...

A ESTRANHA MENSAGEM

Foi quase ao fim da sessão, quando já grafara as respostas às indagações do repórter e os versos, que o médium entrou a escrever a estranha mensagem que alguns assistentes estavam já a admitir como árabe, quando foi ela decifrada...

UMA OBSERVAÇÃO

A propósito, queremos deixar aqui consignado o seguinte: em geral, as mensagens em idiomas estrangeiros são psicografadas por Chico Xavier por esse processo inverso usado na grafia da página de Emmanuel que hoje enviamos.

"Aqui ESTÁ A NOSSA GRANDE MENSAGEM"

Quinze linhas grafou o médium, da direita para a esquerda e a gravura que ilustra esta reportagem mostra a página tal qual foi ela composta.⁴³

Lendo-se a mensagem com o auxílio de um espelho, tem-se:

"My dear sptntualist fr,ends. Mens learnmg is nothing over agaimt ofthe death; let you support your cross with pattence and courage. the patn andfaith are the greater earthly treamre and the work is the gold ofthe life.

Butfor ali you, believmg either not, here is the our great message: God is our Father. We are brothers. Let us love one another. — Emmanuel".

AINDA O ARTIGO "THE"

Os que leram nossa correspondência datada de 12 do corrente mês inteiraram-se já do que ocorreu com a outra mensagem em inglês psicografada por Chico Xavier, na sessão de 23 de novembro de 1933.

Um dos presentes à citada reunião, conhecedor do idioma, observou, nas linhas então escritas, um erro no uso do artigo "the" antes do possessivo.

Emmanuel respondera a esse reparo do assistente com outra mensagem também em inglês, desculpando-se do erro com a justificativa – na qual há até um certo humor "terreno" - de não ser ele, o espírito um professor de línguas, um mestre do idioma em apreço, mas, sim, um fraco discípulo. Na mensagem que hoje enviamos, Emmanuel, aliás coerentes com a alegação da

⁴³ Infelizmente, não conseguimos recuperar a gravura desta mensagem.

outra vez, confirma-a de certo modo, insistindo no uso do *the* antes do possessivo. Parece-nos, também, que ficaria mais elegante a expressão "*the gold of the life*", sem o segundo "*the*".

Quanto ao mais, apesar desses senões e outros que os conhecedores do inglês observam na mensagem - e atribuídos, dentro da própria doutrina, à deficiência do aparelho, o médium, que nada sabe daquele idioma - é ela clara e simples. Traduzindo-a, teríamos:

"Meus caros amigos espiritualistas — O conhecimento do homem é nulo em face da morte; suportai a vossa cruz com paciência e coragem. A dor e a fé são os maiores tesouros terrenos e o trabalho é o ouro da vida.

Para todos vós, entretanto, crentes ou não, aqui está a nossa grande mensagem: Deus é nosso Pai. Nós somos irmãos. Amemo-nos uns aos outros — Emmanuel".

Flagrante de Chico Xavier com um amigo, em Pedro Leopoldo.

Foto de 1935. Arquivo do jornal *O Globo*, (cortesia Wilson Cantai)

Grande foi, como dizíamos, a sensação causada entre os assistentes, por essa mensagem, não só pela maneira como foi ela grafada como pelo fato de estar naquele idioma: em Pedro Leopoldo todos sabem que Chico Xavier nunca teve mestre de inglês, nem consta, a quem quer que seja, se ter ele iniciado, de qualquer forma, no estudo dessa língua.

OS VERSOS⁴⁴

Damos, a seguir, os dois sonetos que o médium psicografou com a assinatura de Bilac, intitulam-se eles "Aos descrentes" e "Ideal". Observam-se, desde logo, nesses versos, as rimas parelhas, tão usadas na "Tarde", e, no primeiro dos sonetos citados, a troca de colocação das mesmas rimas, nos quartetos, também um hábito de Bilac para obter delas maior variedade e tornar menos monótona a sua sucessão.

Quanto ao ritmo, encontra-se, em verdade, no "Aos descrentes" aquela cadência forte e inconfundível, por exemplo, dos "Matuiús": "De pés virados, marcha avessa e rude".

Mas aí enviamos, para maior apreciação dos bons conhecedores da poética bilaqueana, os dois sonetos grafados pelo médium Chico Xavier, na sessão de 15 do corrente mês:

Aos DESCRENTES

Vós, que estais dentro da hoste desvairada,
Nas turbas dos descrentes e dos loucos

⁴⁴ . Todos os poemas na seqüência reproduzidos constam das edições posteriores de o Parnaso de Além-Túmulo. Com exceção do soneto de Augusto dos Anjos, os demais poemas de Bilac e João de Deus sofreram alterações. A peça literária de João de Deus, sob o título "Oração", foi inserida inadequadamente em um outro poema, com o mesmo título, em louvor a Maria.

Que de olhos cegos e de ouvidos moucos
Estão longe da senda iluminada.
Voltai atrás dos vossos mundos ocos
Recomeçai a vida noutra estrada,
Sem a idéia amaríssima do Nada
Que amarga, envenena e mata aos poucos.
O ateus como eu fui na sombra imensa,
Erguei de novo o eterno altar da crença,
Longe dos tristes dogmas mesquinhos!
Banhai-vos na divina claridade,
Que promana das Luzes da Verdade,
Resplendendo em auroras nos caminhos!

IDEAL

Na terra em sonho eterno de beleza
Palpita em todo espírito que ansioso,
Espera a luz esplêndida do gozo
Das sínteses de amor da natureza;
E ansiedade perpetuamente acesa
No turbilhão medonho e tenebroso
Da carne, onde a esperança sem repouso
Luta, sofre e soluça e sonha presa.
Aspirações do mundo miserando,
Guardadas com ternura, com desveles,
Entre os peitos exânimes e aflitos!...
Mas que homem realiza apenas quando,
Rotas as carnes, brancos os cabelos,
Busca o beijo de luz dos infinitos!

Na mesma sessão, grafou ainda o médium o seguinte soneto, com o nome de Augusto dos Anjos:

Vida e Morte

A morte é como um fato resultante
Das ações de um fenômeno vulgar,
Desorganização molecular,
Fim das forças do plasma agonizante
Mas a vida a si mesma se garante
Na sua eternidade singular
E em sua transcendência vai buscar
A luz do espaço, fúlgida e distante!
Vida e Morte — fenômenos divinos,
Na ascendência de todos os destinos,
Do portentoso amor de Deus oriundos...
Vida e Morte — Presente eterno da Ânsia,
Ou condição diversa da substância
Que manifesta o espírito nos mundos".

E esta "Oração", assinada por João de Deus:

*"Pai de Amor e Caridade,
Que sois a eterna clemência,*

E de todas as criaturas
Carinhosa Providência!
Que os homens todos vos amem,
Que vos possam compreender,
Pois tendo ouvidos não ouvem
E vendo não querem ver."

UMA CONSULTA MENTAL

Grafada, em seguida, rápida mensagem de "Marta" e encerrados os trabalhos, o médium declarou que tinha uma comunicação particular do Além para o coronel Anísio Fróes. E este, pouco depois, dizia-nos que, realmente, fizera uma consulta mental, ao início da sessão.

(Retirada a figura)

Pergunta de J. Martins Peralva a Chico Xavier:

Chico, a que espírita do Brasil devemos o lançamento do seu primeiro livro mediúnico?

Resposta: Tivemos em Manoel Quintão, nosso inesquecível amigo na Federação Espírita Brasileira, o apoio decisivo para o lançamento de "Parnaso de Além-Túmulo", o primeiro livro de nossas modestas faculdades mediúnicas, em 1932. Desde o início de nossas atividades na seara espírita, encontrei nele um orientador cuja dedicação não posso esquecer. De uma bondade infatigável e de uma paciência sem limites para comigo, Manoel Quintão foi para mim, desde o nosso primeiro contato, um mentor amigo e um guia paternal, que vive constantemente em meu culto pessoal de carinho e gratidão.

Uberaba, 1 de julho de 1967.

(extraído de "O Espírita Mineiro", edição de julho de 1967)

Capítulo XIX

EMMANUEL LEVA-NOS A UMA AUDACIOSA EXCURSÃO PARA LÁ DOS LIMITES DA MATÉRIA!

*O "corpo espiritual", fonte da energia e da vontade, origem de
todas as faculdades organizadoras — A vida corporal,
expressão da morte — A matéria, elemento acessório, de
tangibilidade — O princípio vital e uma espiada aos
escaninhos do universo orgânico*

Pedro Leopoldo, 18 — (Especial para O Globo, por Clementino de Alencar)⁴⁵ — Alguns leitores, numa demonstração de acentuado interesse pelas revelações da nossa reportagem, nos têm escrito e pedido maior divulgação do "arquivo" de produções psicografadas por Chico Xavier.

Transmitimos esse desejo daqueles leitores, ao médium e este, prontamente e mais uma vez, nos pôs à disposição o referido "arquivo", ou melhor, a sua pobre pasta de papelão, à qual já temos feito repetidas referências.

Assim habilitados a satisfazer o que nos é solicitado, procuraremos entremear na reportagem propriamente os fatos e revelações da hora, algumas mensagens colhidas daquela pasta onde, desde já podemos adiantar, dormem ignoradas muitas páginas realmente interessantes e capazes de merecer a atenção dos estudiosos do assunto.

O CORPO ESPIRITUAL⁴⁶

Iniciaremos, hoje, a série dessas divulgações com a mensagem de Emmanuel, intitulada "O Corpo Espiritual", na qual o espírito protetor do médium nos leva numa audaciosa excursão para lá dos limites da matéria.

Os subtítulos que vão entrecortando a mensagem foram postos pelo repórter no sentido de melhor destacar os seus trechos mais interessantes.

Eis o que nos diz Emmanuel sobre o "corpo espiritual":

"De todos os fenômenos da vida que se apresentam ao raio visual da ciência humana, mantenedores do seu entretenimento, são os da assimilação e da desassimilação, todavia, os que afetam mais, particularmente, a percepção do homem, não são os da atividade vital em si mesma, consubstanciados nas sínteses orgânicas assimiladoras, mas justamente os fenômenos da morte. É um axioma fisiológico a extinção das células que constituem o suporte de todas as manifestações do organismo. Apenas fazeis geralmente uma idéia da vida por intermédio desses movimentos destruidores.

A VIDA CORPORAL, EXPRESSÃO DA MORTE

Quando no homem ou nos irracionais um gesto se opera, determina o desaparecimento de uma certa porcentagem da substância da economia vital, quando a sensibilidade se exterioriza e quando os pensamentos se manifestam, eis que os nervos se consomem, gastando-se o cérebro em suas atividades funcionais.

A vida corporal é bem a verdadeira expressão da morte, através da qual efetuareis as nossas observações e os vossos estudos.

⁴⁵ Jornal *O Povo* — 20 de julho de 1935.

⁴⁶ Com este mesmo título, transformado em capítulo, esta mensagem, com ligeiras modificações, foi incluída no livro *Emmanuel*, publicado em 1938 pela Federação Espírita Brasileira

Não dispodes dentro da exiguidade dos vossos sentidos senão de elementos constatadores da perda de energia, da luta vital dos conflitos que se estabelecem para que os seres se mantenham no seu próprio habitat.

A vida, em suas casualidades profundas, escapa aos vossos escalpelos e apenas o embriogenista observa, na penumbra e no silêncio, infinitésima fração do fenômeno assimilatório das criações orgânicas.

INACESSÍVEL AOS PROCESSOS DE INDAGAÇÃO CIENTÍFICA

Segundo os dados da vossa fisiologia, a célula primitiva é comum em todos os seres vertebrados e espanta ao embriogenista a lei orgânica que estabelece idéia diretora do desenvolvimento fetal, desde a união do espermatozoário⁴⁷ ao óvulo, especificando os elementos amorfos do protoplasma; nos domínios da vida essa idéia diretriz conserva-se inacessível até hoje aos vossos processos de indagação e de análise, porquanto esse desenho invisível não está subordinado a nenhuma determinação físico-química, porém, unicamente, ao corpo espiritual preexistente, em cujo molde se realizam todas as ações plásticas da organização sob cuja influência e se efetuam todos os fenômenos endosmóticos. Organismo fluídico caracterizado pelos seus elementos imutáveis, é ele o assimilador das forças protoplásmicas, o mantenedor da aglutinação molecular que organiza as configurações típicas de cada espécie; ele incorpora-se átomo por átomo à matéria do germen, dirigindo-a segundo a sua natureza particular.

RESPONDENDO A OBJEÇÕES

Algumas objeções científicas têm sido apresentadas à teoria irrefutável e verdadeira do corpo espiritual preexistente, destacando-se, entre elas, como a mais digna de refutação, a hereditariedade, a qual somente deve ser ponderável sob o ponto de vista fisiológico. Todos os tipos do reino mineral, vegetal, animal, incluindo-se o hominal, organizam-se segundo as disposições dos seus precedentes ancestrais, dos quais herdaram, naturalmente, pela lei das afinidades eletivas, a sua sanidade ou os seus defeitos de natureza orgânica unicamente.

DARWIN E AS GÊMLILAS

De todos os estudos referentes ao assunto, em vossa época, salienta-se a teoria darwiniana das gêmulas, corpúsculos infinitésimos que se transmitem pela via seminal aos elementos geradores, contendo na matéria embrionária a disposição de todas as moléculas do corpo que se reproduzem

⁴⁷ Palavra empregada até as primeiras décadas do século XX, não sendo atualmente dicionarizada. O mesmo que *espermatozoide*

dentro de cada espécie. A maior das moléstias, inclusive a dipsomania, são transmissíveis, porém, isso não implica um fatalismo biológico que engendre o infortúnio dos seres, porque inúmeros espíritos, em traçando o mapa do seu destino, buscam, com o escolher de semelhante instrumento, alargar as suas possibilidades de triunfo sobre a matéria, como um fato decorrente das severas leis morais, os quais, como no ambiente terrestre prevalecem no mundo espiritual, o que não nos cabe explanar neste estudo.

Não obstante a preponderância dos fatores físicos nas funções procriadoras, é totalmente descabido e inaceitável o atavismo psicológico, hipótese aventada pelos desconhecedores da independência da individualidade espiritual, e que revestem a matéria de poderes que nunca ela possuiu em sua condição de passividade característica.

HIPÓTESE A AFASTAR

Reconhecendo, pois, a veracidade da argumentação de quantos aceitam a hereditariedade fisiológica nos fenômenos da procriação — representando cada ser o organismo de que provém pela filiação — afastemos a hipótese da hereditariedade psicológica, porquanto espiritualmente temos a considerar apenas, ao lado da influência ambiente, a afinidade sentimental.

ATRAVÉS DOS ESCANINHOS DO UNIVERSO ORGÂNICO

De todas as propriedades gerais que caracterizam os seres viventes, somente os fenômenos da nutrição podem ser estudados pela perquirição científica e mesmo assim imperfeitamente.

Além das operações comuns que se efetuam automaticamente, há uma força inerente aos corpos organizados que mantêm coesas as personalidades celulares, sustentando-as dentro das particularidades de cada órgão, presidindo os fenômenos partenogênicos da sua evolução, substituindo através da segmentação quantas delas se consomem nas secreções glandulares, no trabalho mantenedor da atividade orgânica.

Essa força é o que denominamos princípio vital, essência fundamental que regula a existência das células vivas e no qual elas se banham constantemente, encontrando assim a sua necessária nutrição; força que se acha esparsa por todos os escaninhos do universo orgânico, combinando as substâncias minerais, azotadas e temárias, operando os atos nutritivos de todas as moléculas. O princípio vital é o ente entre o corpo espiritual, fonte da energia e da vontade, e a matéria passiva e inerente às faculdades superiores do espírito, o qual a adapta segundo as forças cósmicas que constituem as leis físicas de cada plano de existência, proporcionando a adaptação às suas necessidades intrínsecas.

Essa força ativa e regeneradora, de cujo enfraquecimento decorre a ausência do tônus vital precursora da destruição orgânica, é simplesmente a ação criadora e plasmadora do corpo espiritual sobre os elementos físicos.

O SANTUÁRIO DA MEMÓRIA

O corpo espiritual não retém somente a prerrogativa de constituir a fonte da misteriosa força plástica da vida, a qual opera a oxidação orgânica; é também ele a sede das faculdades dos sentimentos e da inteligência e, sobretudo, o santuário da memória, em que o ser encontra os elementos comprobatórios de sua identidade através de todas as mutações e transformações da matéria.

O PRODIGIOSO ALQUIMISTA

Todas as células orgânicas renovam-se incessantemente; e como poderia a criatura conhecer-se entre essas contínuas transsubstanciações? Para que se manifeste o pensamento — que desconhece as glândulas que o segreguem, porquanto constitui a vibração consciente do corpo espiritual — quantas células se consomem e queimam?

O cérebro assemelha-se a um complicado laboratório onde o espírito, prodigioso alquimista, efetua as mais inimagináveis associações atômicas e moleculares necessárias às exteriorizações inteligentes.

É ainda, pois, ao corpo espiritual que se deve a maravilha da memória, misteriosa chapa fotográfica onde tudo se grava sem que os menores coloridos das imagens se confundam.

ALMA E CORPO

Tem-se procurado explicar, pela prática dos neurologistas, toda classe de fenômenos intelectuais, através das ações combinadas do sistema nervoso; e, de fato, a ciência atingiu as certezas irrefutáveis, como, por exemplo, a de que uma lesão orgânica faz cessar a manifestação que lhe corresponde; e que a destruição de uma rede nervosa faz desaparecer uma faculdade.

Semelhante acerto, porém, não afasta a verdade da influência de ordem espiritual e invisível, porque se faz mister compreender não a alma isolada do corpo, mas ligada a esse corpo, o qual representa a sua forma objetivada, como um aglomerado de matérias imprescindíveis à sua condição de tangibilidade, animadas pela sua vontade e por seus atributos imortais.

Algumas escolas filosóficas fizeram da alma uma abstração, mas a psicologia moderna restabeleceu a verdade, unindo os elementos psíquicos aos materiais, reconhecendo no corpo a representação da alma, representação material necessária, segundo as leis físicas imperantes na Terra, as quais colocaram no sensorio o limite das percepções humanas, que são exíguas em relação ao número ilimitado das vibrações da vida que para elas se conservam inapreensíveis.

É pois o corpo espiritual a alma fisiológica, assimilando a matéria ao seu molde, à sua estrutura, a fim de materializar-se no mundo palpável.

Sem ele a fecundação constaria de uma composição amorfa e todas as manifestações inteligentes e sábias da natureza, que para nós devem significar a expressão da vontade divina, constituiriam uma série de fatos irregulares e incompreensíveis, sem objetivo determinado.

Todas as faculdades organizadoras provêm do espírito.

A EVOLUÇÃO INFINITA

E como se tem operado a evolução do corpo espiritual?

Remontai ao caos telúrico do vosso globo, nas épocas primárias. Cessadas as perturbações geológicas, estabelecido o repouso em algumas grandes extensões de matéria resfriada, eis -que, entre as forças cósmicas associadas, aparece o primeiro rudimento de vida organizada — o protoplasma; eis que os séculos se escoam... eis as amibas, os zoofitos, os seres monstruosos das profundidades submarinas... Recapitulemos os milênios passados e acharemos a nossa própria história: a individualidade, o nosso ego constitui o maior triunfo. E chegados ao raciocínio e sentimento da humanidade, através de vidas invulneráveis, teremos atingido o sentido da nossa evolução anímica? Não. Se nos achamos acima dos nossos semelhantes inferiores, os irracionais, acima de nós se encontram os seres superiores da espiritualidade que se hierarquizam ao infinito e cuja perfeição nos compete alcançar.

— Emmanuel"

É essa uma das mais recentes mensagens psicografadas por Chico Xavier.

Capítulo XX

CHICO XAVIER RESPONDE A TRÊS DELICADAS PERGUNTAS DE UM ESTUDIOSO EM ASSUNTOS FINANCEIROS

Pedro Leopoldo, 18 — (Especial para *O Globo*, por Clementino de Alencar)⁴⁸ — Enquanto aguardamos a próxima sessão dos irmãos Xavier, enviaremos uma ou duas das demonstrações mais notáveis que nos vão chegando às mãos, da mediunidade de Chico Xavier.

Hoje, ocupar-nos-emos da seguinte: o sr. Francisco Teixeira da Costa, gerente do Banco Agrícola em Sete Lagoas, visita, de quando em quando, em Pedro Leopoldo, parentes e amigos que aqui possui.

⁴⁸ Jornal O Povo – 22 de julho 1935

Em uma dessas vezes, o sr. Teixeira da Costa, por meio das palestras, teve a atenção chamada para o caso Chico Xavier.

Estudioso de assuntos econômicos e financeiros, aquele senhor, com a mesma intenção de teste que observamos em outros detalhes de nossa reportagem, mostrou o desejo de fazer ao jovem médium uma consulta relativa aos problemas que o preocupavam.

A ECONOMIA DIRIGIDA É UM ERRO? ETC...

Posto em contato com Chico Xavier, o sr. Teixeira da Costa, já à noite, deixou-lhe em mãos as três proposições seguintes:

- I — Dado o aumento da população mundial e a escassez do ouro necessário à circulação, a socialização do sistema monetário, tendo por base certa percentagem da exportação de cada país, conseguiria, pela emissão naquela base, regular o fenômeno da troca?
- II — Atendendo-se a que, na vida econômica, interessando a produção a três classes — Estado, Capital e Trabalho — em favor destas pode ser regulada a circulação, auferindo-se certa porcentagem na base do valor da produção exportável, emissão que será regulada pela estatística, a fim de aumentar ou diminuir automaticamente o regime da circulação, evitando-se inflação ou escassez de numerário?
- III— A economia dirigida é um erro científico que embaraça o progresso econômico dos povos?

NÃO É APENAS O OURO A ALMA DA EMISSÃO

Chico Xavier acolheu as perguntas e prometeu que, nessa mesma noite, recolhendo-se à casa, consultaria a respeito os seus amigos e protetores do Astral.

Dito e feito.

As respostas foram conseguidas nessa noite: e, na manhã seguinte, o senhor Teixeira da Costa as recebia, em Sete Lagoas, para onde se retirara, logo após haver entregue ao médium as suas indagações.

Conseguimos do aludido banqueiro a vista do original dessa comunicação para dela tirarmos uma cópia.

Eis as respostas dadas às proposições do sr. Teixeira da Costa, acima citadas, pelo médium de Pedro Leopoldo, "double" do caixeirinho bisinho e simplório, que, na sua atividade normal, não saberia certamente resolver os problemas da prosperidade nem da venda modesta de "seu" Zé Felizado:

Para a primeira proposição: "Dado o aumento da população mundial e a escassez de ouro, etc...", a resposta foi esta:

"A escassez do ouro necessário à circulação é manifesta em todos os mercados internacionais; porém, não apenas o ouro é a alma da emissão.

A produção de cada país equívale a esse ouro, produção que significa, em seus valores intrínsecos, o lastro regulador dos fenômenos da fazenda nacional e o qual circula nas veias do comércio como elemento responsável das expressões fiduciárias; e "a socialização do sistema monetário, tendo por base a percentagem da exportação dos produtos de cada país, conseguirá, pela emissão nessa base, regular todos fenômenos da troca", desaparecendo integralmente o problema do aumento da população mundial, porquanto as condições climatológicas mantenedoras das condições de habitabilidade do planeta estão completamente alheias às cláusulas e cogitações dos economistas e sociólogos em geral."

UMA QUESTÃO DE POLÍTICA ADMINISTRATIVA

A segunda proposição "Atendendo-se a que, na vida econômica, interessando a produção a três classes — Estado, Capital e Trabalho — em favor destas pode ser regulada a circulação, etc...", teve a seguinte resposta:

"A circulação poderá ser perfeitamente regulada, emitindo-se certa percentagem na base do valor da produção exportável, 'evitando-se inflação ou escassez de numerário', em benefício das três classes, quando a socialização dos seus interesses for concentrada em uma só finalidade que significa o seu bem-estar.

Essa questão, porém, está afeita à política administrativa, a qual, infelizmente, só agora se vem convencendo da necessidade do espírito de cooperação, desviando-se das criações endógenas e da pseudo onisciência legislativa dos parlamentares.

Quando a mentalidade geral amadurecer para a compreensão dos fenômenos econômicos, a emissão será regulada de maneira a se aumentar ou diminuir automaticamente o regime da circulação, porque o Capital deixará de ser a caixa forte de emolumentos que tem representado; o Trabalho desenvolverá a sua atividade produtora sob a esclarecida influência da técnica profissional, que operará a especificação dos valores individuais, e o Estado se experimentará fortalecido com uma nova ética política, a qual, com o espírito de colaboração, solucionará satisfatória e devidamente todas as questões de ordem administrativa."

A ECONOMIA DIRIGIDA NÃO É UM ERRO

Por fim, a terceira indagação: "A economia dirigida é um erro científico que embaraça o progresso econômico dos povos?"

A resposta veio assim:

"A economia dirigida não é um erro. Todos os obstáculos à normalidade da vida econômica dos povos são oriundos da ausência de senso administrativo dos governos, que enveredam pelo terreno da política facciosa, prevalecendo as diretrizes pessoais de personalidades ou grupos em evidência. Frequentemente, a economia está confiada a mentes que não especializam os seus conhecimentos a seu respeito e cujos programas de ação constituem singularíssimos fenômenos teratológicos no campo da fazenda pública, os quais medram entre as coletividades ao bafejo de inqualificáveis protecionismos.

É tempo da competência administrativa recrutar entre os abalizados técnicos do assunto os conselhos da economia nacional que funcionarão como forças reguladoras dos seus fenômenos, solucionando todos os problemas financeiros relativos à produção, repartição e consumo. Esses conselhos que devem ser constituídos por técnicos especialistas na economia política, não desprezando os benefícios que promanam do espírito cooperativista, ouvirão a voz das classes trabalhadoras e produtoras em geral, sondarão as necessidades de cada uma, veiculando as suas proposições e defendendo os seus interesses nos parlamentos legislativos, investindo a política na posse da emetropia administrativa que frequentemente lhe falta.

Faz-se mister que as classes se organizem, representando-se perante as administrações por intermédio dos seus expoentes mais dignos, porque o governo nunca confabulou com os indivíduos e sim com as classes, as quais devem sobrepor às arbitrariedades das facções a opinião dos interesses gerais, generalizando-se assim o regime da consulta e do inquérito.

Quando a economia for dirigida por esse corpo de mentalidades proficientes e conscienciosas, que deverão permanecer alheias aos concihábulos de individualidades que transformam às vezes os recintos parlamentares em verdadeiros palcos de teatro jurídico onde se exibem os profissionais da palavra, constatar-se-á que a economia deve ser dirigida com superioridade, eqüivalendo essa direção, que já se encontra rudimentarmente em atividade na Europa moderna, por um índice de novo ciclo de educação política, o qual traz em si a mais profunda significação histórica."

OLIVEIRA MARTINS

Todas as respostas foram assinadas por "Joaquim Pedro d'Oliveira Martins",⁴⁹ um nome que ficou na história da cultura portuguesa.

⁴⁹ Joaquim Pedro d'Oliveira Martins (1845-1894) foi o grande historiador da pátria portuguesa, autor da História da Civilização Ibérica e O Helenismo e a Civilização Cristã. Grande estudioso de assuntos econômicos, escreveu A Circulação Fiduciária, obra premiada pela Academia. Foi deputado, Ministro da Fazenda e membro da Academia de Ciências de Lisboa

"A SÍNTESE É A ALMA DA VERDADE"

Ao pé das respostas acima, o médium grafou esta nota: "Perguntei ao espírito se não desejava escrever mais, com respeito ao assunto, respondendo-me o seguinte:

A síntese é a alma da verdade. Prolixidade não significa lógica.

Em buscando replicar às questões formuladas, o nosso objeto é apenas integrar o homem no conhecimento das suas possibilidades próprias, poquanto a chave da solução de todos os problemas que interessam ao progresso humano, o "quid" da realização dos seus superiores idealismos reside nas mãos da humanidade mesma.

Oferecermo-la daqui seria derogarmos o valor da iniciativa pessoal e nem isso poderíamos realizar, porque também estamos a caminho da verdade infinita, na estrada ascensional da evolução, interessando-nos outrossim problemas que condizem com a nossa existência espiritual. Sugerimos apenas em razão das nossas experiências passadas.

O homem não aguarde, porém, dos elementos estranhos ao seu meio ambiente a decifração das suas questões, devendo apenas buscar fora de seu meio a força impulsiva dos ideais realizadores.

A lei suprema que abrange a universalidade dos seres é a do arbítrio independente. Obrigar individualidades e organizações a determinadas normas de conduta seria a escravização injustificável e podeis observar, mesmo em vosso mundo, como a liberdade caminha dia-a-dia para concepções mais avançadas.

Para a Causa geradora da vida não existe força compulsória; há ordem. Não há confusão de autoridade ou poder; existe sinarquia.

Todos os fenômenos, em geral, são dirigidos por atividade mística, inacessível aos vossos juízos transitórios.

Fugindo dos temas temporários da política, o homem necessita conver-se de que a única coisa real da vida é a sua alma. Tudo o mais que o rodeia reveste-se de caráter de transitoriedade.

O espírito encarnado atualmente é um estudante longe dos seus penates.

Todavia, a escola evoluirá com ele, transformando-se no decorrer dos tempos em berço de mestres ilustres aptos a lecionar nos educandános do porvir.

O homem conhecerá Deus, conhecendo-se, porquanto pode assimilar e adaptar a vida, mas não pode criá-la; pode, cientificamente, alcançar ápices inimagináveis;⁵⁰ porém, somente no papel de examinador de tudo quanto está criado, sondando efeitos e descobrindo leis que se conservavam desconhecidas.

⁵⁰ Vaticínio impressionante das conquistas científicas!

A causa dessas leis produtoras de variados fenômenos para ele se encontra sempre obscura e alheia aos seus métodos objetivos de investigação.

Até hoje, somente a fé, baseada na razão, tem podido, na sua extraordinária capacidade de ressonância, corresponder-se com os planos espirituais, através da sintonia de vibrações psíquicas; porém, pouco a pouco, a ciência humana coroará a sua obra com o conhecimento dessa Causa que é Deus. — Joaquim Pedro d'Oliveira Martins"

Capítulo XXI

HOMENS DE CIÊNCIA E CURIOSOS EM GRANDE ROMARIA A PEDRO LEOPOLDO!

Pedro Leopoldo, 22 — (Especial para *O Globo*, por Clementino de Alencar)⁵¹ — Inegavelmente, as sessões espíritas realizadas pelos irmãos Xavier estão se tornando verdadeiros acontecimentos, cuja repercussão atrai até gente do Rio. E a manter-se na mesma proporção até agora observada o aumento de assistentes para cada nova reunião, é evidente que, em breve, não poderá mais a casinha da rua dr. Neiva conter, de forma alguma, a afluência dos que, locais ou vindos de fora, procuram assistir ao sensacional transe semanal do médium de Pedro Leopoldo.

Hoje, por exemplo, as anotações que tomamos, antes de se iniciar a sessão, acusam, no que se refere a presenças: pessoas vindas do Rio, entre as quais o sr. Arédio de Sousa, conhecido negociante, homem viajado e de cultura geral; vindas de Belo Horizonte, entre várias outras, o dr. Melo Teixeira, professor de psiquiatria da Faculdade de Medicina da capital mineira; os srs. Francisco e Carlos Goulart, engenheiros; André Aguiral, procurador de partes; Costa Carvalho Filho, advogado; Raul Heriot e Ovídio Corrêa; e de Pedro Leopoldo, os srs. Amando Belizário, negociante e proprietário; Henrique Guatimozim, Manuel Melo Viana, escrivão municipal; srs. Cristiano Otoni, Maurício Azevedo, Jorge Frederico Laum, Ernesto Carneiro Santiago Júnior, Irineu Araújo, Fausto Joviano, os quatro últimos da Fazenda Experimental do Ministério da Agricultura, além de numerosas outras pessoas.

Na sua maioria, não são, os presentes, espíritas declarados: apenas estudiosos, ou amigos do médium, ou simples descrentes e curiosos da estirpe de Tome — o santo.

⁵¹ *Jornal O Povo* — 24 de julho de 1935.

PERGUNTAS...

Já ao cair da noite, sentado na varanda do Hotel Diniz, o repórter medita. E, na expectativa da reunião próxima, daquele novo momento de contato rápido e impressionante com o mistério — vulgaridade para um dia futuro? — ele insiste, presunçoso, em abstrair de si mesmo, para que, pela víscera de seus olhos, fique apenas a espiar, despersonalizado, o observador frio. Essa mesma presunção, entretanto, trai a pobre argila que palpita sob a rede de nervos estendida do recinto arcano do espírito até a porta aberta dos sentidos. E, insidiosamente, vem também postar-se, sob a víscera aberta, a alma curiosa...

Sim, dizemos "alma", porque, francamente, no panorama da nossa vida orgânica, não percebíamos uma só exigência que nos convidasse àquela cisma absorvente, serena e sem o limite de uma referência palpável - como a noite que vinha caindo.

Acaso seriam as preocupações da nossa vida vegetativa que — no esquecimento momentâneo do ambiente onde há um ruído de talheres e um aroma de tangerinas — chamavam assim, à tona dos nossos pensamentos, a dúvida de Hamlet e as inquietações de Manfredo?

A verdade é que o ruído dos talheres não interessa, nem nos seduz o convite daquele aroma de tangerinas doces.

A paisagem se apaga, ao longe, com o fim do crepúsculo. E, ao primeiro "passe" da grande feiticeira que já se vai adornando de lâmpadas e estrelas, a cisma cerra sobre nossos olhos as pálpebras inúteis.

Mas,

My slumbers — if I slumber — are not sleep,

But a continuance of enduring thought

Which then I can resist not: in my heart

The ré is a vigil...

E esse pensamento que vela sobre o torpor das pálpebras caídas, teima em debruçar-se sobre um abismo de reticências.

"Morrer, dormir, talvez sonhar ..."

Quem sabe ?

E dessa nasce um mundo de perguntas outras.

O locutório do Além vai de novo abrir-se para nós ... Tentemos ...

O redemoinho das nossas indagações estaca, porém, e desfaz-se ao som claro de uma voz da realidade.

A ALMA DO CRISTAL

Ao nosso lado está agora um jovem advogado de Belo Horizonte. É o sr. Costa Carvalho Filho. Depois, vêm outras pessoas que pouco depois veríamos entre os assistentes, na casa de José Cândido.

Discute-se então uma pergunta que o advogado deseja fazer ao médium, mas que:

— Oh! A isso ele não poderá responder. É assunto muito complexo, vasto. Será possível que esse rapazinho...

— Mas não é ele, são os espíritos, será Emmanuel, observa um entusiasta de Chico Xavier.

O sr. Costa Carvalho Filho, porém, hesita. Não quer parecer exagerado. E a propósito do tema que o preocupa e do qual queria tirar uma pergunta destinada ao médium, relembra:

— De acordo com a teoria de Darwin, corroborada pelas idéias de Haeckel, fiz ver, num trabalho publicado há cerca de dois anos, a gradação das qualidades psíquicas, por nuances imperceptíveis, do homem ao cristal.

No homem quis ver a cúpula psíquica do nosso conhecimento; no cristal, o gérmen da nossa alma.

Relembrando aí a constante que, segundo indica a cristalografia, se observa nas diversas formas geométricas assumidas pelos cristais, dentro de uma espécie de lei de hereditariedade, o sr. Costa Carvalho indica-nos o ponto de onde nascera sua indagação:

— Observando-se que os nossos conhecimentos, não descendo embora à intimidade dos fenômenos, deixam, todavia, ver a identidade do fenômeno "memória anímica" e "memória cristalográfica", eu gostaria de, através de uma pergunta ao médium, chegar até àquela intimidade. Parece-me, porém, que seria um exagero, tal indagação.

Mas, exatamente por parecer um exagero, é que os admiradores do médium incitam o advogado a levar-lhe a sua consulta.

O sr. Costa Carvalho cede, afinal, e grafa, ao alto de uma folha em branco, uma longa pergunta que ninguém pôde ler no momento. Só pouco depois, na ocasião, foi ela assim anunciada:

"A idéia que preside à orientação das gêmulas na formação do embrião animal é da mesma natureza da que preside à formação dos embriões vegetais e dos cristais?"

NA ESPERANÇA DE QUE HUMBERTO VENHA

Em vista da intenção do dr. Costa Carvalho, deixamos ao jovem advogado a iniciativa das perguntas complexas. Quanto a nós, comparecíamos à sessão com algumas indagações singelas grafadas na esperança de que Humberto de Campos atendesse ao apelo que lhe iríamos fazer no sentido, por exemplo, de saber se, no Além, dentro da nova lei que rege a vida espiritual, nos altos planos intangíveis para onde se recolhem as almas desencarnadas, estaria ele agora satisfeito com o sentido que assumira, na terra, sua obra literária, tão variada e vasta, mas sempre também tão humana e sentida.

Contudo, a intenção dos testes continuava acesa em nós.

E foi assim que, ao entrarmos na sala da sessão, repleta, não resistimos ao desejo de traçar, ao alto de mais uma folha, esta indagação destinada, mentalmente, a Emmanuel:

Kann ein Geist einen lebendigen Freund besuchen?

Capítulo XXII

SE O BEM VEM DE DEUS, DE ONDE PROVÉM O MAL?

Nova sessão espírita e novas perguntas respondidas
pelo médium

Pedro Leopoldo, 23 — (Especial para *O Globo*, por Clementino de Alencar)⁵² — Desde que penetramos no pequeno aposento onde se realizam as reuniões, sentimos que o ambiente é pouco propício a uma rigorosa concentração.

A mesa acaba de instalar-se. A "corrente" é quase a mesma da vez passada. Apenas, no lugar que fora ocupado, na sessão anterior, pelo coronel Anísio Fróes, está agora o senhor Raul Henriot. E em redor, os assistentes numerosos sucedem-se em fileiras cerradas, sentados, em pé ou, os mais recuados, trepados em cadeiras.

À hora de costume, a sessão inicia-se da forma já por nós descrita. Unicamente desta vez, as perguntas não foram lidas por José Cândido durante a oração de abertura dos trabalhos. Ele as reuniu simplesmente diante do médium. Sob esse aspecto, a sessão é, pode-se dizer, quase que dedicada ao grande público: a não ser a indagação do médico, a nossa, em alemão, e as que reservamos para a possibilidade de Humberto "descer", todas as demais perguntas a que o médium terá de atender constam da correspondência aqui chegada. Assim, estão ali invocações ao espírito Euclides da Cunha, indagações sobre o que conterà um envelope lacrado por pessoas idôneas e devidamente guardado fora do alcance de todas as mãos e olhares, em Belo Horizonte, além de outras perguntas.

INICIA-SE O "TRANSE"

Finda a oração de abertura e após um momento de concentração tão profunda quanto possível, iniciam-se o transe e a corrida do lápis sobre o papel. A maioria dos assistentes não esconde sua curiosidade e o interesse de ver como se desenrola a atividade do médium naquele delicado instante.

E é sob cerca de trinta olhares atentos que a mão veloz vai psicografando respostas e mensagens espontâneas do Além.

A ORIENTAÇÃO DAS GÊMLILAS NA FORMAÇÃO DOS EMBRIÕES

A primeira pergunta a ser respondida foi exatamente a do sr. Costa Carvalho Filho:

⁵² *Jornal O Povo* — 25 de julho de 1935

— "A idéia que preside a orientação das gêmulas na formação do embrião animal é da mesma natureza da que preside a formação dos embriões vegetais e dos cristais?"

Eis a resposta:

"— A teoria darwiniana das gêmulas constitui uma regra geral em todo o portentoso drama da evolução anímica.

No reino mineral, vegetal, animal, incluindo-se o hominal, encontramos-a sempre representando os corpúsculos infinitésimos, operários perfeitos da hereditariedade. O assunto, porém, é por demais transcendente para que possamos resumi-lo nas duas linhas de uma resposta — Emmanuel".

Mais tarde, o sr. Costa Carvalho fez-nos ver que, na ordem da citação "mineral, vegetal e animal", a resposta segue estritamente o método científico na apreciação de tais fenômenos, aliás obedecendo à própria ordem natural.

DE ONDE PROVÉM O MAL?

Outra pergunta:

"Se o bem provém de Deus, de onde provém o mal?"

O lápis do médium assim grafou a resposta:

— "O mal em hipótese alguma pode provir de Deus, personificação do Amor supremo e da suprema bondade. E necessário que se encare com justiça o conceito de Deus, evitando-se encará-lo como o monarca do céu que as religiões criaram com suas absurdas afirmativas. O mal, já o disse um profundo pensador, é o bem interpretado imperfeitamente. Está para o bem como a noite está para o dia. Ele representa uma questão de julgamento imperfeito dos homens; contudo, para discutir tão transcendente problema, o qual já ensandeceu muito cérebro de teólogo consumado, é preciso tempo, ficando, portanto, essa tarefa para uma oportunidade mais de acordo com a necessidade do momento.

— Emmanuel"

A HORA DA MORTE

Cai, a seguir, sob o lápis do médium, uma folha com esta pergunta:

— "A hora da morte obedece a uma lei ou é acidental?"

Eis a resposta dada:

— "A morte, em geral, ocorre sempre no instante determinado. Há, todavia, exceções e essas se verificam segundo o livrearbítrio do homem. A liberdade individual está, pois, acima de todas as circunstâncias e, daí, se depreende a necessidade da educação da vontade e disciplina de emoções de cada um.

— Emmanuel"

A MENSAGEM INACABADA

Finda essa resposta, há como que uma ligeira interrupção no transe. O presidente da mesa pede maior concentração e, por fim, o lápis volta a grafar. Não é, porém, uma resposta: é uma comunicação espontânea que diz assim:

— "Amigos, assistis, nesses tempos da civilização contemporânea, em seu auge de esplendor, ao mal-entendido secular que vem se verificando entre a ciência e a religião. Esta última, com a falência das suas instituições, recolheu-se na sua ousadia dogmática, enquanto a ciência guardou-se nos absurdos da negação. A religião, para Schleimacher, significa o sentimento absoluto da nossa dependência; para Kant, representa a base de nossos deveres; todavia, o princípio religioso é a tendência de toda a criatura para a idéia de Deus e para a grandeza da sua imortalidade. A ciência não pode conceber o pensamento sem o cérebro e a vida fora da matéria organizada. Entre uma e outra vem se estabelecendo o conflito que apenas os séculos de estudo, de indagação e de análise poderão desfazer. Esse trabalho começa a se efetivar com os processos novos inaugurados dentro do positivismo, mas, infelizmente, a alma ainda não pode ser encontrada dentro da indagação fria. A metapsíquica é ainda uma ciência infusa, não obstante o valor intelectual dos seus mestres e expositores. Nos tempos que passam, Deus ainda deve ser buscado com a sinceridade do coração acima do escalpelo indagador. Não podemos, pois, pedir à fisiologia que nos ouça, que nos reconheça. Apenas convidamo-la ao estudo, cujos resultados constituirão uma série de benefícios para a coletividade sofredora..."

A essa altura, o lápis pára, hesitante. Sente-se que ele quer continuar, mas lhe falta o impulso.

Terão a curiosidade e a aglomeração prejudicado a concentração?

José Cândido tenta restabelecer esta, mas inutilmente. Evidentemente, o transe sofreu nova interrupção, pois José resolve falar ao médium.

— Acabou?

Chico Xavier articula vaga e surdamente suas palavras que nos parecem:

— Hein?... Não...

Tenta-se de novo a concentração. O lápis volta a escrever em outra folha; mas não mais aquela mensagem. Notamos que são respostas.

Capítulo XXIII

A CIÊNCIA DOS ESPÍRITOS É A NOSSA CIÊNCIA

**Emmanuel deixa de responder a uma pergunta em Alemão
Nem Euclides nem Humberto de Campos
atenderam ao chamado
Mais um soneto de Augusto dos Anjos
Uma série de questões em inglês**

Pedro Leopoldo, 23 — (Especial para *O Globo*, por Clementino de Alencar)⁵³ — Continuação — Reforçada, pois, a concentração, volta o lápis a correr sobre o papel. Não retoma, porém, a mensagem interrompida.

Quando, mais tarde, finda a sessão, recolhíamos a produção psicografada durante a mesma, pedimos a Chico Xavier que conservasse em seu poder, ainda durante algumas horas, a "mensagem inacabada", na expectativa de que o "espírito", o Amigo do Espaço que a iniciara, voltasse para concluí-la.

Isso, porém, não se deu; e, no dia seguinte, Chico no-la entregava, assim como ficara ela na véspera: interrompida. Tal como, na terra, emudece o rádio porque, ao longe, numa paragem que não saberíamos fixar, passa, imprevista, a tempestade...

O ENVELOPE LACRADO

Voltemos, porém, à sessão. Emmanuel cuida de atender às indagações que restam sobre a mesa.

Surge o caso do envelope lacrado e guardado em mãos de pessoas idôneas, na capital mineira

Escreve a mão do médium:

"Quanto ao consulente de Belo Horizonte, o qual apresenta um envelope fechado contendo um jogo de palavras que, segundo diz ele, representa uma heresia, dispenso-me de semelhante tarefa. A experiência é viável dentro da moderna psicomетria; porém, o Xavier não possui faculdade para operar prodígio".

Acha ainda Emmanuel que o consulente se deve dirigir a um estudante de telepatia.

⁵³ . *Jornal O Povo* — 26 de julho de 1935

AS INVOCAÇÕES E O PERIGO DA AUTO-SUGESTÃO

A invocação ao espírito de Euclides da Cunha não surtiu efeito; o estilista dos *Sertões* não desceu para dar àquele "rebanho de humildes sofreadores" um sinal de sua existência e de seus pensamentos do Além.

A esse respeito responde o "guia" Emmanuel pela afirmação da existência, no Além, de uma liberdade espiritual: "*os desencarnados não ficam à disposição do chamado dos vivos*".

"Torna-se preciso esclarecer — observa Emmanuel — a importância que assume tal chamado no mundo espiritual, onde não nos encontramos à revelia de leis que regulem os nossos mínimos atos. Também na evocação individual existem os perigos da auto-sugestão..."

Segundo nos disseram pouco depois alguns, dentre os presentes, iniciados na doutrina, essa auto-sugestão precisa ser evitada no médium e pode ocorrer quando esse busque o transe levando na mente alguma invocação.

“NÃO CONHEÇO ESSE IDIOMA”

Conforme dissemos em correspondência anterior, ao entrarmos na casa de José Cândido, para a sessão do dia 22, grafamos, em alemão, uma pergunta que pouco depois se ia reunir às outras já amontoadas diante do médium.

Fora a lembrança do caso de Mme. Piper, citado pelo juiz Edmonds, depois presidente do Senado Norte-Americano, que despertara em nós a intenção daquele teste.

Mme. Piper não conhecia o grego. O espírito de George Pelham que ela encarnou, certa vez traduzira, entretanto, uma frase em grego que fora apresentada pelo professor Newbond.

George Pelham conhecia o grego. Infelizmente, Emmanuel não sabe alemão. Foi, pelo menos, o que ele disse ao pé da nossa pergunta:

"Não compreendo pergunta que, a meus olhos, está constituída como de traços de um hieróglifo, em virtude da minha ignorância a respeito daquilo que traduzem.

Na minha condição de desencarnado, ainda não atingi à onisciência".

A CIÊNCIA DELES É A NOSSA

Ainda a esse respeito procuramos ouvir, depois da sessão, a opinião de iniciados na doutrina e estes nos observaram:

— A resposta de Emmanuel parece-nos lógica.

Se, em sua existência terrena, ele não conhecia o alemão, não poderá ter aprendido esse idioma no Além. É provável que lá não haja aulas de alemão. Aliás, do conjunto das nossas comunicações com os desencarnados, ressalta isto: no que se refere aos conhecimentos e questões que preocupam aos encarnados, aos chamados "vivos", a ciência dos espíritos estaca no ponto em que se acha a nossa, em seu puro exclusivismo terreno. O aperfei-

çoamento deles, no Além, verifica-se nos altos planos da evolução e da purificação espiritual. Apenas se, às vezes, usando desses conhecimentos terrenos, eles não podem dar conselhos e diretrizes mais esclarecidos do que quando "vivos", isso se deve atribuir à sua nova condição de libertos das pesadas contingências terrenas.

O ÚNICO "FANTASMA" DENTRO DO UNIVERSO

Dadas as respostas acima, o médium entra a grafar versos. São sonetos, entre os quais este de Augusto dos Anjos:

Há no Universo um estranho dinamismo,
Na grandeza de todos os cenários.
Nos aspectos dos orbes multifários.
Cantando o hino triunfal do transformismo.
E o sagrado e divino esoterismo
Dos sublimes anseios unitários,
Que tem do macrocosmo aos protozoários
E une o céu ao minúsculo organismo!
Tudo é beleza, da Beleza Ignota,
Seguindo a mesma estrada, a mesma rota
Da Luz, fulgor de Deus no éter disperso!
E o homem, só, no seu dia miserando,
Solta o "ai" doloroso e formidando
De um fantasma gemendo no Universo!

Depois desse, são grafados versos de Hermes Fontes e ainda algumas palavras de Emmanuel sobre o enorme dispêndio de forças neuropsíquicas a que é obrigado o médium para chegar ao fenômeno do transe, assim em sessões públicas e muito concorridas, o que torna difícil a manutenção da "corrente".

HUMBERTO, AINDA DESTA VEZ, NÃO COMPARECEU

Como se vê, Humberto, ainda dessa vez, não compareceu. A esse respeito ouvimos do médium algumas declarações que enviaremos depois, juntamente com impressões colhidas junto ao professor Melo Teixeira e outras pessoas presentes à sessão.

TENTEMOS O INGLÊS

Agora voltemos ainda à pergunta em alemão.

Emmanuel não conhece esse idioma. Ocorreu-nos, porém, esta manhã, a lembrança das mensagens em inglês, assinadas pela espírito protetor do médium.

Pouco depois, passamos pela venda de "seu" Zé Felizardo e, sem manifestarmos todo o nosso intento, pedimos para hoje, à noite, uma ligeira entrevista com Chico Xavier em sua casa.

Ele atendeu-nos prontamente. Estará à nossa disposição, às 21 horas.

— Poderemos obter então uma comunicação com Emmanuel? — indagamos ainda.

E ele:

— É provável que sim. Venha, e a gente tentará...

Assim, daqui a pouco, quando chegar a noite, iremos apresentar a Emmanuel uma série de indagações em inglês.

Capítulo XXIV

NÃO SE PODE NEGAR.

ESTAMOS DIANTE DE UM FENÔMENO

LÍDIMO, VISTO, PRESENCIADO

Fala ao *O Globo* um professor da Universidade de Belo Horizonte

Pedro Leopoldo, 23 — (Especial para *O Globo*, por Clementino de Alencar)⁵⁴ — Antes de prosseguirmos na focalização de fatos novos, queremos reservar aqui espaço para o registro de algumas impressões, colhidas logo após a sessão de ontem, à noite.

De uma forma geral, a reunião e seus resultados agradaram a todos. Há mesmo os que, sem serem nem inimigos nem amigos do Espiritismo, mas simples curiosos ou estudiosos de fenômenos como o em apreço, confessam a desconfiança que os trouxera à reunião e também o desejo de não admitir ou negar apenas de outiva. Queriam "ver". Viram. E não percebemos de quem quer que fosse uma palavra de restrição à sinceridade e honestidade do médium. Pelo contrário, mostravam-se todos otimamente impressionados com a maneira simples, espontânea e precisa como se desenvolveram os trabalhos.

Aliás, conforme temos observado mais de uma vez, Chico Xavier não costuma adotar subterfúgios em face das questões e consultas que lhe são apresentadas. Vai direta e resolutamente ao encontro das perguntas.

⁵⁴ *Jornal O Povo* — 29 de julho de 1935

Diante de tudo isso, sente-se o repórter no dever de anotar, já agora, aqui, esta impressão: torna-se cada vez mais remota a idéia de fraude grosseira que tenha porventura surgido com as primeiras notícias relativas ao jovem médium de Pedro Leopoldo.

O OBSERVADOR TENAZ

Um dos observadores mais pertinazes que teve Chico Xavier, durante a sessão, e um também dos mais esclarecidos, foi, sem dúvida, o dr. Melo Teixeira. O distinto mestre de Psiquiatria da Universidade de Belo Horizonte sentara-se próximo ao médium e deste não tirava o olhar atento.

Quando se encerraram os trabalhos, foi ele o primeiro a dirigir-se a Chico Xavier, indagando sobre as sensações que esse acaso guardasse do transe.

Chico refere-se ao torpor característico de que já nos havia falado e cita ainda a sensação vaga de um círculo de ferro que lhe envolvesse a cabeça. Às vezes, também, parece que as idéias lhe escorrem quentes pela mente.

Pergunta-lhe ainda o professor Melo Teixeira se ele tivera alguma sensação de tato ou de impulso estranho, a lhe conduzir a mão sobre o papel.

Chico Xavier diz que não: apenas julga ter percebido, de sua mão, no transe, mas muito vagamente, uma tênue irradiação. Quanto à vidência, nenhuma.

"É UM FENÔMENO LÍDIMO"

Deixando, logo a seguir, a sala da sessão, o professor Melo Teixeira dirigiu-se, em visita de amizade, à residência do sr. Zoroastro Passos.

Aí fomos pouco depois procurá-lo e colher suas impressões.

— "Não se pode negar: estamos diante dum fenômeno lídimo, visto, presenciado — diz-nos o professor patrício. Haverá, naturalmente, os que acusam esse rapaz de fabricar pastiches. É uma hipótese para observador distante e superficial, mas não para os que presenciarem e se inteirem, como o fizemos hoje, do fenômeno."

Discorrendo sobre a citada hipótese, o dr. Melo Teixeira admite a possibilidade de se imitar um estilo. Acha, porém, inadmissível, incrível, que se possa imitar, simultaneamente, vários estilos e, mais do que isso, várias culturas, como no caso de Chico Xavier.

"NÃO HÁ POSSIBILIDADE DE ELABORAÇÃO INDIVIDUAL"

"Assim — prossegue s. s. — sentimo-nos diante de uma força ultranormal. Dadas a variedade de estilos e culturas e as circunstâncias em que vimos o médium grafar os trabalhos e considerada ainda a sua pouca instrução, sente-se que não há possibilidade de elaboração individual, no caso."

QUANTO MENOS SE CREIA, MAIS SENSACIONAL É O CASO

Em outra roda de assistentes colhemos também impressões e opiniões que resumiremos nisto:

Evidenciado o fenômeno, temos que: para os espíritas, que vêem sob um ponto de vista dogmático, tudo é muito natural, não surpreende. Mas, para os não-espíritas, os que não admitem o dogma da comunicação com os mortos, então é que o caso tem de se apresentar surpreendente. Sendo o determinismo do fenômeno desconhecido para o descrente, quanto menos se creia, mais sensacional o caso se torna...

UM ESCLARECIMENTO SOBRE PERASSO⁵⁵

Foi ainda ao fim dessa reunião que José Cândido nos pediu que fizéssemos público um esclarecimento sobre Perasso, ao que prontamente aqui atendemos.

Em nossa reportagem de 4 do corrente mês, na qual contamos um pouco da história de Chico Xavier, há uma passagem, a da doença da irmã do médium, em que aparece um senhor de nome Perasso, chamado às pressas para, com exorcismos, curar a moça, visto que o tratamento médico não dera resultados imediatos. Dada a maneira como nos fora narrado o aparecimento de Perasso, no episódio, usamos, referindo-nos a ele, a expressão "o feiticeiro".

Eis o esclarecimento que José Cândido nos pede: Perasso não era feiticeiro e sim um espírita fervoroso; e só se dispusera a tentar aquela cura por amizade à família Xavier. Tendo sido uma espécie de pioneiro do Espiritismo na zona de Pedro Leopoldo, vive presentemente em Belo Horizonte, dedicando-se exclusivamente à sua profissão de chofer.

⁵⁵ É o mesmo apresentado como Perasso, o feiticeiro, no Cap.IV, cuja grafia correta é Pé rácio.

Capítulo XXV

O ADEUS COMOVENTE DE HUMBERTO DE CAMPOS AO MÉDIUM HUMILDE DE PEDRO LEOPOLDO

Pedro Leopoldo, 27 — (Especial para *O Globo*, por Clementino de Alencar)⁵⁶ — Sem querer desfazer dos outros aspectos da produção psicografada por Chico Xavier, pareceu-nos, todavia, desde o primeiro momento, que um dos detalhes mais interessantes daquele conjunto de trabalhos captados pelo médium, e talvez o que mais seduziu a curiosidade, a atenção e o gosto do público, foram, sem dúvida, as mensagens de Humberto de Campos.

Esse mesmo público que era dele e numeroso como poucas vezes o terá conquistado um escritor, no Brasil, acostumara-se tanto, através dos últimos anos, ao consumo diário daquele brando pão espiritual que eram suas crônicas e vinha tão pontualmente, saboroso e macio, da seara farta da sua emoção e do seu pensamento, que o imprevisto da sua falta, para o comovido repasto dos que se haviam habituado a escutá-lo, deixara para sempre, na recôndita memória emocional, a mágoa de uma carência tão sentida e sem remédio como resultaria, para o plano físico, à míngua desse outro pão claro e bom que os trigais ofertam, cada manhã, para a fome das nossas bocas.

Uma noite insondável e sem fim descera, de repente, sobre a seara maravilhosa e o trigo dourado e abundante, amadurecido ao sol e ao orvalho daquela grande alma, abatera sob a mesma e pesada sombra que viera apagar para sempre o zumbir das abelhas inquietas e diligentes no coração cheio de mel do cajueiro frondoso...

Depois, os dias passaram e o mal daquela míngua se ia adaptando ao irremediável, quando se deu essa espécie de milagre da revivência, com a voz comovida e amiga que chegava do Além.

Para lá das "grandes sombras invisíveis" julgaram os "vivos" divisar, na imprevisão e no mistério da imaterialidade, a ondulação dourada da seara perdida. Do fundo da memória recôndita e inapagada, a emoção estendeu, de novo, as mãos ansiosas.

E, como o ceifeiro que parte, apressado, em busca do trigo generoso onde palpita a promessa do pão, eis-nos aqui vindos e aqui postados junto ao pórtico do milagre para além do final, de repente, se tornou a ouvir o zumbido das abelhas ativas e inquietas.

⁵⁶ *Jornal O Povo* — 30 de julho de

SILÊNCIO E ESPERA

Infelizmente, o zumbido cessou, de repente também. Humberto não tem mais querido falar para aqueles, tantos e atentos, que acorreram, de novo, a ouvi-lo. As antenas, abertas para o Além, não acusam já o sinal do seu nome.

E, à porta desse silêncio como ao pórtico daquele milagre, vimos quedar-nos, entretanto, porque, em todo o caso, essa mudez do Além deu uma justificativa e deixou uma esperança.

A ÚLTIMA MENSAGEM DE HUMBERTO

Quando, após a nossa ida ao Rio, voltamos a Pedro Leopoldo, Chico Xavier nos mostrou a última mensagem que recebera com o nome de Humberto de Campos.

Psicografara-a na noite de 28 de abril passado.

É essa a mensagem que nos "dizia também respeito", conforme escrevíamos em uma de nossas primeiras mensagens, após o regresso a Pedro Leopoldo. E nela o cronista dos *Párias* nos dava a entender que iria suspender, por algum tempo, as suas mensagens sensacionais, em face da cealuma por elas provocadas e também do assédio da bisbilhotece...

Dava-nos, todavia, a certa altura, a esperança de restabelecer, mais tarde, o fio de suas comunicações com o mundo dos vivos. E foi nessa esperança que insistimos, no decorrer das duas últimas sessões, em apelar para ele, mas inutilmente. Do seu retraimento, o cronista e o prosador da nossa saúde nada quis ceder. Ficou-nos, apenas, para a sensibilidade encantada, mas insatisfeita, a dádiva dessa crônica derradeira, que damos a seguir:

"TRAGO-LHE O MEU ADEUS SEM PROMETER VOLTAR BREVE"

Apreciando, em 1932, o *Parnaso de Além-Túmulo*, que os poetas desencarnados mandaram ao mundo por intermédio de você, chamei a atenção dos estudiosos para a incógnita que o seu caso apresentava. Os estudiosos, certamente, não apareceram. Deixando, porém, o meu corpo, minado por uma hipertrofia renitente, lembrei-me do acontecimento. Julgara eu que os bardos do "Outro Mundo" com a sua originalidade estilar, se comprometiam pela eternidade da produção, no falso pressuposto de que se pudessem identificar por outra forma. Encontrando ensejo para me fazer ouvir, através de suas mãos, escrevi essas crônicas póstumas que o sr. Frederico Figner⁵⁷ transcreveu nas colunas de O Correio da Manhã. Não

⁵⁷ Informa Ary Bezerra Leite em seu livro *Fortaleza e a Era do Cinema: Pesquisa Histórica (1891-1931)* Fortaleza: Secretaria da Cultura, 1995 (pags. 19/20): Frederico Figner, judeu nascido em Milevsko, Boêmia, em 2 de dezembro de 1866, depois emigrando para os EUA. Sua vinda para o Brasil, com entrada pelo porto de Belém, quando tinha 25 anos de idade,

imaginei que o humilde escritor desencarnado estivesse ainda na lembrança de quantos o viram desaparecer. E as minhas palavras provocaram celeuma. Discutiu-se e ainda se discute.

Você foi apresentado como hábil fazedor de pastiches e os noticiaristas vieram averiguar o que havia de verdadeiro em torno do seu nome.

Colheram informes. Conheceram a honestidade da sua vida simples e as dificuldades dos seus dias de pobre. E, por último, quiseram ver como você escrevia a mensagem dos mortos, como uma Remington acionada por dedos invisíveis. Tive pena quando soube que iam conduzi-lo a um teste e recordei-me do primeiro exame a que me sujeitei aí, com o coração batendo forte.

Fiz questão de enviar-lhe algumas palavras, como o homem que fala de longe à sua pátria distante, através das ondas de Hertz, sem saber se os seus conceitos serão reconhecidos pelos patrícios, levando em conta as deficiências do aparelho receptor e os desequilíbrios atmosféricos. Todavia, bem ou mal, consegui falar alguma coisa.

Eu devia essa reparação à doutrina que você sinceramente professa.

Esperariam, talvez, que eu falasse sobre os fabulosos canais de Marte, sobre a natureza de Vênus, descrevendo, como os viajantes de Jules Verne, a orografla da Lua. Julgo, porém, que, por enquanto, me é mais fácil uma discussão sobre o magnetismo de Faraday.

Admiram-se quando enxergaram a sua mão vertiginosa correndo sobre as linhas do papel.

A curiosidade jornalística é agora levantada em torno da sua pessoa. É possível que outros acorram para lhe fazer suas visitas. Mas ouça bem: não me espere como a pitonisa de Endor aguardando a sombra de Samuel para fazer predições a Saul sobre as suas atividades guerreiras. Não sei movimentar as trípodes espíritistas e se procurei falar naquela noite é que o seu nome estava em jogo. Colaborei, assim, na sua defesa. Mas, agora que os curiosos o procuram, na sua ociosidade, busque, no desinteresse, a melhor arma para desarmar os outros. Eu voltarei provavelmente quando o deixarem em paz na sua amargurosa vida.

Não desejo escrever maravilhando a ninguém e tenho necessidade de fugir a tudo que tenho obrigação de esquecer.

seria definitiva. (...) No início do século XX, conheceu a Doutrina Espírita, tornando-se espírita atuante e destacado, figurando na obra de Zeus Wantuil, *Grandes Espíritos do Brasil* (Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, 1969). Foi redator de uma seção de divulgação do Espiritismo no jornal *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro e ocupou vários cargos importantes como tesoureiro e vice-presidente da FEB. Faleceu em 1947 no Rio de Janeiro.

Fique-se, pois, com sua cruz, que é bem pesada, por amor da-quele que acende o lume das estrelas e o lume da esperança nos corações. A mediunidade posta ao serviço do bem é quase a estrada do Gólgota; mas a fé transforma em flores as pedras no caminho. Li aí, certa vez, num conto delicado, que uma mulher, em meio de sofrimentos acerbos, apelara para Deus, a fim de que se modificasse a volumosa cruz da sua existência. Como a filha de Cipião, vira, nos filhos, as jóias preciosas da sua vaidade e do seu amor, mas, como Niobe, vira-os arrebatados no torvelinho da morte, impelidos pela fúria dos deuses. Tudo lhe falhara nas fantasias do amor, do lar e da ventura.

— Senhor, exclama ela, por que me deste uma cruz tão pesada? Arranca dos meus ombros fracos esse insuportável madeiro!

Mas, nas asas brandas do sono, a sua alma de mulher viúva e órfã foi conduzida a um palácio resplandecente. Um anjo do Senhor recebeu-a, no pórtico, com a sua bênção. Uma sala luminosa e imensa lhe foi designada. Toda ela se enchia de cruces. Cruces de todos os feitios.

— Aqui — disse-lhe uma voz suave — guardam-se todas as cruces que as almas encarnadas carregam na face triste do mundo. Cada um desses madeiros traz o nome do seu possuidor. Aten-endo, porém, à tua súplica, ordena Deus que escolhas aqui uma cruz menos pesada do que a tua.

A mulher escolheu, conscienciosamente, aquela cujo peso competia com suas possibilidades, escolhendo-a entre todas.

Mas, apresentando ao Mensageiro Divino a sua preferência, verificou que, na cruz escolhida, se encontrava insculpido o seu próprio nome, reconhecendo a sua importância e rebeldia.

Vai! — disse-lhe o Anjo — com a tua cruz e não descreias. Deus, na Sua misericordiosa justiça, não poderia macerar os teus ombros com um peso superior às tuas forças.

Não se desanime, portanto, na faina em que se encontra, carregando esse fardo penoso que todos os incompreendidos já carregaram. E, agora que os bisbilhoteiros o procuraram, trago-lhe o meu adeus, sem prometer voltar breve.

Que o senhor derrame sobre você a Sua bênção que conforta todos os infortunados e todos os tristes

— Humberto de Campos⁵⁸

"A MOEDA ETERNA"

Ei-la.

Quebrou-se, até quando? — não o saberíamos dizer — o fio milagroso.

⁵⁸ Este texto foi publicado no livro *"Crônicas de Além-Túmulo"*, editado pela Federação Espírita Brasileira, em 1936

Os nossos apelos, malgrado o poder das antenas incomparáveis que os expediram da Terra, perderam-se, decerto, no "sem-rumo" dos planos infinitos e resplandecentes.

Humberto não voltou.

Fá-lo-á um dia?

Quem sabe?

Mas não faz mal. A admiração comovida dos homens manter-se-á, embora, através do teu silêncio, ainda que ele seja longo, ainda que ele não tenha fim.

Como tu mesmo disseste, uma vez, nas tuas crônicas da Terra, sendo essa admiração a única e verdadeira "moeda de ouro do reino" das letras e da imaginação criadora, "essa moeda, às vezes, tem o cunho da Eternidade..."

E, um dia, se tu voltares, ela, por certo, ainda estará circulando, para tua glória e teu consolo.

Capítulo XXVI

BERTHELOT, O FRIO PESQUISADOR DA MATÉRIA, FALA-NOS AGORA DO FILAMENTO IMPONDERÁVEL QUE UNE O VISÍVEL AO INVISÍVEL, O FINITO AO INFINITO!

"Dentro do Psiquismo hodierno desenvolve-se o embrião promissor da Química espiritual que há de trazer a Renovação moral, social e política do Orbe" diz-nos, nas mensagens de Chico Xavier, o criador da termoquímica

Pedro Leopoldo, 29 — (Especial para *O Globo*, por Clementino de Alencar)⁵⁹ — A acentuada palpitação a que, nas últimas semanas, vinha caracterizando as quartas-feiras de Pedro Leopoldo, juntando ao movimento normal da cidade menina, já de si viva e alegre, uma nota nova de ansiosa expectativa, sofreu hoje sua primeira solução de continuidade.

Não se realizou a sessão na residência de José Cândido.

O caso não foi propriamente imprevisto e sua possibilidade se veio esboçando desde a sessão passada, quando "o guia" Emmanuel, referindo-se ao enorme dispêndio, por parte do médium, de forças neuropsíquicas, através de reuniões muito numerosas e repetidos testes durante a semana, apontava a necessidade de se entregar Chico Xavier a, pelo menos, um pequeno período de repouso.

⁵⁹ *Jornal O Povo* — 31 de julho de 1935

Realmente, observamos que o médium nos dois últimos dias, se apresentava um pouco abatido e não seríamos nós que iríamos desviá-lo da sua intenção de ligeiro repouso.

Muita gente, entretanto, não acreditava que a sessão de hoje se deixasse de realizar. Por isso mesmo, fomos um dos que, sem insistência embora, ficamos na expectativa. Mas, pela manhã, Chico Xavier, obedecendo afinal à necessidade de descanso e às recomendações do seu "guia", comunicava-nos que se retiraria por alguns dias, para a chácara de um seu cunhado, situada a poucos minutos daqui.

Convém observar que, além do esforço despendido nas sessões e testes, Chico Xavier experimentava o cansaço físico resultante das vigílias e cuidados outros a que obrigava o estado de saúde de seu patrão e padrinho, José Felizardo.

ALGUMAS VIAGENS PERDIDAS

Em virtude da incerteza em que ficamos, até o último dia, sobre se a reunião se realizaria ou não, também não nos foi possível divulgar com a necessária antecedência o que se verificou: a não-realização.

Por isso, várias foram as pessoas que vieram de fora, para assistila. Assim, aquela palpitação característica das quartas-feiras de Pedro Leopoldo, a que acima nos referimos, sempre se renovou um pouco, ao cair da noite, mas, inutilmente.

BERTHELOT FALA-NOS SOBRE A SOBREVIVÊNCIA DO SER CONSCIENTE

Passada essa hora de palestras mais animadas, e quando os visitantes já se haviam retirado, voltamos ao silêncio do nosso quarto e aí, mais uma vez, debruçamo-nos sobre o "arquivo" do médium, acrescido agora de pequena parte suplementar — um caderno no qual, Chico Xavier começara a copiar uma coletânea de mensagens recebidas de um ano para cá.

Entre estas figura a comunicação de Berthelot⁶⁰ a que já fizemos referência e que nos parece ser das páginas mais notáveis constantes do "arquivo".

Nelas, o grande químico, o rigoroso e frio pesquisador da matéria, o estudioso profundo da formação dos "princípios imediatos", criador quase que exclusivo da termoquímica, lança uma palavra nova e imprevista de crença espiritualista sobre o panorama de sua vida terrena e sua obra de rigorosa e vasta análise racionalista.

⁶⁰ *Pedro Eugênio Marrelino Berthelot (1827-1907), químico francês descobridor do ácido persulfúrico. Foi o idealizador da síntese das composições orgânicas por meio dos corpos elementares e da termoquímica. Publicou mais de 600 memórias disseminadas em diversas coleções científicas.*

"... É COMO QUALQUER HOMEM, TAMBÉM MORRI"

Damos a seguir essa mensagem de Marcelino Berthelot, à qual intercalamos alguns subtítulos para melhor destaque de seus trechos mais interessantes:

"Também vivi no cenário do mundo e sobre ele vulgarizei os meus pensamentos e os meus estudos, como qualquer outra personalidade consciente de si mesma, desobrigando-os dos seus deveres de cooperação e solidariedade, e, como qualquer homem, também morri.

Quando na Terra, esse intróito das minhas palavras, partindo de outrem, feriria decerto as minhas convicções, porquanto implicaria uma afirmativa dogmática e abusiva, excessivamente abstrata em relação aos métodos indutivos das minhas indagações científicas; mas, como todos os recursos da lógica humana se retraem, se nulificam diante dos fenômenos metafísicos em sua maravilhosa incognoscibilidade, pude reconhecer ali mesmo que as ciências positivas abrangem apenas a fração exteriorizável das ciências ideais, em cujo centro reside a energia causai da vitalidade do universo.

INTOXICAÇÃO DE MATERIALISMO

Como efeito das minhas perquirições nos domínios do palpável, o materialismo intoxicou grande parte das minhas obras, porque, baseando-se os meus métodos na exclusão de todas as hipóteses prováveis, para somente admitir as realidades físicas que o racionalismo positivista me oferecia, logicamente não me fora possível aceitar a sobrevivência do ser consciência dentro da doutrina do paralelismo psicofisiológico e não pude prever o estado de infinita radiação da matéria, fora dos fenômenos termoquímicos; contudo, a despeito de todos os preconceitos, havia no fundo do meu espírito a presciência desse novo gênero de vida que me atinge, uma crença vaga, informe, revelada nas proporções das minhas teorias de unidade que envolviam todo um sistema monístico no domínio dos problemas espirituais.

O FILAMENTO IMPONDERÁVEL QUE UNE O INFINITO AO INFINITO

Nunca descobri a conexão entre o Nada e o Pensamento, estudando as mais complicadas sínteses orgânicas, excogitando os enigmas das combinações e decomposições dos corpos, sondando as propriedades da energia e do calor, escrutando todos os fatos de laboratório, e no seio da química em sua generalidade; e desde a matemática elementar às matemáticas puras, no vestígio de todas as ciências que, ligando fatos, coordenam argumentos glorificadores da matéria, apresentando-a como base permanente de todas as expressões e sensações da vida, a lógica intuitiva demonstrava-me o filamento imponderável que une o fmito ao infinito, o visível ao invisível.

E FOI POR ISSO QUE A MINHA FILOSOFIA FOI AMARGA

É certo que a ciência me induziu a desprezar todas as investigações do impalpável, consubstanciado no monumento das causas profundas, evitando os recursos metafísicos, oriundos de pretensas arbitrariedades mateológicas, os quais, ela, na rigorosa análise racionalista, abandonava aos estudos afetos às religiões irmanadas no seu maravilhoso sincretismo; e foi por essa razão que o meu espírito inutilmente se torturou na Terra, entre dúvidas angustiosas, e a minha filosofia foi amarga, tornando-se aí incompreendida.

HESITAÇÕES QUE VALEM COMO PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS DA CRENÇA

Pode-se consagrar a existência aos estudos; porém, dedicando-me inteiramente às minhas lides científicas no labor sagrado da Humanidade, amei, sobretudo, a vida, e, de poderosas razões de sentimento, nasceram as minhas hesitações que bem equivalem por princípios fundamentais de crença.

UM MATERIALISTA EM BUSCA DA FÉ

Fui um materialista que se desvelou na procura da fé religiosa que lhe ofertasse um alicerce estritamente positivo. Não a alcancei aí e, martirizando a minha inteligência, dediquei, às cogitações da matéria, todos os meus esforços e energias.

AGI MAL... AGI BEM...

Agi mal? Agi bem?

Estudando o meu próprio trabalho, agi mal, porquanto poderia realizar muito mais pelo progresso humano; e agi bem porque só a verdade me interessou, constituindo o sopro da minha atividade laboriosa e o alvo de todos os meus desejos.

A DEFESA DAS CONSCIÊNCIAS CONTRA O ABSURDO DOGMÁTICO

Indistintamente, os homens, de maneira coletiva, colaboraram no edifício da evolução comum e cada um deles representa um papel individualmente considerado, o qual repercute no toda a teoria do positivismo, se é susceptível de envenenar alguns espíritos que se caracterizam por lamentável amorfia, assegura um passo a mais da Humanidade na estrada de sua ascensão. Foi o único reduto defensivo das consciências, opondo uma negativa reiterada e extrema ao absurdo dogmático, nada mais nocivo ao espírito humano, considerado em todos os seus aspectos e esferas

de ação. Através da inductilidade dos seus métodos de aprendizado, escalpelando acontecimentos, partindo do particular para o geral, sem ilações que confundam o raciocínio, chegará ao ponto limítrofe entre o físico e o transcendente, o que já se esboça com os estudos metafísicos efetuados, e onde se estabelecerá definitivamente a existência de uma causa inteligente e ativa, reintegrando a matéria no lugar do elemento passível que lhe cabe.

E A CIÊNCIA E A RELIGIÃO SE REUNIRÃO EM DEUS

Estabelecida essa causa, a ciência e a religião, divorciadas pela fé cega e pelos realismos incontestes, se reunirão em Deus, origem suprema de toda a vida.

E A PERSPECTIVA IMENSA QUE SE ABRE COM A MORTE

Na existência terrena, vivemos o combate das idéias e das cousas, cujo objetivo é o aperfeiçoamento geral dos seres.

Todos os homens e sistemas possuem aí doses de ilusão e de certeza. A morte, todavia, transformação fundamental de todas as cousas, é o sopro ciclópico de realidades absolutas, descortinando ao espírito a perspectiva imensa da ciência universal. Transpostos os seus umbrais, é que reconhecemos a positividade dos elementos subjetivos que formam a ciência ideal, tocando os sentimentos em suas substâncias vivas, estudando a verdade em seus fundamentos intrínsecos, porque somente com uma reivindicação de nossa liberdade podemos assimilar o espiritualismo, isento de dogmatismos incoerentes e de absurdos afirmativos que entorpecem o espírito no seu nobilíssimo propósito de estudar e compreender a vida em suas facetas multiformes.

O EMBRIÃO PROMISSOR DA QUÍMICA ESPIRITUAL E DA RENOVAÇÃO

São tais as matérias intangíveis que cercam o homem terreno, sem que ele as consiga apreender, que as suas capacidades perceptivas se reduzem a um aglomerado de imagens enganadoras; compete à ciência utilizar-se de todas as suas faculdades inventivas, perquirir todos os fatos observáveis, enumerá-los, concatená-los, esforçar-se abnegadamente pelo progresso geral, porquanto se encontra na antecâmara da fé positiva, para cuja concretização marcham todos os ideais humanos da atualidade; dentro do psiquismo hodierno, desenvolve-se o embrião promissor da química espiritual que há de trazer a renovação moral, política e social do orbe, sintetizada no socialismo cristão que todos os sistemas religiosos aguardam como índice de uma nova era; e que todos os estudiosos concorram com o seu trabalho pelo

monumento grandioso do porvir da humanidade, mourejando, ainda que com sacrifício, na tarefa bendita da reforma que se espera, cumprindo um dever de solidariedade fraterna.

COMO SEMPRE, NO RUMO DAS VERDADES ETERNAS

A maneira abstrata, através da qual veiculo a minha palavra, oferece poucos elementos de base à credulidade alheia; porém, não há necessidade de qualquer certificado personalista, já que, como outrora, só a verdade me guia e impulsiona, indene de todas as preocupações pessoais. As essências dessa mesma verdade não as receberão talvez como imanescentes da minha individualidade sobrevivente; todavia, elas constituem indefectível lição.

A CIÊNCIA NOS APROXIMARÁ DE DEUS

O positivismo evolui para as realidades estáveis do Universo, penetrando as causas supremas da existência, decifrando todos os enigmas do destino e do ser, estabelecendo a unidade das almas nas aspirações evolutivas e que todos os seus corifeus se convençam, como Bacon, de que a muita ciência nos aproxima de Deus e a pouca ciência afasta-nos Dele. — M. Berthelot⁶¹

Capítulo XXVII

AS ÚLTIMAS REVELAÇÕES DE CHICO XAVIER⁶²

Todos os momentos em que o famoso psicógrafo esteve em transe foram fixados pela reportagem cinematográfica dos "Diários Associados"

Rio, (via aérea)⁶³ — Após ligeiro repouso nesta capital, onde até às vésperas de sua partida se manteve incógnito, tendo sido, porém, identificado e localizado na

⁶¹ Esta mensagem, ao que nos consta, é inédita. Não encontramos registro de sua publicação em nenhuma das obras psicografadas por Chico Xavier.

⁶² Este artigo não fã- parte da série de reportagens de Clementina de Alencar. Foi transcrito pelo jornal *O Povo* um ano após a divulgação dos artigos objeto deste livro. Todavia, por sua importância histórica, registrando, talvez, a primeira visita do médium de Pedro Leopoldo à então capital federal, resolvemos inseri-la no conjunto da obra.

⁶³ Jornal *O Povo* — 14 de julho de 1936.

residência do sr. Manoel Quintão⁶⁴, no Engenho Novo, Chico Xavier, o famoso e discutido psicógrafo de Pedro Leopoldo, regressou para sua terra, não sem antes dar novas demonstrações de suas extraordinárias faculdades mediúnicas, numa reunião na sede da Federação Espírita, na Avenida Passos.

Num ambiente de interesse indescritível, o sr. Manoel Quintão vice-Presidente daquela instituição, apresentou Chico Xavier à assistência, indagando inicialmente se os que ali se encontravam tinham vindo ver simplesmente o invólucro material ou a irradiação superior de um mensageiro dos guias espirituais dos discípulos e crentes da doutrina de Kardec.

Pouco depois, ultimados ligeiros preparativos, Chico Xavier caía em transe, recebendo comunicações espirituais.

Nessa ocasião, a reportagem cinematográfica dos "Diários Associados" fixou, em filme que será brevemente exibido nos cinemas desta capital, vários momentos e atitudes do famoso psicógrafo quando sob a influência dos mensageiros espíritas, colhendo, assim, uma reportagem sensacionalíssima.⁶⁵

POESIAS DE ANTERO DE QUENTAL E AUGUSTO DOS ANJOS

Graças aos bons ofícios do senhor Manoel Quintão, em cuja residência esteve Chico Xavier em sua rápida permanência nesta capital, o Diário da Noite pode agora divulgar ao público duas recentes comunicações recebidas pelo conhecido médium.

São dois sonetos que lhe foram transmitidos pelos espíritos Augusto dos Anjos e Antero de Quental.

Em ambos, são evidentes as similitudes de vocabulário e métrica dos dois grandes poetas da língua portuguesa.

Sob a epígrafe de "Guerra", Augusto dos Anjos assim se pronunciou das misteriosas regiões do Além:

GUERRA

Na guerra, em meio à fome, ao pranto e aos lutos,

O homem é ainda inferior aos seres brutos

Entre os necrófagos dos vermes,

Imprecações de abismo negro e fundo

E a humanidade estrábica se apresta

Para os horrores da nefanda festa

Das Legiões carnívoras do mundo.

Guerra é a insensatez, guerra é o profundo

Retrocesso de um orbe que se empresta

⁶⁴ Manoel Justiniano de Freitas Quintão (1874-1954) exerceu cargos de relevo por diversos períodos na Federação Espírita Brasileira, sendo seu presidente, vice-presidente, diretor do Grupo Ismael, da livraria e do *Reformador*. Foi o responsável pela publicação e divulgação de *Parnaso de Além-Túmulo*.

⁶⁵ A notícia da existência deste filme de 1936 é surpreendente. Não sabemos do seu paradeiro. Caso fosse encontrado, seria um dos mais valiosos documentos do Movimento Espírita

Clamor da besta humana que protesta
A Hediondez do seu plano nauseabundo

Maldita a mão horrífera que assina
As infâmias do sangue e da chacina
Estraçalhando corações inermes.

É este o soneto de Antero de Quental:

CELESTE JEREMIAS

Como outrora nas grandes agonias,
Jesus fitando os pecadores,
Chora como o Celeste Jeremias
Sobre a Jerusalém de tantas dores.

Triste é a visão do mundo de amargores
Cheio de estradas ermas e sombrias
Onde se expande em surtos inferiores
A civilização dos vossos dias.

Agora e eternamente como antanho
O Divino Pastor zela o rebanho
Lamentando as ovelhas desgarradas.

Jesus afasta a Treva, a Dor e o Crime,
Salvando com o seu pranto almo e sublime
Os corações que tombam nas estradas.

LIVROS PSICOGRAFADOS POR FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER

- ...E o Amor Continua* — Emmanuel, 1983
50 Anos Depois — Emmanuel, 1940
Abençoa Sempre — Espíritos Diversos, 1993
Abrigo — Emmanuel, 1986
A Caminho da Luz — Emmanuel, 1938
Ação, Vida e Luz — Espíritos Diversos, 1991
Ação e Caminho — Emmanuel / André, 1987
Ação e Reação — André Luiz, 1957
Aceitação e Vida — Margarida Soares, 1989
Adeus Solidão — Espíritos Diversos, 1982
Agência de Notícias — Jair Presente, 1986
Agenda Cristã — André Luiz, 1948
Agenda de Luz — Espíritos Diversos, 1998
Agora e o Tempo — Emmanuel, 1984
Algo Mais — Emmanuel, 1980
Alma do Povo — Cornélio Pires, 1996
Alma e Coração — Emmanuel, 1969
Alma e Luz — Emmanuel, 1990
Alma e Vida — Maria Dolores, 1984
Almas em Desfile — Hilário Salva, 1961
A Luz da Oração — Espíritos Diversos, 1969
Alvorada Cristã — Neio Lúcio, 1948
Alvorada do Reino — Emmanuel, 1988
Amanhece Espíritos — Diversos, 1976
Amigo — Emmanuel, 1979
Amizade — Meimei, 1977
Amor e Luz — Emmanuel/Esp., 1977
Amor e Saudade — Espíritos Diversos, 1985
Amor sem Adeus — Walter Perrone, 1978
Anotações da Mediunidade — Emmanuel, 1995
Antenas de Luz — Laurinho, 1983
Ante o Futuro — Espíritos Diversos, 1990
Antologia da Amizade — Emmanuel, 1995
Antologia da Caridade — Espíritos Diversos, 1995
Antologia da Criança — Espíritos Diversos, 1979
Antologia da Esperança — Espíritos Diversos, 1995
Antologia da Espiritualidade — Maria Dolores, 1971
Antologia da Juventude — Espíritos Diversos, 1995
Antologia da Paz — Espíritos Diversos, 1994

Antologia do Caminho — Espíritos Diversos, 1997
Antologia dos Imortais — Espíritos Diversos, 1963
Antologia Mediúnica do Natal — Espíritos Diversos, 1967
Apelos Cristãos — Bezerra De Menezes, 1986
A Ponte — Espíritos Diversos, 1983
Apostilas da Vida — André Luiz, 1986
A Semente de Mostarda — Emmanuel, 1990
As Palavras Cantam — Carlos Augusto, 1993
Assembléia de Luz — Espíritos Diversos, 1988
Assim Vencerás — Emmanuel, 1978
Assuntos da Vida e da Morte — Espíritos Diversos, 1991
Astronautas do Além — Espíritos Diversos, 1974
Atenção — Emmanuel, 1981
A Terra e o Semeador — Emmanuel, 1975
Através dos Tempos — Espíritos Diversos, 1972
Augusto Vive — Augusto Cezar, 1981
Aulas da Vida — Espíritos Diversos, 1981
Auta de Souza — Auta De Souza, 1976
Ave, Cristo! — Emmanuel, 1953
A Verdade Responde — Emmanuel / André Luiz, 1990
A Vida Conta — Maria Dolores, 1980
A Vida Escreve — Hilário Silva, 1960
A Volta — Espíritos Diversos, 1993
Bastão de Arrimo — Willian, 1984
Baú de Casos — Cornélio Pires, 1977
Bazar da Vida — Jair Presente, 1985
Bênção de Paz — Emmanuel, 1971
Bênçãos de Amor — Espíritos Diversos, 1993
Bezerra, Chico e Você — Bezerra De Menezes, 1973
Boa Nova — Emmanuel, 1942
Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho-Humberto de Campos, 1938
Brilhe Vossa Luz — Espíritos Diversos, 1987
Busca e Acharás — Emmanuel/André, 1976
Calendário Espírita — Espíritos Diversos, 1974
Calma — Emmanuel, 1979
Caminho, Verdade e Vida — Emmanuel, 1949
Caminho Espírita — Espíritos Diversos, 1967
Caminho Iluminado — Emmanuel, 1998
Caminhos — Emmanuel, 1981
Caminhos da Fé — Cornélio Pires, 1997
Caminhos da Vida — Cornélio Pires, 1997
Caminhos de Volta — Espíritos Diversos, 1975
Caminhos do Amor — Maria Dolores, 1983

Canais da Vida — Emmanuel, 1986
Canteiro de Idéias — Espíritos Diversos, 1999
Caravana de Amor — Espíritos Diversos, 1985
Caridade — Espíritos Diversos, 1978
Carmelo Grisi, Ele Mesmo — Carmelo Grisi, 1992
Cartas de Uma Morta — Maria João De Deus, 1932
Cartas do Coração — Espíritos Diversos, 1952
Cartas do Evangelho — Casimiro Cunha, 1941
Cartas e Crônicas — Irmão X, 1966
Cartilha da Natureza — Casimiro Cunha, 1944
Cartilha do Bem — Meimei, 1962
Ceifa de Luz — Emmanuel, 1979
Centelhas — Emmanuel, 1992
Chão de Flores — Espíritos Diversos, 1975
Chico Xavier — Mandato De Amor — Espíritos Diversos, 1993
Chico Xavier dos Hippies aos Problemas do Mundo- Espíritos Diversos,
1972
Chico Xavier em Goiânia — Emmanuel, 1977
Chico Xavier Pede Licença — Espíritos Diversos, 1972
Claramente Vivos — Espíritos Diversos, 1979
Coisas Deste Mundo — Cornélio Pires, 1977
Coletânea do Além — Espíritos Diversos, 1945
Comandos do Amor — Espíritos Diversos, 1988
Compaixão — Emmanuel, 1993
Companheiro — Emmanuel, 1977
Confia e Segue — Emmanuel, 1984
Confia e Serve — F. C. Xavier/C. A. Bacelli, 1989
Construção do Amor — Emmanuel, 1988
Continuidade — Espíritos Diversos, 1990
Contos Desta e Doutra Vida — Irmão X, 1964
Contos e Apólogos — Irmão X, 1958
Conversa Firme — Cornélio Pires, 1975
Convivência — Emmanuel, 1984
Coração e Vida — Maria Dolores, 1978
Corações Renovados — Espíritos Diversos, 1988
Coragem — Espíritos Diversos, 1971
Correio do Além — Espíritos Diversos, 1983
Correio Fraternal — Espíritos Diversos, 1970
Crer e Agir — Emmanuel/Irmão José, 1986
Crianças no Além — Marcos, 1977
Crônicas de Além-Túmulo — Humberto De Campos, 1936
Cura — Espíritos Diversos, 1988
Dádivas de Amor — Maria Dolores, 1990
Dádivas Espirituais — Espíritos Diversos, 1994

Degraus da Vida — Cornélio Pires, 1996
Desobsessão — André Luiz, 1964
Deus Aguarda — Meimei, 1980
Deus Sempre — Emmanuel, 1976
Diálogo dos Vivos — Espíritos Diversos, 1974
Diário de Bênçãos — Cristiane, 1983
Dicionário da Alma — Espíritos Diversos, 1965
Dinheiro — Emmanuel, 1986
Doações de Amor — Emmanuel, 1992
Doutrina de Luz, — Emmanuel, 1990
Doutrina e Aplicação — Espíritos Diversos, 1989
Doutrina Escola — Espíritos Diversos, 1996
Doutrina e Vida — Espíritos Diversos, 1987
E a Vida Continua ... — André Luiz, 1968
Educandário de Luz — Espíritos Diversos, 1985
Elenco de Familiares — Espíritos Diversos, 1995
Eles Voltaram — Espíritos Diversos, 1981
Emmanuel — Emmanuel, 1938
Encontro de Paz — Espíritos Diversos, 1973
Encontro Marcado — Emmanuel, 1967
Encontros no Tempo — Espíritos Diversos, 1979
Endereços da Paz — André Luiz, 1982
Entender Conversando — Emmanuel, 1984
Entes Queridos — Espíritos Diversos, 1982
Entre a Terra e o Céu — André Luiz, 1954
Entre Duas Vidas — Espíritos Diversos, 1974
Entre Irmãos de Outras Terras — Espíritos Diversos, 1966
Entrevistas — Emmanuel, 1971
Enxugando Lágrimas — Espíritos Diversos, 1978
Escada de Luz — Espíritos Diversos, 1999
Escola no Além — Cláudia P. Galasse, 1988
Escrínio de Luz — Emmanuel, 1973
Escultores de Almas — Espíritos Diversos, 1987
Esperança e Alegria — Espíritos Diversos, 1987
Esperança e Luz — Espíritos Diversos, 1993
Esperança e Vida — Espíritos Diversos, 1985
Espera Servindo — Emmanuel, 1985
Estamos no Além — Espíritos Diversos, 1983
Estamos Vivos — F.C.X./Barbosa/Diversos, 1993
Estantes da Vida — Irmão X, 1969
Estradas e Destinos — Espíritos Diversos, 1987
Estrelas no Chão — Espíritos Diversos, 1987
Estude e Viva — Emmanuel/André Luiz, 1965
Evangelho em Casa — Meimei, 1960

Evolução em Dois Mundos — André Luiz, 1959
Excursão de Paz — Espíritos Diversos, 1990
Falando a Terra — Espíritos Diversos, 1951
Falou e Disse — Augusto Cezar, 1978
Família — Espíritos Diversos, 1981
Fé — Espíritos Diversos, 1984
Fé, Paz e Amor — Emmanuel, 1989
Feliz Regresso — Espíritos Diversos, 1981
Festa de Paz — Espíritos Diversos, 1986
Filhos Voltando — Espíritos Diversos, 1982
Fonte de Paz — Espíritos Diversos, 1987
Fonte Viva — Emmanuel, 1956
Fotos da Vida — Augusto Cezar Netto, 1989
Fulgor no Entardecer — Espíritos Diversos, 1991
Gabriel — Gabriel, 1982
Gaveta de Esperança — Laurinho, 1980
Gotas de Luz — Casimiro Cunha, 1952
Gotas de Paz — Emmanuel, 1993
Gratidão e Paz — Espíritos Diversos, 1988
Há Dois Mil Anos — Emmanuel, 1939
Harmonização — Emmanuel, 1990
História de Maricota — Casimiro Cunha, 1947
Histórias e Anotações — Irmão X, 1989
Hoje — Emmanuel, 1984
Hora Certa — Emmanuel, 1987
Horas de Luz — Espíritos Diversos, 1984
Humorismo no Além — Maria Dolores, 1984
Ideal Espírita — Espíritos Diversos, 1963
Idéias e Ilustrações — Espíritos Diversos, 1970
Indicações do Caminho — Carlos Augusto, 1995
Indulgência — Emmanuel, 1989
Inspiração — Emmanuel, 1979
Instruções Psicofônicas — Espíritos Diversos, 1956
Instrumentos do Tempo — Emmanuel, 1974
Intercâmbio do Bem — Espíritos Diversos, 1987
Intervalos — Emmanuel, 1981
Irmão — Emmanuel, 1980
Irmãos Unidos — Espíritos Diversos, 1988
Irmã Vera Cruz — Emmanuel, 1980
Janela Para a Vida — Espíritos Diversos, 1979
Jardim da Infância — João de Deus, 1947
Jesus em Nós — Emmanuel, 1987
Jesus no Lar — Neio Lúcio, 1950
Jóia — Emmanuel, 1985

Jovens no Além — Espíritos Diversos, 1975
Jucá Lambisca — Casimiro Cunha, 1961
Juntos Venceremos — Espíritos Diversos, 1985
Justiça Divina — Emmanuel, 1962
Lar-oficina, Esperança e Trabalho — Espíritos Diversos, 1988
Lázaro Redivivo — Irmão X, 1945
Lealdade — Maurício G. Henrique, 1982
Leis de Amor — Emmanuel, 1963
Levantar e Seguir — Emmanuel, 1992
Libertação — André Luiz, 1949
Linha Duzentos — Emmanuel, 1981
Lira Imortal — Espíritos Diversos, 1938
Livro da Esperança — Emmanuel, 1964
Livro de Respostas — Emmanuel, 1980
Loja de Alegria — Jair Presente, 1985
Luz Acima — Irmão X, 1948
Luz Bendita — Emmanuel/Esp., 1977
Luz e Vida — Emmanuel, 1986
Luz no Caminho — Emmanuel, 1992
Luz no Lar — Espíritos Diversos, 1968
Mãe — Espíritos Diversos, 1971
Mais Luz — B atuíra, 1970
Pensamento e Vida — Emmanuel, 1958
Perante Jesus — Emmanuel, 1990
Pérolas de Luz — Emmanuel, 1992
Pérolas do Além — Emmanuel, 1952
Pétalas da Primavera — Espíritos Diversos, 1990
Pétalas da Vida — Cornélio Pires, 1997
Pinga Fogo (Primeira) — Espíritos Diversos, 1971
Pingo de Luz — Carlos Augusto, 1995
Plantão da Paz — Emmanuel, 1988
Plantão de Respostas — Pinga Fogo II, 1995
Poetas Redivivos — Espíritos Diversos, 1969
Ponto de Encontro — Jair Presente, 1986
Pontos e Contos — Irmão X, 1951
Porto de Alegria — Espíritos Diversos, 1990
Praça da Amizade — Espíritos Diversos, 1982
Preito de Amor — Espíritos Diversos, 1993
Presença de Laurinho — Laurinho, 1983
Presença de Luz — Augusto Cezar Netto, 1984
Pronto Socorro — Emmanuel, 1980
Quando se Pretende Falar da Vida — Roberto Muszkat, 1984
Queda e Ascensão da Casa dos Benefícios — Espíritos Diversos, 1991
Quem São — Espíritos Diversos, 1982

Rapidinho — Jair Presente, 1989
Recados da Vida — Espíritos Diversos, 1983
Recados da Vida Maior — Espíritos Diversos, 1995
Recados do Além — Emmanuel, 1978
Recanto de Paz — Espíritos Diversos, 1976
Reconforto — Emmanuel, 1986
Reencontros — Espíritos Diversos, 1982
Refúgio — Emmanuel, 1989
Relatos da Vida — Irmão X, 1988
Relicário de Luz — Espíritos Diversos, 1962
Religião dos Espíritos — Emmanuel, 1961
Renascimento Espiritual — Espíritos Diversos, 1995
Renúncia — Casimiro Cunha, 1944
Reportagens de Além-Túmulo — Humberto de Campos, 1943
Resgate e Amor — Tiaminho, 1987
Respostas da Vida — André Luiz, 1975
Retornaram Contando — Espíritos Diversos, 1984
Retratos da Vida — Cornélio Pires, 1974
Revelação — Jair Presente, 1993
Rosas Com Amor — Espíritos Diversos, 1973
Roseiral de Luz — Espíritos Diversos, 1988
Roteiro — Emmanuel, 1952
Rumo Certo — Emmanuel, 1971
Rumos da Vida — Espíritos Diversos, 1981
Saudação do Natal — Espíritos Diversos, 1996
Seara da Fé — Espíritos Diversos, 1982
Seara dos Médiuns — Emmanuel, 1961
Segue-me — Emmanuel, 1973
Seguindo Juntos — Espíritos Diversos, 1982
Semeador em Tempos Novos — Emmanuel, 1989
Semente — Emmanuel, 1993
Sementes de Luz — Espíritos Diversos, 1987
Senda Para Deus — Espíritos Diversos, 1997
Sentinelas da Alma — Meimei, 1982
Sentinelas da Luz — Espíritos Diversos, 1990
Servidores no Além — Espíritos Diversos, 1989
Sexo e Destino — André Luiz, 1963
Sinais de Rumo — Espíritos Diversos, 1980
Sinal Verde — André Luiz, 1971
Sínteses Doutrinárias — Espíritos Diversos, 1995
Somente Amor — Maria, 1978
Somos Seis Espíritos — Diversos, 1976
Sorrir e Pensar — Espíritos Diversos, 1984
Taça de Luz — Espíritos Diversos, 1972

Tão Fácil — Espíritos Diversos, 1985
Temas da Vida — Espíritos Diversos, 1987
Tempo de Luz — Espíritos Diversos, 1979
Tempo e Amor — Espíritos Diversos, 1984
Tempo e Nós — Emmanuel/André Luiz, 1993
Tende Bom Ânimo — Espíritos Diversos, 1987
Tesouro de Alegria — Espíritos Diversos, 1993
Timbolão — Casimiro Cunha, 1962
Tintino ... O Espetáculo Continua — Francisca Clotilde, 1976
Tocando o Barco — Emmanuel, 1984
Toques da Vida — Corneio Pires, 1997
Traços de Chico Xavier — Espíritos Diversos, 1997
Trevo de Idéias — Emmanuel, 1987
Trilha de Luz — Espíritos Diversos, 1990
Trovadores do Além — Espíritos Diversos, 1965
Trovas da Vida — Cornélio Pires, 1999
Trovas do Coração — Cornélio Pires, 1997
Trovas do Mais Além — Espíritos Diversos, 1971
Trovas do Outro Mundo — Espíritos Diversos, 1968
Uma Vida de Amor e Caridade — Espíritos Diversos, 1992
União em Jesus — Espíritos Diversos, 1994
Urgência — Emmanuel, 1980
Venceram — Espíritos Diversos, 1983
Vereda de Luz — Espíritos Diversos, 1990
Viajaram Mais Cedo — Espíritos Diversos, 1985
Viajar — Emmanuel, 1985
Viajores da Luz — Espíritos Diversos, 1981
Vida Além da Vida — Lineu De Paula Leão, 1988
Vida e Caminho — Espíritos Diversos, 1994
Vida em Vida — Espíritos Diversos, 1980
Vida e Sexo — Emmanuel, 1970
Vida no Além — Espíritos Diversos, 1980
Vida Nossa Vida — Espíritos Diversos, 1983
Vinha de Luz — Emmanuel, 1952
Visão Nova — Espíritos Diversos, 1987
Vitória — Espíritos Diversos, 1987
Vivendo Sempre — Espíritos Diversos, 1981
Viveremos Sempre — Espíritos Diversos, 1994
Volta Bocage — Manuel M.b. Du Bocage, 1947
Voltei — Irmão Jacob, 1949
Vozes da Outra Margem — Espíritos Diversos, 1987
Vozes do Grande Além — Espíritos Diversos, 1957

CRONOLOGIA DA VIDA DE CHICO XAVIER

- 1910 Nasce, em 2 de abril, Francisco de Paula Cândido, nome de batismo, o Chico Xavier, na cidade mineira de Pedro Leopoldo/MG, filho de João Cândido Xavier, vendedor de bilhetes de loteria, e de Maria João de Deus, uma lavadeira.
- 1914 Aos 4 anos de idade tem a primeira manifestação significativa de mediunidade. Ele interrompe uma conversa entre seus pais com palavras e raciocínio surpreendentes para a sua idade e meio social.
- 1915 Morre sua mãe, Maria João de Deus, em 29 de setembro. Nesse mesmo ano vai morar com sua madrinha, Maria Rita de Cássia, amiga de sua mãe.
- 1917 Em dezembro, seu pai casa-se com Cidália Batista, que reúne todos os filhos do marido novamente e Chico volta a viver em família.
- 1919 Começa a freqüentar, em janeiro, o Grupo Escolar São José — tendo como professoras Rosaria Laranjeiras, Alfa de Azevedo Caldas, Ana Alves de Almeida e Guida Viana — e a trabalhar na fábrica de tecidos.
- 1922 Ao escrever uma redação sobre a Independência do Brasil, viu que havia um homem ao seu lado ditando o que ele deveria escrever. Ele chamou a professora e contou o ocorrido. Chico ganhou menção honrosa pelo texto e algumas insinuações a respeito da autoria do texto.
- 1923 Conclui o curso primário, após repetir a quarta série.
- 1925 Começa a trabalhar no comércio. Primeiro, como auxiliar de cozinha no Bar do Dove. Em seguida, na venda de José Felizardo Sobrinho.
- 1927 No dia 17 de maio tem sua primeira experiência na doutrina espírita, quando sua irmã Maria Xavier Pena, doente e desenganada pelos médicos, é levada até a casa de uma família espírita. Faz uma prece em torno do leito da irmã. Ela é curada. A partir daí começa a freqüentar reuniões espíritas. Em 21 de junho, torna-se secretário do recém-fundado Centro Espírita Luís Gonzaga, que funciona num barracão onde morava o seu irmão e também presidente do Centro, José Xavier. No dia 8 de julho psicografa, pela primeira vez, no Centro Espírita Luís Gonzaga e escreve 17 páginas com a assinatura final de "Um espírito amigo".
- 1928 São publicadas suas primeiras mensagens psicografadas pelo matutino carioca *O Jornal* e, logo depois, pelo *Almanaque de Notícias*, de Portugal.
- 1931 Aparece-lhe o seu mentor espiritual, que pede para ser chamado de Emmanuel. A 19 de abril falece Cidália Batista, sua madrastra e amiga. Neste mesmo ano psicografa pela primeira vez um poema com a assinatura do es-

- pírito Casimiro Cunha (1880-1914). Poeta menor, mas com uma particularidade: espírita convicto e confesso.
- Edita seu primeiro livro, *Parnaso de Além-Túmulo*, uma coletânea de 59 poemas assinados por 14 grandes poetas brasileiros já falecidos: Castro Alves, Casimiro de Abreu, Augusto dos Anjos, Guerra Junqueiro, entre outros.
- 1935 O livro ganha notoriedade e o jornal carioca *O Globo* faz uma série de reportagens com o médium, assinadas pelo repórter Clementino de Alencar. Nessa época ele psicografa em várias línguas, como inglês e italiano. Recebe ainda mensagens do escritor Humberto de Campos. Em 25 de junho, dado o interesse que entre os leitores despertaram as reportagens do *O Globo*, as mesmas foram transcritas, na íntegra, a começar da primeira, pelo jornal *O POVO*, de Fortaleza, contendo a publicação sistematizada daquelas interessantes reportagens, as chamadas "Mensagens de Além-Túmulo", obtidas por intermédio do jovem Francisco Cândido Xavier, de Pedro Leopoldo. No segundo semestre desse ano entra para o Ministério da Agricultura, trabalhando na Fazenda Modelo de Pedro Leopoldo.
- 1939 Lança o livro *Crônicas de Além-Túmulo*, com textos do escritor maranhense Humberto de Campos, falecido em 1934
- 1940 Fica gravemente doente. Os médicos prevêm um ataque de uremia, o que não chega a ocorrer.
- Começa a trabalhar com o espírito André Luiz.
- 1944 É processado pela família do escritor Humberto de Campos, que exige parte dos direitos autorais dos livros psicografados. A Justiça decide a favor do médium, que, por sugestão de Humberto, passa a usar o pseudônimo Irnã X nas futuras obras psicografadas. Ainda neste ano publica o livro *Nosso Lar*, que se torna um *best-seller* na literatura espírita, chegando a uma tiragem de 1.277.000 exemplares.
- 1946** Fica doente, vítima de tuberculose
- 1951 É operado de uma hérnia estrangulada.
- Amauri Xavier Pena, sobrinho de Chico Xavier, filho de sua irmã Maria Xavier, também psicógrafo, em profundo desequilíbrio, declara aos jornais que, por se sentir amargurado, decide contar que suas psicografias foram criações suas, sem nenhuma interferência dos espíritos, assim como as de seu tio Em 5 de junho muda-se para Uberaba (MG).
- Publica, em parceria com o também médium Waldo Vieira, o livro *Mecanismos da Mediunidade*.
- Aposenta-se, após 30 anos de serviços prestados como auxiliar de serviço na antiga Inspecção Regional do Serviço de Fomento da Produção Animal, por invalidez
- 1965 Vai aos Estados Unidos para divulgar o Espiritismo e fazer um tratamento oftalmológico.
- 1969 Viaja a São Paulo para se submeter a uma cirurgia na próstata.

- 1972 Em 3 de janeiro, concede uma entrevista de quatro horas na extinta TV Tupi, no programa "Pinga-Fogo", com audiência de 20 milhões de telespectadores.
- 1975 Em junho, aos 65 anos, anuncia que encerrará suas atividades mediúnicas por causa do desgaste físico e por não conseguir superar o processo de hipotensão, surgido em 1973.
- 1976 Tem sua primeira crise de angina.
- 1980 É indicado para receber o Prêmio Nobel da Paz de 1981, numa campanha liderada pelo então diretor da Rede Globo, Augusto César Vanucci.
- 1983 Em setembro, coloca, pela primeira vez, sua voz em quatro LPs, lançados pela gravadora Fermata, para transmitir suas mensagens de paz. Os discos trazem apenas o nome de Chico Xavier na capa, ao lado de um desenho de seu rosto.
- 1985 No dia 28 de junho, João Francisco de Deus é julgado inocente da morte de sua mulher Gleide Maria Dutra, morta com um tiro no pescoço, no dia 1º de março de 1980. Cartas de Gleide, inocentando João Francisco, psicografadas por Chico Xavier nove meses após sua morte, foram usadas pela defesa do acusado.
- 1985 Recebe, no mês de agosto, a visita de D. Risoleta, viúva de Tancredo Neves, falecido em abril de 1985. Ela, porém, nunca recebeu mensagens do marido.
- 1993 Em 27 de fevereiro, é procurado por Glória Perez, mãe da atriz Daniela Perez, assassinada no final de 1992. Glória pede que Chico Xavier converse com sua filha.
- 1995 Em 18 de setembro, um enfisema pulmonar o deixa com apenas 35 quilos e preso a uma cadeira de rodas.
- 1997 Publica o livro de poesias *Traços de Chico Xavier*.
- 1997 Publica *Caminho Iluminado*, do espírito Emmanuel.
- 1999 Publica seu último livro *Escada de Luz*, totalizando 415 livros editados, muitos deles traduzidos em diversas línguas e também em braile.
- 2001 Aos 91 anos está com apenas 30% de sua audição, cego de um olho e enfraquecido. Contrai uma pneumonia nos dois pulmões. Tem a saúde vigiada por enfermeiros e seu médico particular. Apesar de muito doente, ele fez atendimento até o dia 29 de junho de 2002, véspera de sua desencarnação.